



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Letras

Lays Fernandes dos Santos

**Usos de vocativos em relações interpessoais: contribuições para o ensino  
de Português do Brasil Língua Não Materna**

Rio de Janeiro

2020

Lays Fernandes dos Santos

**Usos de vocativos em relações interpessoais: contribuições para o ensino de Português do Brasil Língua Não Materna**



Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de Concentração: Estudos de Língua.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre do Amaral Ribeiro

Rio de Janeiro

2020

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/B

S237 Santos, Lays Fernandes dos.  
Usos de vocativos em relações interpessoais: contribuições para o ensino de português do Brasil Língua Não Materna / Lays Fernandes dos Santos. - 2020.  
193 f.: il.

Orientador: Alexandre do Amaral Ribeiro.  
Tese (doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Letras.

1. Língua portuguesa - Estudo e ensino – Teses. 2. Linguística - Teses. 3. Funcionalismo (Linguística) – Teses. 4. Comunicação oral - Teses. I. Ribeiro, Alexandre do Amaral. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Letras. III. Título.

CDU 806.90(07)

Bibliotecária: Eliane de Almeida Prata. CRB7 4578/94

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese, desde que citada a fonte.

---

Assinatura

---

Data

Lays Fernandes dos Santos

**Usos de vocativos em relações interpessoais: contribuições para o ensino de Português do Brasil Língua Não Materna**

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de Concentração: Estudos de Língua.

Aprovada em 07 de agosto de 2020.

Banca Examinadora:

---

Prof. Dr. Alexandre do Amaral Ribeiro (orientador)  
Instituto de Letras - UERJ

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Denise Salim Santos  
Instituto de Letras - UERJ

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Tania Maria Nunes de Lima Camara  
Instituto de Letras - UERJ

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Rosa Marina de Brito Meyer  
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Adriana Leite do Prado Rebello  
Universidade Federal Fluminense

Rio de Janeiro

2020

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho a minha família, que tanto colaborou e me incentivou a continuar.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, pela vida e por ter me feito encontrar pessoas dispostas a colaborar com meu crescimento.

A meus pais, Paulo (in memoriam) e Luci, por terem me colocado na direção dos estudos.

A Luis Fernando, pelo companheirismo e incentivo a continuar.

A meus filhos, Thales e Júlia, maiores motivações de meu desenvolvimento humano.

Ao professor Dr. Alexandre do Amaral Ribeiro, pelo compartilhamento de seus conhecimentos, pelas ricas orientações e por seu constante bom humor, tornando o caminho mais leve.

Às professoras Dr<sup>a</sup> Denise Salim Santos, Dr<sup>a</sup> Tania Maria Nunes de Lima Camara, Dr<sup>a</sup> Adriana Leite do Prado Rebello e Dr<sup>a</sup> Rosa Marina de Brito Meyer que, generosamente, aceitaram participar da banca de Defesa desta Tese, dispondo-se a colaborar com o aprimoramento deste trabalho.

A todos os professores com os quais tive a oportunidade de aprender desde os meus primeiros anos escolares até os dias de hoje e que, cada qual à sua maneira, contribuíram com a minha formação acadêmica, profissional e humana.

Aos amigos que disseram ter certeza de que eu conseguiria.

Àqueles que foram, àqueles que são e àqueles que ainda serão meus alunos, pois sem eles não haveria motivo para a busca de conhecimentos.

O saber deve ser como um rio, cujas águas doces, grossas, copiosas, transbordem do indivíduo, e se espraíem, estancando a sede dos outros. Sem um fim social, o saber será a maior das futilidades.

*Gilberto Freyre*

## RESUMO

SANTOS, Lays Fernandes dos. *Usos de vocativos em relações interpessoais: contribuições para o ensino de Português do Brasil Língua Não Materna*. 2020. 193 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

A presente pesquisa dedica-se ao estudo de vocativo, elemento linguístico de grande relevância em interações dialógicas cotidianas do brasileiro, estando presente em distintos níveis de formalidade. Um aprendiz estrangeiro pode encontrar dificuldades de recepção e de produção de usos de vocativos em português do Brasil, visto que pode, equivocadamente, basear-se em sua cultura de origem e no léxico de sua língua materna para escolhê-lo e, assim, estar sujeito a cometer enganos que podem prejudicar sua comunicação. Este trabalho possui como principal objetivo descrever usos de vocativos na fala informal cotidiana representativa do português brasileiro, mais especificamente do estado do Rio de Janeiro, com o intuito de colaborar com descrições que atendam às necessidades peculiares do ensino de Português Língua Não Materna (PLNM). Tem-se como objetivos específicos desta pesquisa: 1- Investigar critérios culturais que influenciam nas escolhas de vocativos; 2- Categorizar vocativos orais informais a partir de diferentes contextos situacionais; 3- Sugerir estratégias pedagógicas aplicáveis ao ensino de PLNM que busquem desenvolver a competência comunicativa e intercultural do aluno. A fim de levantar e discutir a atual conjuntura das contribuições teóricas a respeito do vocativo, buscou-se, inicialmente, elaborar um panorama das distintas abordagens acerca da descrição do vocativo em gramáticas de PLM e PLNM ao longo do tempo, assim como em recentes pesquisas acadêmicas brasileiras que se dedicaram a seu estudo. Em seguida, entendendo que a comunicação intercultural é influenciada por diferenças culturais, já que cada falante tende a perceber o mundo a partir de sua própria cultura, e partindo da premissa de que os usos de vocativos são realizados por influências dos contextos situacionais e culturais, foram abordados alguns conceitos antropológicos a respeito de Cultura e de Interculturalismo (ALMEIDA, 2015; BENNETT, 1998, 2011; DAMATTA, 1986, 1991, 1993; LEWIS, 2003; MEYER, 2016; PETERSON, 2004), da abordagem funcionalista da linguagem (NEVES, 1994, 2001, 2011), da Teoria dos Atos de Fala (AUSTIN, 1962; SEARLE 2002) e do Ensino de Português Língua Não Materna (ALMEIDA FILHO, 2012; ALMEIDA FILHO; LOMBELLO, 1997; MEYER, 1998, 2003; PERINI, 1997). Foi adotada uma concepção qualitativa de pesquisa com abordagem descritiva dos vocativos levantados em oito vídeos do canal “Porta dos Fundos” à luz do arcabouço teórico acima citado. Os resultados desta pesquisa apontam para o uso de vocativos como elementos linguísticos multifuncionais colaboradores dos atos de fala nos quais estão inseridos; para a possibilidade de o enunciador indicar ao enunciatário o espaço simbólico no qual intenciona estabelecer a interação comunicativa por meio de suas escolhas de vocativos; para maior incidência de vocativos em posição final do ato de fala e para o uso de interjeição como um elemento que também se presta a exercer tal função.

Palavras-chave: Vocativo. Funcionalismo. Atos de Fala. Ensino. PLNM.



## ABSTRACT

SANTOS, Lays Fernandes dos. *Uses of the vocative case in interpersonal relationships: contributions to the teaching of Portuguese as a second language*. 2020. 193 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

This research aims the study of the vocative case that is a linguistic element of great relevance in daily dialogic interactions among Brazilians, being used at different levels of formality. A foreign learner may face some difficulties in understanding or producing the vocative case in Brazilian Portuguese, since it can be mistakenly based on his or her culture of origin, as well as the lexicon of his or her own mother tongue, and thus to be susceptible to mistakes that can affect his or her communication. The main objective of this research is to investigate the Brazilians representative uses of the vocatives in their informal daily speech, more specifically the variant spoken in the state of Rio de Janeiro, in order to collaborate with the descriptions that meet the peculiar needs of teaching Portuguese as second language (PSL). The specific objectives of this research are: 1- To investigate the cultural criteria influencing the vocatives choices; 2- To categorize informal oral words from different situational contexts; 3- To suggest pedagogical strategies applicable to the teaching of PSL that seeks the development of the communicative and intercultural competence of the student. In order to raise and discuss the current conjuncture of theoretical contributions regarding the vocative case, we initially sought to elaborate an overview of the different approaches about the description of the vocative case in PNL and PSL grammars over time, as well as in recent Brazilian academic researches that have been dedicated to their study. Then, understanding that intercultural communication is influenced by cultural differences, since each speaker tends to perceive the world from his own, and assuming that the uses of vocatives are performed by cultural contexts and situational influences, some anthropological concepts regarding Culture and Interculturalism were addressed (ALMEIDA, 2015; BENNETT, 1998, 2011; DAMATTA, 1986, 1991, 1993; LEWIS, 2003; MEYER, 2016; PETERSON, 2004), the functionalist approach to language (NEVES, 1994, 2001, 2011), the Theory of Speech Acts (AUSTIN, 1962; SEARLE 2002) and the Teaching of Portuguese as a Second Language (ALMEIDA FILHO, 2012; ALMEIDA FILHO; LOMBELLO, 1997; MEYER, 1998, 2003; PERINI, 1997). In the light of the theoretical framework mentioned above, a qualitative conception of research with a descriptive approach of the vocatives raised through eight videos of the YouTube channel "*Porta dos Fundos*" was adopted. The results of this research point to the use of vocatives as multifunctional linguistic elements that collaborate to the speech in which they are inserted; to the possibility of the announcer to indicate to the interlocutor the symbolic space in which he or she intends to establish communicative interaction through his or choices of words; to a higher incidence of vocatives in the final position, and for the use of the interjection as a element that also lends itself to performing such function.

Keywords: Vocative Case. Functionalism. Acts of Speech. Teaching. PSL.

## RESUMEN

SANTOS, Lays Fernandes dos. *Usos de los vocativos en las relaciones interpersonales: contribuciones a la enseñanza del portugués brasileño idioma no nativo*. 2020. 193 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

Esta investigación está dedicada al estudio del vocativo, un elemento lingüístico de gran relevancia en las interacciones dialógicas diarias en Brasil, presente en diferentes niveles de formalidad. Un estudiante extranjero puede encontrar dificultades para recibir y producir usos vocacionales en portugués brasileño, ya que puede confiar erróneamente en su cultura nativa y en el léxico de su lengua materna para elegirlo y así ser sujeto a cometer errores que puedan dificultar su comunicación. El objetivo principal de este trabajo es investigar los usos informales de los vocativos en el discurso informal diario representativo del brasileño, específicamente en el estado de Río de Janeiro, para colaborar con descripciones que satisfagan las necesidades particulares de la enseñanza del portugués como lengua no nativa (PLNM). Los objetivos específicos de esta investigación son: 1- Investigar criterios culturales que influyen en las elecciones de los vocativos; 2- Categorizar los vocativos orales informales de diferentes contextos situacionales; 3- Presentar propuesta pedagógica con aplicabilidad en la enseñanza de PLNM que intente desarrollar la competencia comunicativa e intercultural del alumno. Con el fin de plantear y discutir la coyuntura actual de las contribuciones teóricas con respecto al vocativo, inicialmente se buscó elaborar una visión general de los diferentes enfoques de la descripción del vocativo en las gramáticas PLM y PLNM a lo largo del tiempo, así como en recientes investigaciones académicas brasileñas que se dedicaron a sus estudios. En seguida, con la comprensión de que la comunicación intercultural está influenciada por las diferencias culturales, ya que cada hablante tiende a percibir el mundo desde su propia cultura, y desde la premisa de que los usos vocativos se realizan a partir de las influencias de los contextos situacionales y culturales, se abordaron algunos conceptos antropológicos sobre cultura e interculturalidad (MEYER, 2016; PETERSON, 2004), el enfoque funcionalista de la lengua (NEVES, 1994, 2001, 2011), de la Ley del Acto del Habla (AUSTIN, 1962; SEARLE 2002) y la enseñanza de la lengua portuguesa no materna (ALMEIDA FILHO, 2012; ALMEIDA FILHO; LOMBELLO, 1997; MEYER, 1998, 2003; PERINI, 1997). Se adoptó un concepto de investigación cualitativa con un enfoque descriptivo de los vocativos planteados en ocho videos del canal "Porta dos Fundos", a la luz del marco teórico mencionado anteriormente. Los resultados de esta investigación apuntan al uso de los vocativos como elementos lingüísticos multifuncionales que colaboran con los actos de habla en los que se insertan; para la posibilidad de que el hablante le indique al interlocutor el espacio simbólico en el que intenta establecer una interacción comunicativa a través de sus elecciones de vocativos; para una mayor incidencia de vocativos en la posición final del acto de habla y para el uso de la interjección como un elemento que también se presta para ejercer esta función.

Palabras clave: Vocativo. Funcionalismo. Actos de habla. Enseñanza. PLNM

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Esquema de Lewis .....	52
Figura 2 -	Carinho .....	157
Figura 3 -	Bate-papo .....	157
Figura 4 -	Encontro .....	158
Figura 5 -	Não soube? .....	158
Figura 6 -	Relacionamento .....	159
Figura 7 -	Passeio .....	160

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 -	Declinações dos casos nominativo e vocativo .....	18
Quadro 2 -	Exemplos comparativos dos casos vocativo e nominativo .....	19
Quadro 3 -	Gramáticos de PLM vs. citação a respeito da função de chamar do vocativo .....	21
Quadro 4 -	Citações comparativas acerca do conceito de vocativo .....	30
Quadro 5 -	Características do vocativo em gramáticas normativas e descritivas de PLM .....	42
Quadro 6 -	Gramáticas descritivas de português língua estrangeira .....	45
Quadro 7 -	Espaços simbólicos Casa e Rua vs. Vídeos .....	75
Quadro 8 -	Atos de fala vs. usos de vocativos no vídeo “Plantas de apartamento”	85
Quadro 9 -	Atos de fala vs. usos de vocativos no vídeo “Vascão” .....	94
Quadro 10 -	Atos de fala vs. usos de vocativos no vídeo “Reagindo ao assalto” ...	103
Quadro 11 -	Atos de fala vs. usos de vocativos no vídeo “Virgem” .....	114
Quadro 12 -	Atos de fala vs. usos de vocativos no vídeo “Português fluente” .....	122
Quadro 13 -	Atos de fala vs. usos de vocativos no vídeo “Blocos” .....	129
Quadro 14 -	Atos de fala vs. usos de vocativos no vídeo “Google” .....	137
Quadro 15 -	Atos de fala vs. usos de vocativos no vídeo “Enzo” .....	144
Quadro 16 -	Presença de vocativos nos espaços Casa e Rua .....	146
Quadro 17 -	Elementos linguísticos em função vocativa usados na Casa e na Rua	147
Quadro 18 -	Posição dos vocativos em atos de fala do espaço Casa e do espaço Rua .....	151

## LISTA DE SIGLAS

LM	Língua Materna
LNМ	Língua Não Materna
PB	Português do Brasil
PLM	Português Língua Materna
PLNM	Português Língua Não Materna
QECR	Quadro Europeu Comum de Referências para o ensino de línguas

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	14
1	<b>“FORAM ME CHAMAR ...”: REVISITANDO OS ESTUDOS SOBRE O VOCATIVO</b> .....	17
1.1	<b>Vocativo: do Latim ao Português do Brasil</b> .....	17
1.2	<b>Abordagens dos estudos sobre o vocativo</b> .....	20
1.2.1	<u>O vocativo sob a perspectiva da Função</u> .....	20
1.2.2	<u>O vocativo sob a perspectiva da Entonação</u> .....	25
1.2.3	<u>O vocativo sob a perspectiva da Morfologia</u> .....	26
1.2.4	<u>O vocativo sob a perspectiva da Sintaxe</u> .....	29
1.2.4.1	Vocativo como frase independente .....	29
1.2.4.2	Vocativo como termo não sintático .....	30
1.2.4.3	Vocativo podendo ou não se reportar a um termo da oração contígua .....	32
1.2.4.4	Vocativo como um termo exclusivamente sintático .....	34
1.2.5	<u>O vocativo sob a perspectiva do Discurso</u> .....	35
1.2.6	<u>O vocativo sob a perspectiva da Estilística</u> .....	36
1.2.7	<u>O vocativo sob a perspectiva da Cultura</u> .....	37
2	<b>“QUANDO CHAMAR É SE POSICIONAR”: MÚLTIPLOS OLHARES SOBRE O VOCATIVO</b> .....	47
2.1	<b>Cultura</b> .....	47
2.1.1	<u>Interculturalismo</u> .....	49
2.1.2	<u>Contribuições dos estudos antropológicos para entender a cultura brasileira...</u>	54
2.1.2.1	O espaço Casa e o espaço Rua .....	54
2.1.2.2	Hierarquia .....	58
2.2	<b>Abordagem Funcionalista</b> .....	59
2.3	<b>Considerações gerais sobre a Teoria dos Atos de Fala</b> .....	62
2.4	<b>Ensino de PLM e PLNM</b> .....	65
3	<b>ENCAMINHAMENTOS METODOLÓGICOS</b> .....	71
3.1	<b>Caracterização da pesquisa</b> .....	71
3.2	<b>Delineamento da pesquisa</b> .....	72
3.3	<b>Etapas de análise dos dados</b> .....	74
4	<b>ANÁLISE E DISCUSSÃO DE DADOS</b> .....	77

4.1	<b>Vocativos no espaço Casa</b> .....	77
4.1.1	<u>Plantas de apartamento</u> .....	77
4.1.2	<u>Vascão</u> .....	89
4.1.3	<u>Reagindo ao assalto</u> .....	96
4.1.4	<u>Virgem</u> .....	106
4.2	<b>Vocativos no espaço Rua</b> .....	118
4.2.1	<u>Português fluente</u> .....	119
4.2.2	<u>Blocos</u> .....	125
4.2.3	<u>Google</u> .....	131
4.2.4	<u>Enzo</u> .....	140
4.3	<b>Incidência de vocativos na oralidade</b> .....	146
4.4	<b>Elementos linguísticos que ocupam função vocativa</b> .....	147
4.5	<b>Posição dos vocativos nos atos de fala</b> .....	151
5	<b>PARA ALÉM DOS DADOS: O VOCATIVO NA SALA DE AULA</b> .....	155
	<b>CONCLUSÃO</b> .....	164
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	169
	<b>ANEXO A</b> – Plantas de apartamento .....	174
	<b>ANEXO B</b> – Vascão .....	176
	<b>ANEXO C</b> – Reagindo ao assalto .....	178
	<b>ANEXO D</b> – Virgem .....	181
	<b>ANEXO E</b> – Português fluente .....	184
	<b>ANEXO F</b> – Blocos .....	186
	<b>ANEXO G</b> – Google .....	189
	<b>ANEXO H</b> – Enzo .....	192

## INTRODUÇÃO

A presente pesquisa se dedica ao estudo de vocativo, elemento linguístico de grande relevância em interações cotidianas, estando presente nos mais distintos níveis de formalidade. As interações comunicacionais apresentam uso frequente e variado de termos na função de vocativo, que constituem partes integrantes das práticas discursivas da cultura brasileira.

Nas relações interpessoais realizadas nos mais diferentes contextos situacionais, muitas vezes, há necessidade de o enunciador referir-se a seu enunciatário, seja para chamá-lo, seja para destacá-lo em meio a um grupo demonstrando que se direciona a ele, seja para manter ou recuperar sua atenção, ou ainda para demonstrar a impressão que possui sobre ele. Para cumprir tantos objetivos comunicacionais, usam-se termos na função de vocativo.

Contudo, diferenças nos usos de uma mesma palavra em função de vocativo podem ser encontradas em interações comunicativas de falantes que compartilham a mesma língua, pois pode haver diferentes significados para uma mesma palavra, a depender do contexto de situação de fala, que, por sua vez, está inserida em um determinado contexto cultural. Como é o caso da palavra “tia” usada como vocativo, que pode, na cultura brasileira, se referir tanto a um grau de parentesco como também a uma mulher absolutamente desconhecida. Assim, usar um vocativo sem conhecer a cultura da língua-alvo pode comprometer o sucesso da interação comunicativa, podendo gerar inconvenientes.

Se o uso inadequado de vocativos por um falante nativo são capazes de provocar constrangimento, mais complexo vem a ser para um estrangeiro, que pode, equivocadamente, basear-se em sua cultura de origem e no léxico de sua língua materna para escolher vocativos em português do Brasil e, assim, estar sujeito a cometer enganos que prejudiquem a comunicação. Levando em consideração o contato cada vez mais intenso entre culturas, em mundo globalizado, e o conseqüente aumento do interesse pela aprendizagem do português do Brasil em função do aumento de deslocamentos físicos e virtuais incentivados pelo turismo, pelos negócios e pelos crescentes relacionamentos interpessoais intermediados por mídias sociais, torna-se premente a necessidade de ampliar os estudos sobre os usos do vocativo na perspectiva do Português Língua Não Materna (PLNM).



Em uma observação prévia de livros didáticos e conversas informais com professores de Português para Estrangeiros, constatou-se que não há estudos específicos sobre vocativos voltados para este público-alvo. Verificou-se ainda em alguns livros didáticos que, apesar de serem usados em textos dialógicos que se propõem a representar a oralidade, os vocativos são, em sua grande maioria, constituídos apenas pelo primeiro nome do enunciatário com algumas variações que expressam grau de parentesco.

As lacunas que ainda existem nas descrições de vocativos podem gerar, como consequência, dificuldade do aprendiz de PLNМ em desenvolver sua competência comunicativa na língua-alvo no que diz respeito às formas de se dirigir aos seus enunciatários. Afinal, caso não sejam a ele explicitados critérios para tais usos, poderá não ser capaz de compreender de forma adequada o ato de fala no qual estiver envolvido e os distintos efeitos produzidos por seus usos, demandando maior esforço para superar a falta desse conhecimento.

Com vistas a colaborar com o ensino de PLNМ, este estudo possui como principal objetivo investigar os usos de vocativos orais informais do português do Brasil, notadamente do estado do Rio de Janeiro. Para alcançar tal propósito, traçaram-se como objetivos específicos:

- 1- Investigar critérios culturais que influenciam nas escolhas de vocativos;
- 2- Categorizar os vocativos orais informais a partir de diferentes contextos situacionais;
- 3- Sugerir estratégias pedagógicas aplicáveis ao ensino de PLNМ que busquem desenvolver a competência comunicativa e intercultural do aluno.

É importante destacar que esta pesquisa não pretende fornecer regras de usos a serem reproduzidas sistematicamente em determinadas situações comunicativas. A intenção é, ao identificar usos e apontar possíveis regularidades, colaborar com professores de PLNМ em suas reflexões sobre o tema, auxiliando-os a elaborar atividades pedagógicas que facilitem o desenvolvimento de competências comunicativas interculturais.

A hipótese formulada para este estudo é a de que o vocativo possui caráter multifuncional, pois, além de exercer a função de chamamento, atua também como um elemento capaz de estabelecer e/ou revelar diferentes níveis de relações interpessoais construídas a partir de valores culturais nos quais os enunciatários estão inseridos.

O presente trabalho divide-se em seis capítulos. Este primeiro diz respeito à Introdução, onde são abordados o tema, a relevância, a justificativa, a hipótese, os objetivos e a organização do trabalho.

Em seguida, tem-se o primeiro capítulo – “Foram me chamar ...”: revisitando os estudos sobre o vocativo – que discorre sobre as diferentes abordagens acerca do vocativo em gramáticas de Português Língua Materna (PLM) e Português Língua Não Materna (PLNM) desde o latim até os dias de hoje. São abordadas ainda recentes pesquisas acadêmicas brasileiras que se dedicaram a descrevê-lo sob os âmbitos da funcionalidade, da prosódia, da morfologia, da sintaxe, do discurso, da estilística e da cultura.

O segundo capítulo apresenta pressupostos teóricos que, juntamente com os apresentados no primeiro capítulo, sustentam a posterior análise de dados. Nele são apresentadas contribuições da Antropologia Social a respeito do conceito de cultura e de Interculturalismo, da abordagem funcionalista da linguagem, da Teoria dos Atos de Fala e do ensino de PLM e PLNM.

O terceiro capítulo descreve os encaminhamentos metodológicos da pesquisa – caracterizando-a como descritiva de abordagem qualitativa –, a delimitação do *corpus* e os critérios e procedimentos utilizados para a realização da análise de dados.

O quarto capítulo dedica-se à análise e discussão dos dados levantados no *corpus* à luz do referencial teórico apresentado no terceiro capítulo.

O quinto capítulo apresenta sugestões de estratégias pedagógicas aplicáveis ao ensino de PLNM que têm como objetivo desenvolver a competência comunicativa e intercultural do aluno.

E, por fim, apresenta-se a conclusão, que aponta para o uso do vocativo como elemento linguístico multifuncional colaborador do ato de fala no qual se insere; para a possibilidade do enunciador indicar ao enunciatário o espaço simbólico no qual intenciona estabelecer a interação comunicativa por meio dos vocativos que usa; para maior incidência de vocativos em posição final do ato de fala e para o uso de interjeição como um elemento que também se presta a exercer tal função.

## 1 “FORAM ME CHAMAR ...”: REVISITANDO OS ESTUDOS SOBRE O VOCATIVO

O presente capítulo apresenta um panorama de distintas descrições do vocativo a partir de uma gramática de língua latina até chegar a gramáticas de Língua Portuguesa. Serão também observadas pesquisas acadêmicas brasileiras recentes que se dedicaram a seu estudo, colaborando para o aprofundamento e ampliação de conhecimento a respeito de vocativos.

No decorrer da pesquisa, verifica-se que em algumas gramáticas não há descrição específica dessa função, enquanto em outras ocupa uma seção ou subseção específica, ainda que contendo, na maioria das vezes, descrições reduzidas a seu respeito. Quando não lhe é dado lugar próprio para ser analisado, torna-se necessário recolher suas informações ao longo da obra em consulta, visto que é apontado em descrições de outros termos gramaticais como a vírgula, a interjeição, o artigo e o pronome possessivo.

Diante da dificuldade em encontrar descrições amplas a respeito do vocativo, optou-se em retornar à Língua Latina, de onde se origina a Língua Portuguesa, para que se possa examinar com maiores detalhes o tratamento que lhe foi dispensado ao longo do tempo.

### 1.1 Vocativo: do Latim ao Português do Brasil

O Latim, por não apresentar uma ordem fixa das palavras na proposição, realiza sua organização frasal por meio de flexões morfológicas correspondentes aos casos da língua (nominativo, vocativo, acusativo, genitivo, dativo e ablativo), os quais se referem às funções sintáticas que assumem.

O caso vocativo (do latim *vocare* = chamar) se presta, por meio de sua marca formal, a fazer referência direta à segunda pessoa do discurso, ou seja, a quem se dirige a comunicação, tratando-se, então, de um caso de interpelação do enunciatário.

A forma clássica da Língua Latina divide os nomes em cinco grupos quanto à declinação (da primeira à quinta). Essas declinações são constituídas por palavras que se assemelham em relação à forma e a como variam nos distintos casos gramaticais citados acima.

Para esta pesquisa, interessa observar o comportamento dos casos vocativo e nominativo, que em Latim muito se aproximam, apresentando poucas ocorrências em que manifestam distinções formais, como se pode observar no quadro abaixo.

Quadro 1 – Declinações dos casos nominativo e vocativo

Casos	DECLINAÇÕES									
	1 <sup>a</sup>		2 <sup>a</sup>		3 <sup>a</sup>		4 <sup>a</sup>		5 <sup>a</sup>	
	sing	plu	sing	plu	sing	plu	sing	plu	sing	plu
Nominativo	<b>-a</b> <i>stella</i>	<b>-ae</b> <i>stellae</i>	<b>-us</b> <i>campus</i>	<b>-i</b> <i>campi</i>	<b>-o</b> <i>homo</i>	<b>-es</b> <i>homines</i>	<b>-us</b> <i>manus</i>	<b>-ūs</b> <i>manūs</i>	<b>-es</b> <i>dies</i>	<b>-es</b> <i>dies</i>
Vocativo	<b>-a</b> <i>stella</i>	<b>-ae</b> <i>stellae</i>	<b>-e</b> <i>campe</i>	<b>-ī</b> <i>campi</i>	<b>-o</b> <i>homo</i>	<b>-es</b> <i>homines</i>	<b>-us</b> <i>manus</i>	<b>-ūm</b> <i>manūm</i>	<b>-es</b> <i>dies</i>	<b>-es</b> <i>dies</i>

Fonte: A autora, 2019.

De acordo com o quadro 1, na maioria das ocasiões, o vocativo é declinável de acordo com o nominativo, como se verifica com a palavra de primeira conjugação que se mantém igual no singular: *stella* (estrela) e no plural: *stellae* (estrelas). O mesmo ocorre com a palavra de terceira conjugação: *homo* (homem) e *homines* (homens) igualmente nos dois casos e ainda com a de quinta conjugação: *dies* (dia) e *dies* (dias), que permanecem na mesma forma seja no singular, seja no plural dos dois casos. A distinção entre os casos em questão se estabelece pela presença, no vocativo, de vírgula na escrita e de pausa e de entonação na oralidade.

A coincidência das terminações só não ocorre no singular da segunda declinação, *campus* (campo) no caso nominativo e *campe* (campo) no vocativo, e no plural da quarta declinação, *manūs* (mãos) no nominativo e *manūm* (mãos) no vocativo. Nessas situações, a distinção entre os referidos casos é nítida – além do uso de vírgula, pausa e entonação – pela diferença de terminação.

Quanto à vírgula, Almeida (2000) assinala que, em Latim, o vocativo é sempre separado por ela:

Observe o aluno que o vocativo vem sempre acompanhado de vírgulas; quando o vocativo inicia a oração, há uma vírgula depois; quando vem no meio, o vocativo se põe entre vírgulas; quando no fim da oração, põe-se uma vírgula antes. Essa pontuação é sempre observada, tanto em português como em latim, de maneira que a própria pontuação indica ao aluno o *vocativo*. (ALMEIDA, 2000, P. 16)

No que se refere à entonação, percebe-se que

O vocativo é tonal e pausado: a entonação ascendente que o acompanha é que lhe caracteriza a função linguística. Em muitos idiomas, sempre no alemão, quase sempre no russo, geralmente no grego e no latim, a modulação tonal substitui a flexão causal: é por isto que nestes idiomas o nominativo se confunde com o vocativo. (MACAMBIRA, 1987, p. 351)

É possível perceber, no quadro abaixo, que as marcas formais que distinguem o caso vocativo do latim escrito são tanto a terminação, que varia conforme a declinação – ainda que em sua maioria seja coincidente com o nominativo –, como o uso de vírgula:

Quadro 2 – Exemplos comparativos dos casos vocativo e nominativo

CASOS		
	Vocativo	Nominativo
Exemplos	<u><i>Puella</i></u> , <i>pulchra es.</i> ( <u>Menina</u> , és linda.)	<u><i>Puella</i></u> <i>puchra est.</i> (A <u>menina</u> é linda.)
	<u><i>Manūm</i></u> , <i>fortis estis!</i> ( <u>Mãos</u> , sois fortes!)	<u><i>Manūs</i></u> <i>fortis sunt!</i> ( <u>Mãos</u> são fortes!)

Fonte: A autora, 2019.

Com o surgimento da Língua Portuguesa, o vocativo, assim como outros casos, perdeu sua marca morfológica, mas continuou a ser reconhecido oralmente por sua pausa e por sua curva de entonação e, na escrita, por seu apartamento do enunciado por meio de pontuação, mantendo a função de chamamento como no latim. Em suas descrições, verifica-se, com frequência, a possibilidade de o vocativo ser acompanhado pela interjeição “Ó”.

Durante longo período, essa foi, essencialmente, a definição propagada sobre o vocativo, ou seja, uma definição que tem como base o aspecto formal e a função de chamamento do enunciatário. Essa descrição, consagrada historicamente, é ressaltada por Sonnenhauser e Hanna (2013, p.1) quando reconhecem que os vocativos são tratados, tradicionalmente, em termos formais como parte do sistema da linguagem ou a partir de sua natureza funcional.

Dessa forma, o vocativo acabou sendo definido prioritariamente sob o foco das perspectivas sintática, morfológica e prosódica, como se pode verificar nas gramáticas de

PLM<sup>1</sup>, em gramáticas de português para estrangeiros e em pesquisas acadêmicas que serão apontadas posteriormente.

Constata-se, porém, que suas distintas descrições nem sempre convergem, sendo possível perceber discordâncias dentro de uma mesma perspectiva de observação, como, por exemplo, o fato de ora o vocativo ser considerado como um termo que estabelece ligação sintática com a oração, ora não ser admitido qualquer vínculo sintático entre eles.

Entretanto, pesquisas recentes passaram a tratar o vocativo como objeto de observação sob novos prismas, como o do discurso, o da estilística e o da cultura, além de discutirem as abordagens já consagradas.

## 1.2 Abordagens dos estudos sobre o vocativo

Para melhor percepção das distintas abordagens sobre vocativo, serão observados seus conceitos e suas caracterizações a partir das perspectivas da funcionalidade, da prosódia, da morfologia, da sintaxe, do discurso, da estilística e da cultura.

### 1.2.1 O vocativo sob a perspectiva da Função

As gramáticas analisadas de português como língua materna, ao levarem em consideração a função pragmática do vocativo, caracterizam-no, em sua maioria, por sua função de chamamento, revelando a importância de seu uso nas interações comunicativas. Essa função, que pressupõe a solicitação da atenção do ouvinte, muitas vezes até na expectativa de receber alguma resposta, é destacada por oito dos gramáticos analisados, como pode ser verificado no quadro abaixo:

---

<sup>1</sup> Serão mantidas as ortografias originais dos textos citados.

Quadro 3 – Gramáticos de PLM vs. citação a respeito da função de chamar/invocar do vocativo

Gramáticos	Citação
Pereira (1907, p. 192)	“ <b>Vocativo</b> é o termo isolado na frase que serve para chamar a atenção da segunda pessoa gramatical, desempenhando função semelhante á de uma interjeição”.
Melo (1971, p. 88)	“[...] por êle, o falante se dirige ao ouvinte chamando-lhe a atenção para o que disse ou vai dizer ou está dizendo.”
Kury (1972, p.42)	“[...] com que se invoca o ouvinte ou o leitor, uma pessoa ou um ser personificado: é o vocativo.”
Lima (1974, p. 229)	“[...] empregado quando chamamos alguém, ou dirigimos a fala a pessoa ou ente personificado.”
Macambira (1987, p. 349)	“[...] um termo que serve para chamar pessoa ou coisa personificada”
Cunha e Cintra (1985, p 156)	“Servem apenas para invocar, chamar ou nomear, com ênfase maior ou menor, uma pessoa ou coisa personificada.”
Bechara (2009, p.380)	“[...] por seu intermédio, chamamos ou pomos em evidência a pessoa ou a coisa a que nos dirigimos.”
Azeredo (2012, p. 76)	[...] termo com que o enunciador identifica o interlocutor/destinatário – pessoa ou animal – quando a ele se dirige [...]”

Fonte: A autora, 2019.

Também Perini (2002) declara, em sua gramática de Língua Portuguesa dedicada a falantes de inglês, que a função do vocativo é a de chamar a atenção do ouvinte e afirma que não apresenta problemas especiais, sendo muito semelhante em português e em inglês.

Contudo, verifica-se que, ainda que a função vocativa seja de dirigir-se diretamente ao enunciatário em uma perspectiva mais ampla, pode-se dizer que as distintas intenções em proferi-lo implicam diferentes funções. Além da função de chamar o enunciatário, são verificadas ainda, nas gramáticas pesquisadas, funções de declarar uma ideia a seu respeito, de indicá-lo, de nomeá-lo, de conceder-lhe tratamento ou de manter contato comunicativo com ele.

A função, por exemplo, de declarar uma ideia a respeito do sujeito com quem se mantém ou pretende manter uma comunicação direta é tratada por Moraes (1869, p.4), que reconhece como relação vocativa aquela que “Declara a idéia do sujeito a quem se dirige a

palavra, por meio do vocativo, que, é quem exprime essa relação, antepondo-se-lhe a interjeição – ó – o’ Deus!”.

Vale observar a aproximação existente entre o vocativo e o sujeito (funções oriundas dos casos vocativo e nominativo respectivamente) no que diz respeito à capacidade de declararem a ideia que o enunciador possui sobre o enunciatário, como pode ser observado no exemplo:

“Tia, a senhora vai me buscar na escola?”

Nessa oração, tanto o vocativo quanto o sujeito declaram impressões por parte do falante acerca da pessoa com quem se fala. O vocativo “Tia” faz referência a um grau de parentesco, ao gênero feminino e ao singular; enquanto o sujeito, representado pelo pronome de tratamento de 3ª pessoa “Senhora”, revela um enunciatário de gênero feminino, singular e pessoa com quem se deve manter certo nível de respeito.

A ideia de que o vocativo funciona como caracterizador do enunciatário é sustentada também por Lago (1994, p.26, apud SANTOS 2004, p.10), que afirma que o vocativo revela a apreciação e a caracterização que o enunciador lhe confere, fazendo uso de recursos avaliativos de afeto (morfologicamente pelos diminutivos e lexicalmente por termos subjetivos – substantivos e adjetivos), de ironia e de menosprezo para designá-lo. Assim, os vocativos servem tanto para revelar dados objetivos do enunciatário quanto as impressões que o enunciador possui sobre ele a partir do tratamento que lhe concede.

Por outro lado, a função de indicar com quem se fala é levantada por Maciel (1902, p. 225), que define o vocativo como “a palavra ou expressão que, posta interjectivamente na proposição, indica a pessoa ou coisa a que nos dirigimos”.

O verbo “indicar” remete à ideia de fazer com que o enunciatário seja reconhecido, evidenciando-o dentre outros. Essa função é também reconhecida por Hutchinson & Lloyd (1996) quando assinalam que o nome próprio é usado como vocativo quando o enunciador quer singularizar seu enunciatário, destacando-o do grupo em que está inserido, como nas frases que lhes servem de exemplos: ““Carlos, você já viu esse filme?” “Francisco e Daniela, como vocês estão de visita, não querem vir também?”” (HUTCHINSON; LLOYD, 1996, p. 177).

Percebe-se que o uso desses vocativos se presta a indicar com exatidão com quem se deseja estabelecer a comunicação em meio a outros possíveis enunciatários.

Vale observar que também Bechara (2009, p. 460), ao declarar que o vocativo “cumprе uma função apelativa de 2ª pessoa, pois por seu intermédio, chamamos ou pomos em evidência a pessoa ou coisa a que nos dirigimos”, distingue as funções de chamar e de



colocar o ouvinte em evidência, sendo que esta última muito se aproxima da ideia de “indicar” postulada pelos gramáticos citados acima.

As funções de invocar e de nomear são postas por Cunha & Cintra (1985, p.156): “Servem apenas para invocar, chamar ou nomear, com ênfase maior ou menor, uma pessoa ou coisa personificada”. Porém, o que se refere à função de invocar, pode-se entendê-la como uma forma específica da função de chamar quando se clama a uma entidade religiosa, por exemplo.

É relevante observar também que o verbo “nomear” reporta ao ato de dar nome, sem que se intencione, necessariamente, obter uma resposta direta, como pode se pretender com o verbo “chamar”. Nomear pode ser uma forma tanto de qualificar o enunciatário como o de intitulá-lo, o que se coaduna com a descrição de Lago (1994 apud SANTOS 2004) referida acima e com a de Moraes (1869), que postula que o vocativo declara a ideia do enunciatário, ou seja, que serve para personalizá-lo, como em:

“Mãe, você chegou cedo hoje!”

“Doutor, posso vigiar seu carro?”

No primeiro exemplo, a intenção é de nomear o enunciatário a partir do laço parental, enquanto no segundo exemplo a intenção é de identificar o enunciatário a partir de uma titulação que confere maior hierarquia.

As funções vocativas são também objeto de estudo para pesquisas como a de Moreira (2013). A linguista compreende que as funções do vocativo dependem de sua posição dentro da oração. Para ela, quando o vocativo ocupa a posição inicial, cumpre a função de chamamento e, quando ocupa a posição final, cumpre função de destinatário. Esta última é entendida como a função de estabelecer contato, como se fosse “um convite ao interlocutor para participar da situação comunicativa e tornar-se um destinatário possível” (MOREIRA, 2013, p.16) –, como nos exemplos que cita:

- |                                                          |              |
|----------------------------------------------------------|--------------|
| (18) a. Elisa, tira a roupa do varal. (Rasi, 1995, p.36) | Chamamento   |
| b. Tira a roupa do varal, Elisa.                         | Destinatário |

Conferir tratamento é também uma das funções do vocativo, como aponta Azeredo (2012, p. 75), ao identificá-los como “formas que nomeiam o próprio interlocutor ou lhe concedem um tratamento: *Meu caro Vinicius!* / *Prezados senhores!* / *Majestade!*” e, assim, amplia sua função, que, como visto, além de chamar, declarar uma ideia, indicar e nomear o enunciatário, pode conferir-lhe algum nível de tratamento. Observa-se que, nos exemplos

mostrados pelo autor, há uma gradação de níveis de tratamento que deve ser adequada à situação de fala.

Outra função que o gramático distingue é a de identificar o enunciador:

termo com que o enunciador identifica o interlocutor/destinatário – pessoa ou animal – quando a ele se dirige (**Maria**, que horas são?, Passa já pra dentro, **Sultão!**, **Garçom**, traz a conta, por favor., O que é isso, **companheiro?**). (AZEREDO, 2012, p. 76)

o que parece equivaler à noção de indicar apresentada por Maciel (1902) e por Hutchinson & Lloyd (1996), remetendo à noção de fazer com que o enunciatário seja destacado em meio a outros.

É possível notar, diante das exposições realizadas acima, que o vocativo acumula diferentes funções apelativas de: chamar, declarar ideia, indicar, nomear e conferir tratamento ao enunciatário. Tais funções podem coexistir em um mesmo vocativo, como em: “Você que completa 18 anos até 31 de dezembro, aliste-se na Junta de Serviço Militar mais próxima” (EXÉRCITO BRASILEIRO, 2014). Nessa oração, o vocativo “Você que completa 18 anos até 31 de dezembro” cumpre as funções de indicar a quem o enunciador se refere, destacando-o dentre outros, e de conferir-lhe tratamento mais informal representado pelo pronome “Você”.

É importante perceber que, além de todas as particularidades da função apelativa vistas acima, há ainda a função fática do vocativo, que cumpre o papel de estabelecer a comunicação ou de manter o contato do enunciatário. A função fática do vocativo é acionada em cumprimentos ou confirmações de que o ouvinte está atento à fala, conforme destaca Martins:

[...] à parte da estrutura da oração, que pode ele próprio ser uma frase, assim como permite várias colocações (início, meio e fim da frase), presta-se a várias funções da comunicação do esquema de Jakobson. Na nossa vida diária, estamos constantemente a usá-lo; na função apelativa, chamando um interlocutor, provocando-lhe a atenção, e, ao mesmo tempo, renovando o contacto com ele, o que já é da função fática; mas ele é também afetivo, pois revela o sentimento do falante em relação ao interlocutor, podendo assumir tonalidades várias, que vão da ternura à rispidez. (MARTINS, 2008, p.214)

### 1.2.2 O vocativo sob a perspectiva da Entonação

A marcação da função vocativa em Língua Portuguesa é registrada como realizada de forma recorrente, por gramáticos e pesquisadores, por meio de pausa e de entonação na oralidade e por meio de pontuação na escrita.

É possível perceber que pausa e entonação, representadas por pontuação, são fundamentais para diferirem o vocativo do sujeito quando são correferentes e este é do tipo oculto ou desinencial, como se pode notar na comparação entre as orações abaixo:

“Marcos, fala devagar.”

“Marcos fala devagar.”

No primeiro exemplo, “Marcos” refere-se à segunda pessoa do discurso, com quem se fala, e o sujeito correferente é oculto de terceira pessoa do singular. Enquanto, no segundo exemplo, o mesmo substantivo refere-se à terceira pessoa discursiva, de quem se fala, constituindo o sujeito simples da oração.

Azeredo (2012) aponta a relevância da curvatura entoacional vocativa na sinalização da intenção com que são proferidos, seja um convite, um apelo, uma saudação... Enquanto Macambira (1987, p. 351) identifica sua entonação como ascendente, asseverando que “O vocativo é tonal e pausado: a entoação ascendente que o acompanha é que lhe caracteriza a função linguística”.

Contudo, a pesquisa de Nascimento (2000, apud Santos, 2004) verifica que os vocativos podem ser de entonação descendente quando ocupam posições mediais e finais, ao realizar uma análise prosódica do vocativo na fala de crianças de 3 a 5 anos de idade.

A autora ressalta que os vocativos mediais podem ter sua entonação alterada quando situados em frase declarativa estruturada em sujeito + verbo+ objeto e que os finais não exercem influência no contorno frasal. Observa ainda que, quando o vocativo exerce função de um chamado à distância, possibilita maior variação prosódica, aproximando-se mais do canto que da fala.

Quanto à característica de o vocativo ser pausado, apresentada por Kury (1972) e por Macambira (1987), verifica-se que a pausa pode se dar de forma curta, representada na escrita pela vírgula (KURY, 1972; LIMA, 1974; CUNHA; CINTRA, 1985), evidenciada em vocativos iniciais, mediais e finais, apartando-os da oração. Enquanto sua entonação exclamativa, (KURY, 197; LIMA,1974; CUNHA; CINTRA, 1985; BECHARA, 2009;

AZEREDO, 2012) figura em vocativos isolados, representada pelo ponto de exclamação, responsável também por exprimir pausa maior que a da vírgula.

Embora a escrita não seja o foco desta pesquisa, vale apontar que, além da vírgula e do ponto de exclamação, são também reconhecidos o uso do ponto final e o de dois pontos (CUNHA; CINTRA, 1985; BECHARA, 2009). E, contrariando as definições até então observadas, é possível que o vocativo se apresente com ausência de pontuação, como argumentam Cunha & Cintra (1985):

Depois do vocativo que encabeça cartas, requerimentos, ofícios, etc., costuma-se colocar DOIS-PONTOS, VÍRGULA, ou PONTO, havendo escritores que, no caso, dispensam qualquer pontuação. Assim:  
Prezado senhor:                      Prezado senhor.  
Prezado senhor,                      Prezado senhor  
Sendo o vocativo inicial emitido com entonação suspensiva, deve ser acompanhado, preferencialmente, de DOIS-PONTOS ou de VÍRGULA, sinais denotadores daquele tipo de inflexão. (CUNHA; CINTRA, 1985, p. 637)

### 1.2.3 O vocativo sob a perspectiva da Morfologia

Do latim à Língua Portuguesa, o vocativo manteve as funções apelativa e fática, mas desfez-se de sua antiga marcação morfológica, passando a ser identificado, principalmente, por sua marca prosódica, conforme mencionado anteriormente.

Contudo, continua sendo examinado morfológicamente por linguistas que observam as classes gramaticais que podem servir à função vocativa, assim como assinalam a formação de palavras que também podem figurar em vocativos, como, por exemplo, os diminutivos.

Quanto à classe, é consenso que substantivos e pronomes são palavras que se prestam a exercer tal função. Melo (1971) e Kury (1972) coadunam-se ao reconhecer o substantivo como formador de vocativo, sendo que o primeiro admite que o vocativo possa “[...] aparecer dilatado, com o substantivo ou substantivos explicados por longos adjuntos adnominais, não raro oracionais” (MELO, 1971, p. 88).

Macambira (1987), ao observar o vocativo sob o aspecto mórfico, destaca o substantivo, a palavra substantivada e o pronome como formadores de vocativos. Também Bechara (2009) diz que o vocativo pode ser formado por substantivos ou pronomes, aceitando a presença de expansões, mas não especifica quais seriam elas. E Neves (2000,

p.72), ao descrever as funções sintáticas do substantivo, destaca o vocativo como uma das possibilidades de ocorrência dessa classe de palavras como sintagma nominal.

Já a preocupação em apontar que não cabe o uso de artigo no vocativo é notada em Barbosa (1822), Ribeiro (1885) e Neves (2000). Porém tais observações aparecem nas obras quando é tratado o artigo e não o vocativo propriamente. O primeiro autor apresenta uma abordagem mais geral:

IIIº Quando os mesmos nomes estão em vocativo, não tem Artigo; porque são determinados a fazerem a segunda pessoa, a quem se dirige o discurso, assim pela Interjeição Vocativa O', como pelos Pessoaes *Tu, Vós*, que sempre se lhes entendem; e quando dizemos *o meu tio, o tio*, o Artigo serve so para substantivar estes Adjectivos, como fica dito acima abserv. 3ª Isto pelo que pertence aos Determinativos de qualidade. (BARBOSA, 1822, p. 148, 149)

Ribeiro (1885) assegura que se omite o artigo em vocativos compostos por pronomes de tratamento:

9) antes dos nomes de tratamento precedidos de Senhor, Senhora, etc., quando nos dirigimos ás pessôas a quem damos, ex.: “Que diz a isto, Senhor Barão? – Toma café, Senhora Condessa?” (RIBEIRO, 1885, p. 230)

E, mais tarde, Neves (2000), ao descrever a função do artigo definido, aponta que não se emprega artigo definido quando o possessivo

b) faz parte de um vocativo  
 Perdão. **Ø meu amo**. Não me bata. Não me bata que eu não sou burro! (FAB)  
 Está bem, **Ø meu senhor**, obedeço! (VO)  
 Amanhã, **Ø meu amigo**, deixe isso para amanhã. Boa noite, viu? (AF)  
 - Agora você pode abrir o seu negócio, **Ø meu pai**. (BH)  
 (NEVES, 2000, p.426)

Em seguida, a autora exemplifica situações de ausência do artigo definido no sintagma nominal, apresentando como exemplos:

“Oh, **Ø céus!** Quanta coisa temos que suportar para iluminar a humanidade”,  
 conformou-se Lorenzo. (ACM)  
**Ø Querido!** Será que tu estás com vontade de morrer? (TRH)  
**Ø Pai!** Você prega cada susto na gente! (NB)  
 Tchau, **Ø amor!** Procura dormir! (UNM)  
 (NEVES, 2000, p. 440)

Quanto às interjeições, estas são recorrentemente lembradas pelos gramáticos como precedentes do vocativo, especialmente a interjeição “Ó” (BARBOSA, 1822; MORAES, 1869; MACIEL, 1902; PEREIRA, 1907; MELO, 1971; LIMA, 1974; CUNHA; CINTRA, 1985; MACAMBIRA, 1987; BECHARA, 2009).

No entanto, interjeições constituem uma classe de palavra que pode exercer sozinha a função de vocativo, e não apenas acompanhá-lo, como defende Moreira (2013, p. 13)

declarando que “Podem ainda ocorrer que interjeições exerçam função de vocativo” e citando como exemplo para sua afirmação: “Ei! Espera aí”.

Locuções adverbiais parecem também ocorrer em função vocativa, como demonstram Hutchinson & Lloyd (1996) que usam a expressão “Por favor!” ao descreverem termos de chamamentos usados em português do Brasil para despertar a atenção do enunciatário. Para as autoras, a locução adverbial destacada cumpre as funções de solicitar um pedido de forma cortês e de chamamento ao mesmo tempo, exercendo, assim, a função de vocativo.

Quanto ao processo de formação de palavras, o uso de diminutivos é apontado por Lago (1994, apud SANTOS 2004) ao comentar sobre recursos avaliativos de afeto do qual o enunciador pode recorrer para designar o enunciatário. Porém, não se dedica a explorá-lo.

A possibilidade de o diminutivo expressar afeto é apresentada por Cunha & Cintra (1985) e por Bechara (2009), que afirmam que aumentativos e diminutivos nem sempre fazem referência a tamanho e que formas diminutivas são capazes de expressar afetividade e apreciação.

Os primeiros autores citados destacam ainda que aumentativos podem expressar também um valor pejorativo:

Os sufixos aumentativos de regra emprestam ao nome as idéias de desproporção, de disformidade, de brutalidade, de grosseria ou de coisa desprezível. Assim: narigão, beijorra, pratalhaz ou pratarraz, atrevidaço, porcalhão, etc. Ressalta, pois, na maioria dos substantivos, esse valor depreciativo ou PEJORATIVO. (CUNHA; CINTRA, 1985, p. 192)

O mesmo aponta Bechara (2009), afirmando que

Fora a idéia de tamanho, as formas aumentativas e diminutivas podem traduzir o nosso desprezo, a nossa crítica, o nosso pouco caso para certos objetos e pessoas, sempre em função do significado lexical da base, auxiliados por uma entonação especial (eufórica, crítica, admirativa, lamentativa, etc.) e os entornos que envolvem o falante e o ouvinte:  
Poetastro, politicalho, livreco, padreco, coisinha, issozinho  
Dizemos então que os substantivos estão em sentido pejorativo. (BECHARA, 2009)

Dessa forma, deve-se considerar que, quando um aumentativo ou um diminutivo ocupa lugar de vocativo, pode expressar uma ideia pejorativa, um desprezo.

#### 1.2.4 O vocativo sob a perspectiva da Sintaxe

A respeito da observação do vocativo sob a perspectiva da sintaxe, nota-se uma forte tendência em descrevê-lo como um termo que não estabelece ligação sintática com qualquer outro da oração.

Existem, porém, algumas controvérsias e discordâncias entre os linguistas sobre o assunto, visto que há aqueles que o consideram como uma frase independente; outros, como um termo não sintático; os que admitem que podem se reportar a outro termo da oração e ainda há os que o percebem como um termo exclusivamente sintático, conforme serão vistos a seguir.

##### 1.2.4.1 Vocativo como frase/oração independente

Antes de examinar o vocativo como um termo que mantém relação sintática ou não com uma oração, vale a pena destacar que, por vezes, é compreendido como ele próprio uma oração elíptica, sendo seu comportamento comparado ao das interjeições, como propõe Barbosa (1822):

Toda oração encravada, isto he, metida entre outras, sem as modificar, nem ser modificada, deve estar entre virgulas; e bem assim toda a addição, que não faz parte de sua constituição gramatical. As Parentheses, vocativos, exclamações, e interrogações entram nesta regra; as primeiras; porque não so não fazem parte da sua constituição gramatical, mas nem ainda de seu sentido (que por isso se mettem entre semicírculos, servindo-lhes de virgulas), e os vocativos, exclamações, e interjeições; porque são humas orações elípticas. (BARBOSA, 1822, p. 62)

A ideia de vocativo como uma frase destacada da oração contígua e associado à interjeição é igualmente considerada por Bechara (2009, p. 460): “Pelo desligamento da estrutura da oração, constitui, por si só, a rigor, uma frase exclamativa à parte ou um fragmento de oração, à semelhança das interjeições”; e por Azeredo (2012), que o inclui no rol das frases de situação, afirmando a existência de semelhança com a interjeição pelo uso de entonação capaz de individualizá-lo na cadeia da frase.

A proximidade com a interjeição se torna mais nítida quando este último gramático salienta: “Isolados em frases exclamativas, alguns vocativos cristalizaram-se como

locuções interjectivas (Minha Nossa Senhora!, Deus do céu!)” (AZEREDO, 2012, p. 76). Por serem muito usados, acabam destituídos de seu sentido de invocação e se tornam uma locução interjetiva de espanto e surpresa (REBELLO, 2016, p.30), mantendo as características comuns de entonação próprias e o desligamento sintático da oração adjacente a ele.

#### 1.2.4.2 Vocativo como termo não sintático

A percepção do vocativo como um termo não sintático, por não estar subordinado a nenhum outro termo gramatical da oração, é evidenciada frequentemente por vários gramáticos, como se pode perceber no quadro abaixo:

Quadro 4 – Citações comparativas acerca do conceito de vocativo

Autor	Citação acerca do vocativo
Pereira (1907, p. 192)	“ <b>Vocativo</b> é o termo isolado na frase [...]”
Melo (1971, p.88)	“Quanto ao vocativo, que é também elemento estranho à seqüência da oração [...]”
Kury (1972, p. 42)	“Independente do sujeito e do predicado, há um termo da oração [...]”
Lima (1974, p. 229)	“Não pertence propriamente à estrutura da frase, devendo ser considerado à parte”
Perini (2005, p.91)	“Quero dizer que a ligação entre o vocativo e a oração junto à qual ele pode ocorrer não tem a ver com a estrutura da própria oração, mas com a organização do discurso.”
Cunha e Cintra (1995, p. 156)	“A estes termos, de entonação exclamativa e isolados do resto da frase, dá-se o nome de vocativo”
Bechara (2009, p. 460)	“Desligado da estrutura da estrutura argumental da oração e desta separado por curva de entonação exclamativa [...]”
Azeredo (2012, p. 76)	“Unidade inerente à atividade interlocutiva, o vocativo não pertence à estrutura da oração.”

Fonte: A autora, 2019.



A fim de justificar sua percepção, Perini (1996) lista algumas características que comprovam o desligamento sintático do vocativo na oração. Começa pela possibilidade de vir não somente separado por vírgula, mas também por uma pontuação de final de período, permitindo uma pausa indefinida; depois, pela alternância de enunciatório sem que indique necessariamente uma interrupção, o que se verifica nos casos em que está isolado. E, por fim, pelo fato de o vocativo ter uma resposta própria, o que acontece apenas com o período e não com termos da oração.

Contudo, é importante notar que o vocativo só prevê uma resposta nos casos de vocativos isolados, como se pode perceber na comparação entre:

“Marcos! Venha até aqui.”

“Marcos, venha até aqui.”

Como as diferentes pontuações indicam diferentes extensões de pausas, em que o ponto de exclamação representa uma pausa maior do que da vírgula, admite-se que se possa esperar uma resposta como “O quê?” no primeiro exemplo, o que não ocorre no segundo, que, pelo uso de pausa menor, não dá indicação de requerer resposta.

Percebe-se que o vocativo isolado aproxima-se mais do conceito de um enunciado, como apontam Barbosa (1822) e Bechara (2009), enquanto o vocativo do segundo exemplo parece estar mais aproximado da oração da qual está separado por vírgula.

Outra questão que vale sublinhar quanto à sintaxe é a possibilidade de o vocativo ser oracional, o que é lembrado por Melo (1971) e colocado como exemplo por Cunha & Cintra (1985) e por Macambira (1987):

- a) Deixai toda esperança, *vós* que entráis;
- b) *Ó tu* que tens de humano o gesto e o peito,  
A estas criancinhas tem respeito!
- c) Adeus, *ó tudo* o que de bom sonhei! (MACAMBIRA, 1987, p.353)

O autor considera vocativos apenas os termos que estão em destaque em itálico, mas, a partir da premissa de que os vocativos devem ser separados por pontuação, deve-se entender que as orações que os acompanham imediatamente também fazem parte deles.

Assim, entende-se que vocativo é todo o trecho que identifica o enunciatório como nos destaques em negrito:

Deixai toda esperança, ***vós que entráis***;  
***Ó tu que tens de humano o gesto e o peito***,  
 A estas criancinhas tem respeito!  
 Adeus, ***ó tudo o que de bom sonhei***!

Essa percepção apoia-se nas ideias de Cunha & Cintra (1985), que, apesar de considerarem o vocativo não subordinado a nenhum outro termo da oração, arrolam-no na lista de funções das quais orações subordinadas adjetivas podem depender:

A ORAÇÃO SUBORDINADA ADJETIVA pode, como todo ADJUNTO ADNOMINAL, depender de qualquer termo da oração, cujo o núcleo seja um substantivo ou um pronome: SUJEITO, PREDICATIVO, COMPLEMENTO NOMINAL, OBJETO DIRETO, OBJETO INDIRETO, AGENTE DA PASSIVA, ADJUNTO ADVERBIAL, APOSTO e, até mesmo, VOCATIVO. (CUNHA; CINTRA, 1985, p. 587)

É importante observar que o vocativo, apesar de não participar sintaticamente da oração contígua – conforme os autores afirmam –, é constituído por um núcleo vocativo e uma oração subordinada adjetiva que mantêm relação sintática entre si, mas não se ligam à oração principal, diferente do que ocorre com os outros termos aos quais orações subordinadas adjetivas estabelecem relação.

9. Neste período do *Romance da Nau Catrineta*:

Renego de ti, demônio, /**que me estavas a atentar**.

A oração adjetiva – *que me estavas a atentar* – está funcionando como ADJUNTO ADNOMINAL de demônio, VOCATIVO. (CUNHA; CINTRA, 1985, p. 588)

#### 1.2.4.3 Vocativo podendo ou não se reportar a um termo da oração contígua

Apesar de o vocativo ser tradicionalmente conhecido por seu desligamento sintático com a oração vizinha, há estudiosos que admitem haver vínculo com algum termo oracional, como Cunha & Cintra (1995):

Embora não subordinado a nenhum outro termo da oração e isolado do resto da frase, o VOCATIVO pode relacionar-se com algum dos termos. Assim, neste exemplo:

E, ao vê-la, acordarei, **meu Deus de França!**

(A. Nobre, S, 43)

O VOCATIVO *meu Deus de França!* Não tem relação alguma com os demais termos da frase. Já nestes exemplos:

Dizei-me vós, **Senhor Deus!**

(Castro Alves, OC, 281)

**Ó lanchas**, Deus vos leve pela mão!

(A. Nobre, S, 31.)

o VOCATIVO *Senhor Deus!* Relaciona-se com o sujeito vós, da primeira oração; e o VOCATIVO *Ó lanchas* com o objeto direto vós, da segunda.

(CUNHA & CYNTRA, 1995, p. 156)

Compartilhando da mesma percepção, Macambira (1987) defende a ideia de que os vocativos podem ser sintáticos ou não, sendo o absoluto aquele que não estabelece relação

sintática com outro termo oracional e relativo aquele que se reporta a um termo da oração, que deve ser um pronome pessoal:

6.4.1.1 – o vocativo pode ser absoluto ou relativo.

*Absoluto* é aquele que se acha completamente solto sob o aspecto sintático, sem que de modo algum possa referir-se a qualquer termo da oração:

- a) *Meu Deus*, para onde segue a Humanidade?
- b) *Vida*, nada me falta: *vida*, estamos em paz;
- c) *Deus, ó Deus*, há dois mil anos eu mandei meu grito.

*Relativo* é aquele que sob a forma de aposto encontra na oração um termo a que se reporta, e que deve ser pronome pessoal:

- a) Lembre-te *homem*, que tu és pó;
- b) *Médico*, cura-te \ ti mesmo;
- c) *Pai*, afasta de mim este cálice;

em que *homem*, *médico* e *pai* são vocativos apositivos, cujo fundamental é *tu* implícito. Todo vocativo apositivo é obviamente relativo. (MACAMBIRA, 1987, P. 349)

O autor afirma ainda que todo vocativo relativo é um tipo de aposto por se relacionar com um fundamental na oração, diferente do vocativo absoluto que é considerado puro por não possuir um fundamental correspondente. Dessa forma, reconhece o vocativo absoluto como assintático e o vocativo relativo como sintático:

O vocativo absoluto é assintático ou irracional, porquanto não pertence à estrutura da língua, ou marginal, como alguns preferem chamar; o relativo, ao contrário, é sintático, pois encaixa perfeitamente na estrutura linguística. (MACAMBIRA, 1987, p. 350)

A noção de que o vocativo pode ou não estabelecer relação sintática com outro termo oracional é igualmente defendida por Moreira (2008), que separa as ocorrências em que o vocativo participa do evento da ação verbal por ser correferente de uma palavra que mantém relação sintática com o verbo (como tópico da sentença e como constituinte deslocado) daqueles que não participam (como foco):

### Construção em tópico

(16) Carlos *j*, o D. Abade julgou mais prudente que *c.vj* lá não voltásseis.  
(Martins Pena, 1956: 335)

No exemplo acima, o vocativo Carlos é movido para uma posição a esquerda, deixando uma categoria vazia (*c.v*) na sua posição de base (posição de sujeito da segunda oração).

Observe-se, assim, que o vocativo é co-referente do sujeito (nulo) da segunda oração e, portanto, participa do evento da ação. (MOREIRA, 2008, p. 46)

### Construção em deslocamento

deslocamento à esquerda se dá ao fazer uma pergunta relativa à pessoa (ou coisa) que aparece depois topicalizada:

(18) Carlos *j*, trataremos da promessa que *te* fiz. (Martins Pena, 1956:314)

(20) Não vos *i* parece que seria isso uma loucura, senhor duque? (Gonçalves Dias, 1868: 256. (MOREIRA, 2008, p. 46)

## Construção como foco

(21) Pai, a Pepa e a Maria Cristina ainda estão morando aí? (Mauro Rasi, 1995:80)

Como se vê, na sentença acima, o vocativo pode se comportar como um foco: não há relação com nenhum constituinte interno a oração, sendo, portanto, em exemplos desse tipo, uma “unidade a parte”, como consta na descrição da maioria dos gramáticos tradicionais, citados no capítulo I34. (MOREIRA, 2008, p. 47)

É pertinente observar que os vocativos que participam do evento da ação verbal se comportam sintaticamente em equivalência a construções de tópicos. Para a autora, a diferença ocorre em função da distinção dos discursos, em que o vocativo ocorre no discurso direto, e a topicalização ocorre no discurso indireto.

### 1.2.4.4 Vocativo como um termo exclusivamente sintático

O vocativo é entendido como termo sintático por Maciel (1902, p. 224), pois o trata em sua gramática na parte de sintaxe relacional, a qual define como “o tractado das funções e relações das palavras, isto é, da sua concordância e posição no organismo da proposição simples”, considerando a função vocativa como termo acessório porque, como tal, modifica e desenvolve o sujeito ou o predicado:

Seis são as funções das palavras ou expressões no organismo da proposição, a saber:

- a) Função subjectiva,
- b) Função predicativa,
- c) Função atributiva,
- d) Função objectiva,
- e) Função vocativa,
- f) Função adverbial.

As duas primeiras são fundamentaes, pois a ellas se reduz a proposição no seu menor desenvolvimento e as demais são accessorias, pois aparecem apenas para modificar e desenvolver, ora o sujeito, ora o predicado. (MACIEL, 1902, p. 225)

Em seguida distingue dois tipos de vocativo: o subjetivo e o objetivo. O primeiro refere-se àquele que se liga ao sujeito oculto ou claro da oração – trazendo como um de seus exemplos a frase de Camões: “Agora tu, Calliope, me ensina” (CAMÕES, apud MACIEL, 1902, p. 230). Nessa oração, o vocativo “Calliope” liga-se ao sujeito “tu”.

O vocativo objetivo refere-se àquele que se liga a um pronome objeto, como exemplifica com a oração de Alexandre Herculano em *Eurico, o presbítero*: “Amo-te, ó cruz, no vertice firmada/de esplendidas igrejas” (HERCULANO, apud MACIEL, 1902, p. 230). Nessa oração, o vocativo *ó cruz* liga-se ao pronome objeto *te*.

Rejeitando a viabilidade de não manter ligação sintática com a oração adjacente, Santos (2004) investiga o vocativo sob a perspectiva da gramática enunciativa. A pesquisadora admite dois planos de organização: o da estrutura frasal e o do enunciável, que contemplam sua condição de exterioridade, descrevendo o vocativo como termo de suporte da sentença por indicar as posições dos enunciatários.

Dessa forma, entende que o vocativo constitui o corpo sintático da sentença, visto que o domínio linguístico é formado pela estrutura e pela enunciação, dividindo os vocativos de seu *corpus* quanto à organicidade, à subjetividade e à enunciação.

No tocante à organicidade, ou seja, à estrutura frasal, os vocativos podem ser: textualizados (separados do restante da sentença por meio de um ponto, relacionando-se com o texto e não com uma frase apenas); sintetizados (separados do enunciado por vírgula); soltos (desvinculados de qualquer frase, compondo uma frase exclamativa e separados do texto por algum ponto); acompanhados de interjeição e, por fim, em frases imperativas.

Em relação ao plano da subjetividade, a pesquisadora declara que o enunciatário pode assumir uma posição exposta pelo enunciador por meio do vocativo. E no que concerne ao plano da enunciação, admite que é integrado por termos que designam desprezo, ironia e afeto ao enunciatário.

Para Santos (2004, p. 99), o vocativo pode ter “uma função de suporte do enunciado e um lugar de status dentro da análise sintática, dentro de uma sintaxe com base enunciativa”.

### 1.2.5 O vocativo sob a perspectiva do Discurso

Como dito anteriormente, o vocativo é, predominantemente, observado por suas perspectivas formais e, mesmo que grande parte dos gramáticos reconheçam não haver relação sintática entre ele e a oração adjacente, poucos admitem, com clareza, sua função no âmbito do discurso. Apenas o fazem Perini (2005, p.91), ao afirmar que “[...] a ligação entre o vocativo e a oração junto à qual ele pode ocorrer não tem a ver com a estrutura da própria oração, mas com a organização do discurso”, e Azeredo (2012, p.76), quando indica que “As formas do grupo ‘b’ têm o papel discursivo de vocativo, termo com o qual o

enunciador identifica o interlocutor/destinatário – pessoa ou animal – quando a ele se dirige [...]”. Entretanto, não desenvolvem tal ponto de vista.

Tal abordagem é adotada por Teixeira (2013) ao descrever o imaginário sociodiscursivo do *vocativo* “nem”, a partir da perspectiva teórica da Análise do Discurso, mais precisamente do autor Charaudeau, considerando as percepções de grupos prestigiados e desprestigiados socialmente.

Ao analisar o vocativo “nem”, a pesquisadora salienta que o termo revela a imagem sociodiscursiva de seu usuário, podendo este ser rejeitado ou não por seu enunciatário, a depender da imagem que o ouvinte carrega sobre o falante. Por conseguinte, o estudo leva a perceber a capacidade que o vocativo possui de revelar o estrato social do enunciador e de instigar a construção de imagens sobre si, podendo ser favorável ou desfavorável, e de transparecer dados da cultura subjetiva, como valores e crenças.

#### 1.2.6 O vocativo sob a perspectiva da Estilística

O vocativo é também precariamente abordado pelo campo da estilística, ramo da linguística que se ocupa da função expressiva da linguagem, de seu uso estético, estudando os processos que marcam a individualidade do falante. São encontrados poucos comentários a respeito da possibilidade de se obter maior ênfase vocativa, como fazem Cunha & Cintra (1985) ao apontarem que o vocativo pode ser enfatizado. Porém não descrevem de que maneira é possível realizar esse realce, se por acompanhamento de interjeição, se por uso de repetição, se por uso de pontuação ou se por qualquer outro recurso linguístico.

A descrição do uso da interjeição “Ó” como um recurso de ênfase em ambiente vocativo é recorrente. Barbosa (1822) sustenta que a interjeição acompanha o vocativo quando este está posicionado no início da frase, antes do verbo, podendo ser retirado quando em outra posição:

A Interjeição vocativa O’ serve para dar a qualquer nome a determinação de segunda pessoa, e mostrar que he a com quem se fala. Quando o nome está no princípio da frase, e antes do verbo, costuma-se exprimir, como: O’ Pedro, vem cá. Porém quando vem no meio da frase e depois do verbo, muitas vezes se suprimme, como: Vem cá, Pedro. (BARBOSA, 1822, p. 103)

Esse artifício de realce também é comentado, em nota, por Pereira (1907), exemplificando-o com um verso de Gonçalves Dias: “O vocativo pode ser reforçado com a interjeição vocativa ó: O’ GUERREIRO, meus cantos ouvi. (G. D.) (DIAS, apud PEREIRA, 1907, p. 192).”

Outro modo de ressaltar estilisticamente o vocativo é realizando sua duplicação, conforme o exemplo apresentado por Maciel (1902) de um trecho de Camões: “Rei dos godos, rei dos godos, exclamou elle, és covarde! – Camões, Os Lusíadas” (CAMÕES, apud MACIEL, 1902, p. 225). Contudo, essa questão não é abordada em seu texto.

A ironia se revela também um recurso estilístico que pode ser usado em vocativo, de acordo com os estudos de Yamamura (2014), que se ocupa de estudos estilísticos do “Romance d’A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta”, em especial, de seus traços irônicos. Em sua pesquisa, é apontado o tom irônico do vocativo analisado, “nobres Senhores e belas Damas de peitos brandos”, e salientado que se repete ao longo da narrativa com o objetivo de invocar a atenção de seu público para momentos grandiosos durante a história que conta, imprimindo ironia ao discurso.

### 1.2.7 O vocativo sob a perspectiva da Cultura

Entendendo que estudo de língua não pode ser dissociado do estudo de cultura, estudos contemporâneos têm voltado suas atenções para a influência que esta exerce nas escolhas lexicais do vocativo. Essa abordagem colabora com ensino de PLM, mas, principalmente, com o ensino de PLNM, que exige descrições mais explícitas para tentar preencher lacunas que o aluno pode apresentar por não compartilhar dos mesmos conhecimentos linguísticos e culturais do falante materno.

Embora as gramáticas não apontem como as escolhas lexicais do vocativo são realizadas a partir da influência exercida pela cultura, é possível observar alguns pontos de descrição que acabam revelando informações culturais. Assim faz Ribeiro (1933) que, ainda na década de trinta, ao tratar das formas *não* e *sim* dirigidas a pessoas a quem se deve atribuir respeito, pondera que devem ser acompanhadas de pronome de tratamento a fim de não conferirem indelicadeza:

- 1) A negativa como resposta e assim também afirmativa expressam-se pelas palavras *não* e *sim*; contudo se é resposta a pessoa de consideração ou respeito, seria indelicadeza não ajuntar o tratamento:

Sim, *senhor*; *senhor*, sim; sim, *meu senhor*.  
 Não, *senhor*, etc.  
 Não, meu amigo; sim, capitão.  
 Grifos do autor (RIBEIRO, 1933, p. 303, 304)

Ainda que a intenção não seja abordar o vocativo, nota-se, na citação acima, a importância que os pronomes de tratamento possuem ao exercerem tal função, pois são capazes de conferir polidez, fazendo o enunciador não parecer descortês quando usa respostas curtas de sim e não, já que parecem aos brasileiros formas culturalmente rudes.

Outro dado cultural que influencia as escolhas vocativas é apontado por Hutchinson & Lloyd (1996), Whitlam (2011) e por Neves (2000). Diz respeito ao uso do pronome de tratamento “senhor” que, no português brasileiro coloquial, é frequentemente substituído pela forma “seu” quando precede nome próprio: “Seu Juca, que surpresa encontrar o senhor por aqui.” (HUTCHINSON; LLOYD, 1996, p. 177).

Whitlam (2011, p. 258) acrescenta ainda que em Língua Portuguesa o uso de “dona” substitui o de “senhora”, afirmando que, quando se pretende demonstrar respeito, é comum preceder tal forma ao nome da pessoa com quem se fala.

Outra relevante descrição cultural que Hutchinson & Lloyd (1996) apresentam é a informação da preferência dos brasileiros em usarem termos afetivos como formas de endereçamento – como papai, mamãe, tio e tia – assim como o uso de apelidos afetivos nos vocativos – como em “Pois não, Zeca, com muito gosto” (p.178).

Coadunando, novamente, com as autoras acima, Whitlam (2011, p. 259) afirma que títulos podem ser usados em endereçamentos diretos: “Professor, vai ter prova hoje?” “Tia, você viu minha mãe?”. Assinala ainda que o título “tia” pode ser usado para se referir tanto à parente quanto a pessoas com as quais o enunciador não possui relação de parentesco.

Neves (2000) amplia a compreensão dos usos do vocativo na cultura brasileira ao examinar como certas classes de palavra podem alterar o seu sentido. Embora a autora não apresente como foco de seu estudo o vocativo, este acaba sendo abordado em distintos momentos ao longo das descrições de outros termos com os quais pode aparecer no discurso, indicando seus usos associados à intenção do falante, como, por exemplo, ao tratar das particularidades dos pronomes possessivos.

A autora salienta que, quando os pronomes possessivos “seu, sua, seus, suas” compõem vocativo acrescido de um adjetivo qualificador de conotação negativa, passam a expressar uma provocação. Desta forma, pode-se observar o sentido provocativo que o vocativo assume quando composto pela combinação das classes gramaticais citadas acima, conforme é evidenciado nos exemplos apresentados por Neves (2000, p. 487): “Fala baixo,



SUA idiota. (VA); Pode escolher as suas armas que eu acabo com você, SEU porco traidor. (FSP); Não notou a tranca antes de entrar, SEU banana?” (FSP).

A linguista aponta ainda que o pronome possessivo “meu” e suas flexões, quando compoendo um vocativo, podem indicar tratamento cerimonioso, afetividade ou intimidade e ainda ironia e desprezo, como nestes exemplos que apresenta, respectivamente: “Pois não, MINHA senhora, às suas ordens. (CCA)”, “Volte sempre, MINHA querida, volte sempre! (CP)” e “Se você, MINHA querida, bater em minha porta, juro que vou esmagar sua cabeça. (FSP)” (NEVES, 2000, p. 488).

Neves (2000) diz também que a forma masculina “seu” quando usada junto de nome próprio masculino não é possessivo, trata-se de uma fórmula de tratamento respeitoso, o que é por ela exemplificado também com uso de vocativo: “Seu José Maria, o senhor hoje perdeu a hora! (MP)” (NEVES, 2000, p. 488).

O uso do pronome possessivo sem valor de posse em estruturas vocativas é igualmente considerado por Rodrigues (2013), que elenca para análise as estruturas: “meu + substantivo/adjetivo”, “seu + substantivo/ adjetivo” e “nosso” em vocativos que se cristalizaram como interjeições. A pesquisadora conclui que tais combinações de classes gramaticais podem expressar ofensa, ironia, elogio, cerimônia, afetividade e aproximação; que o não uso de tais formas no vocativo diminui a expressividade e que o emprego de “minha nossa senhora” e suas reduções possuem valor de interjeição.

Com o intuito de estudar dados culturais brasileiros que contribuem para a compreensão dos usos vocativos no português do Brasil, Capella (2009) aborda critérios de igualdade e de hierarquia, de proximidade e afastamento, de variedade lexical e estratégias de polidez.

No tocante ao primeiro critério, proximidade e afastamento, notou-se que há termos que demonstram maior ou menor proximidade entre os enunciadores, podendo, quando o vocativo é usado inadequadamente, causar desconforto e estranhamento.

A fim de sintetizar as diferenças de abordagem dos vocativos nas gramáticas de Língua Portuguesa do Brasil, optou-se por elaborar um quadro comparativo entre gramáticas normativas e descritivas de PLM, que será apresentado na página 40.

Diante desse propósito, é relevante destacar as considerações de Neves (2013) a respeito do equívoco da gramática tradicional ser chamada de gramática normativa, visto que,

Em sã consciência, as nossas gramáticas em geral – e estendo a observação à mãe das gramáticas do Ocidente, a *Téchne Grammatiké*, de Dionísio, o Trácio, (Uhlig, 1883) – não podem ser acusadas de explicitamente prescritivas, já que, para citar dois pontos:

1. São raras as marcas injuntivas da linguagem, isto é, não se diz explicitamente “use isto e não aquilo”, ou “deve-se usar isto e não aquilo”.
2. É evidente um desenvolvimento taxonômico das lições, apoiado numa “definição” lógica das entidades em exame. (NEVES, 2013, p. 30)

Porém, a própria autora observa que tais gramáticas apresentam linhas opostas em seu desenvolvimento, manifestando marcas de seu caráter normativo.

Essas marcas são verificadas nas presenças de injunção – nos exemplos apresentados, constituídos sempre de textos de “boa linguagem”, e nas exposições de exceções. E ainda no paradigma depreendido da taxonomia, que, na verdade, é oferecido como modelo que diz o que a língua é, quando explicita a organização do sistema de entidades, e aquilo que deve ser, quando “Diz, por exemplo, que a primeira pessoa do singular do pretérito perfeito do verbo **fazer** é *eu fiz*, o que implica que **não pode e não deve** ser *eu fazi*” (NEVES, 2013, p. 30).

Dessa maneira, para fins de classificação, considera-se que a gramática normativa é aquela que possui seu enfoque na descrição da língua a partir de um juízo de valor que elege uma determinada variação da linguística como padrão e que, como aponta Azeredo (2012, p. 130), trata-se do “perfil predominante do ensino da língua, avassaladoramente persistente em nossa tradição escolar, e, em muitos círculos sociais, o único conceito de gramática”.

Seu objetivo, então, não é descrever a língua em suas diferentes realizações, em seu funcionamento real, mas é o de prescrever normas gramaticais de um modelo de prestígio social, considerando as diferenças como deficiências linguísticas. O termo norma, nesse caso, é compreendido como o uso padronizado que deve ser seguido por todos e, por isso, segrega variações prestigiadas e não prestigiadas.

A gramática descritiva, por sua vez, é aquela que se ocupa em realizar descrições linguísticas que revelam os mecanismos de funcionamento de uma dada língua, em determinado tempo, como meio de comunicação entre os falantes. Para tanto, descreve os usos efetivos de determinada língua, sem juízo de valor, sem elencar um modelo a ser seguido, respeitando suas variações.

Deve-se atentar ainda que uma gramática descritiva, que leva em conta as variações da língua, descreve a norma linguística entendida como uma modalidade

[...] estabelecida pela frequência de uso, e, se se contempla, realmente, o uso linguístico, essa visão, sem fazer valoração, reparte a noção de norma por estratos sociais (variação de usos diastrática), por períodos de tempo (variação de uso diacrônica) por regiões (variação de uso diatópica). (NEVES, 2013, p. 43)

Sendo assim, a gramática descritiva se ocupa em apresentar a norma sob o enfoque dos usos, sem estabelecer o certo e o errado, mas considerando aquilo que é recorrente nas diferentes manifestações da língua sem apresentar valores morais.

Para distinguir as gramáticas normativas e descritivas, considerou-se as declarações dos próprios autores nas apresentações de suas respectivas obras. Assim, alocaram-se como descritivas as gramáticas de Azeredo (2012), de Perini (2005) e de Neves (2000), visto que o primeiro afirma que em sua obra

O enfoque adotado é essencialmente descritivo, sem prejuízo, contudo, de considerações de ordem normativa, sempre que oportunas, tendo em vista a vocação desta obra para ser também uma fonte de informações sistematizadas sobre o português padrão do Brasil. (AZEREDO, 2012, p. 26)

Já Perini (2005) apresenta sua filiação no próprio título de sua obra, *Gramática descritiva do português*, no Prefácio ao declarar que se dedica à descrição da língua padrão e quando afirma que

Este livro pretende ser um exemplo de como se pode fazer uma gramática portuguesa sobre bases teoricamente coerentes, ao mesmo tempo isolando as preocupações normativas (que, em si, não são necessariamente condenáveis) da descrição da língua propriamente dita. (PERINI, 2005, p. 15-16)

Por sua vez, Neves (2000, p. 14) declara sua obra descritiva ao afirmar que “A Gramática de usos do português tem como objetivo promover uma descrição do uso efetivo dos itens da língua, compondo uma gramática referencial do português”.

Já as demais gramáticas ocuparam lugar de normativas na classificação por se dedicarem essencialmente ao ensino da norma padrão.

Estabelecidas tais distinções, segue o quadro comparativo acerca do vocativo:

Quadro 5 – Características do vocativo em gramáticas normativas e descritivas de PLM (continua)

Descrição do vocativo			
Foco	Característica	Gramática Normativa	Gramática Descritiva
Função	• Chamar/ invocar	Pereira (1907); Bechara (2009); Cunha e Cintra (1985)	—
	• Indicar/identificar	Maciel (1902)	Azeredo (2012)
	• Declarar a ideia do enunciatário	Moraes (1869)	—
	• Nomear	Cunha e Cintra (1985)	Azeredo (2012)
	• Conferir tratamento ao enunciatário	—	Azeredo (2012)
Entonação	• Suspensiva	Cunha e Cintra (1985); Kury (1972); Macambira (1987)	—
	• Exclamativa	Kury (1972); Lima (1974); Cunha e Cintra (1985); Bechara (2009)	Azeredo (2012)
	• Ascendente	Macambira (1987)	—
Classes gramaticais	• Substantivos e pronomes	Melo (1971); Kury (1972); Macambira (1987); Bechara (2009)	Neves (200)
	• Omissão de artigo	Barbosa (1822); Ribeiro (1885);	Neves (200)
	• Interjeição “Ó” como precedente do vocativo	Barbosa (1822); Moraes (1869); Maciel (1902); Pereira (1907); Melo (1971); Lima (1974); Cunha e Cintra (1985); Macambira (1987); Bechara (2009)	—

Quadro 5 – Características do vocativo em gramáticas normativas e descritivas de PLM (continua)

Descrição do vocativo			
Foco	Característica	Gramática Normativa	Gramática Descritiva
Sintaxe	• Frase/oração independente	Barbosa (1822); Bechara (2009)	Azeredo (2012)
	• Termo não sintático	Pereira (1907); Melo (1971); Kury (1972); Lima (1974); Cunha e Cintra (1985); Bechara (2009)	Azeredo (2012); Perini (2005)
	• Reportando-se ou não a um termo da oração contígua	Cunha e Cintra (1985); Macambira (1987)	—
	• Termo sintático	Maciel (1902)	—
Discurso	• Assume papel discursivo	—	Perini (1996); Azeredo (2012)
Estilo	• Uso da interjeição “Ó”	Barbosa (1822); Moraes (1869); Maciel (1902); Pereira (1907); Melo (1971); Lima (1974); Cunha e Cintra (1985); Macambira (1987); Bechara (2009)	—
	• Duplicação	Maciel (1902)	—
Cultura	• Uso de pronome de tratamento em respostas curtas de sim ou não, para demonstrar cortesia.	Ribeiro (1933)	—
	• “seu, sua, seus, suas” + adjetivo qualificador negativo expressa provocação.	—	Neves (2000)

Quadro 5 – Características do vocativo em gramáticas normativas e descritivas de PLM (conclusão)

Descrição do vocativo			
Foco	Característica	Gramática Normativa	Gramática Descritiva
Cultura	<ul style="list-style-type: none"> <li>• uso do pronome possessivo “meu” e suas flexões + núcleo de vocativo pode expressar tratamento cerimonioso, afetividade, intimidade, ironia ou desprezo.</li> </ul>	—	Neves (2000)
	<ul style="list-style-type: none"> <li>• “seu” usado junto a nome próprio masculino não é possessivo, é uma fórmula de tratamento respeitoso</li> </ul>	—	Neves (2000)

Fonte: A autora, 2019.

A partir da observação do quadro acima, é possível verificar que a maioria dos gramáticos normativos, ao descreverem o vocativo, deram destaque à função de chamar, às entonações suspensiva e exclamativa, à composição por substantivos e pronomes, à presença precedente da interjeição “Ó” e a reconhecê-lo como termo não sintático.

Por outro lado, as gramáticas descritivas, além de apresentarem descrições coincidentes com algumas gramáticas normativas, apontam para característica que não foram abordadas por estas. Trata-se da função de conferir tratamento ao enunciatário e ao papel discursivo que o vocativo assume no texto.

É relevante notar também que a indicação de dados culturais nos usos de vocativos não são comuns nas gramáticas analisadas, tanto normativas quanto descritivas, pois apenas dois gramáticos apontam observações baseadas nos usos culturais (um normativo e uma descritiva).

No que se refere às gramáticas de português para estrangeiros, foi possível também elaborar um quadro comparativo a fim de observar suas contribuições acerca do vocativo, conforme abaixo:

Quadro 6 – Gramáticas descritivas de português língua estrangeira

Descrição do vocativo		
Foco	Característica	Autor
Função	• Chamar	Perini (2002)
	• Indicar	Hutchinson & Lloyd (1996)
Classes gramaticais	• Locução adverbial “por favor”	Hutchinson & Lloyd (1996)
Cultura	• Uso de “Seu” como pronome de tratamento substituto de “Senhor”	Hutchinson & Lloyd (1996); Whitlam (2011)
	• Uso de “Dona” como pronome de tratamento substituto de “Senhora”	Whitlam (2011)
Cultura	• Uso de termos e afetivos (mamãe, papai, titio, titia) e apelidos afetivos	Hutchinson & Lloyd (1996)
	• Uso de títulos (professor, tia - sem grau de parentesco)	Whitlam (2011)

Fonte: A autora, 2019.

A fim de atender às necessidades particulares de aprendizes estrangeiros, as gramáticas voltadas para esse público, de abordagens descritivas da língua, dedicaram-se a tratar os vocativos de acordo com as preferências dos usos na cultura brasileira.

A partir de sua função de chamar e indicar - também apresentadas por gramáticas de PLM -, Hutchinson e Lloyd (1996) chegam a considerar a locução adverbial “Por favor” como um termo que cumpre a função de chamar, exercendo, assim, função vocativa. Essa descrição diverge das gramáticas de PLM vistas anteriormente, que preveem apenas substantivos e pronomes como classes que podem ocupar a função vocativa.

Outra descrição relevante para os estrangeiros é explicitada a respeito dos usos recorrentes de “Seu”, “Dona”, títulos, grau de parentesco e apelidos afetivos nas interações entre brasileiros.

Embora sejam diferentes as abordagens sobre vocativo vistas neste capítulo, parece discutível a possibilidade de alcançar uma compreensão mais ampla e aprofundada por

meio de uma só perspectiva, visto que é na abrangência de distintos pontos de vista que se atinge um melhor entendimento a seu respeito.

Dessa forma, é interessante abordar outras contribuições teóricas que, associadas às aqui apresentadas, sejam relevantes para análise do objeto de estudo desta pesquisa com vistas a elaborar descrições a seu respeito mais apropriadas ao ensino de PLNM. Para este fim, caberá ao próximo capítulo apresentar teorias contemporâneas que, cada qual com sua peculiaridade, colaboram com uma melhor compreensão do funcionamento do vocativo em interações orais do brasileiro.



## 2 “QUANDO CHAMAR É SE POSICIONAR”: MÚLTIPLOS OLHARES SOBRE O VOCATIVO

Este capítulo dedica-se a apresentar contribuições de teorias contemporâneas que, juntamente com o panorama teórico abordado no capítulo anterior, servirão de embasamento para realizar observações sobre o funcionamento do vocativo que interessem ao ensino de PLNM.

Entendendo que diferentes pontos de vista possibilitam uma compreensão mais apropriada de um objeto de estudo, torna-se coerente, então, adotar uma abordagem teórica interdisciplinar, cujas contribuições se apresentarão organizadas neste capítulo em quatro partes, sem que sejam apresentadas com base em uma ordem cronológica.

A primeira (2.1) apresenta contribuições de base antropológica a respeito de cultura, interculturalismo e características da cultura brasileira; a segunda parte (2.2) ocupa-se em apresentar a abordagem funcionalista da linguagem; a terceira parte (2.3) tece considerações gerais a respeito da Teoria dos Atos de Fala e, por fim, a quarta parte (2.4) trata de particularidades dos ensinos de PLM e PLNM.

### 2.1 Cultura

O crescente contato cultural a que se expõem, cada vez mais, os indivíduos no mundo de hoje, seja por meio de viagens de turismo ou de negócio, intercâmbios ou mídias sociais, torna imprescindível o desenvolvimento de habilidades para uma comunicação com vistas a possibilitar que as pessoas estabeleçam interações comunicativas harmoniosas e eficazes.

Para tanto, é necessária a compreensão de o que é cultura e de como uma se distingue de outras no que diz respeito às línguas, às tradições, aos padrões de comportamento que adotam e aos valores que as sustentam.

Cultura é vista por Bennett (1998) como o vínculo íntimo entre elementos objetivos e subjetivos que definem um grupo social. Os elementos objetivos que compõem a cultura relacionam-se às expressões mais perceptíveis de uma sociedade, como os sistemas social, econômico, político e linguístico pertencentes à história de um grupo. Apesar de ser

entendida como uma rica referência por ser de maior facilidade de percepção, por si só, não é capaz de construir uma comunicação eficaz, pois apenas trata de reconhecer a parte cultural aparente de um grupo, sem considerar a interação interpessoal.

Já a cultura subjetiva refere-se a questões abstratas como crenças, hábitos, ideais e valores culturais que perpassam a existência dos membros de um grupo e determinam seus pensamentos e seus comportamentos em diferentes modos de interação social. Por se tratar de uma questão abstrata, é necessário desenvolver um olhar cuidadoso para reconhecê-la em suas manifestações concretas reveladas na cultura objetiva.

É preciso explorar dados da cultura subjetiva para tentar esclarecer conceitos e usos que possam trazer dificuldade de entendimento nas interações comunicativas, possibilitando melhor compreensão e imersão do aprendiz de PLNМ em práticas socioculturais próprias dos usuários nativos do idioma, favorecendo uma inserção na cultura-alvo mais apropriada.

Em harmonia com as ideias de Bennett (1998), Peterson (2004) define cultura como o conjunto de valores e crenças de um grupo de pessoas que se encontra em local determinado e das influências que trazem para o comportamento desse mesmo grupo social. O autor lança mão da metáfora do *iceberg* para explicar o conceito de cultura, afirmando que, assim como se costuma deter apenas em sua superfície aparente sobre o mar, também a cultura é mais fácil de ser percebida por suas características visíveis, como a literatura, música, religião, gastronomia, arquitetura ...

Contudo, como comumente ignora-se a parte submersa do *iceberg*, cerca de oitenta por cento de seu tamanho, há também uma quantidade significativa de elementos culturais que são mais difíceis de serem observados de imediato – hábitos, crenças, comportamentos, linguagem, papel do homem e da mulher na sociedade, regras de relacionamento entre os indivíduos, importância do trabalho, expectativas de comportamento social, entre outros –, mas que possuem fundamental importância nas interações entre culturas.

É possível perceber uma clara correspondência entre os conceitos apresentados por Bennett (1998) e por Peterson (2004) entre cultura objetiva e cultura visível e entre cultura subjetiva e cultura invisível apresentados.

Seguindo com sua analogia, Peterson (2004) identifica a base do *iceberg* como a sustentação do topo, mostrando que são os elementos culturais menos perceptíveis que funcionam como arrimo dos elementos culturais palpáveis, dando condições para seu melhor entendimento. Em outras palavras, a parte explícita da cultura é sustentada pela parte implícita, da mesma forma como a cultura subjetiva é que dá subsídios para a

concretização da cultura objetiva. Assim, ao se observar, por exemplo, um estilo musical mais frequente em determinada cultura, entende-se que é baseado em valores e crenças próprios desse grupo, o que possibilita a compreensão da cultura como um todo.

É relevante ressaltar também a percepção de Laraia (2005) de que todo comportamento social é aprendido, uma vez que os valores culturais de determinado grupo são assimilados via contato social entre os que interagem nele, levando-os a agirem de acordo com padrões de comportamentos baseados em tais valores, que são transmitidos ao longo da história, preservando, assim, a própria cultura.

Por outro lado, para o autor, cada grupo social tende a perceber a realidade a partir de elementos de sua própria cultura, o que pode provocar o pensamento de que seu modo de perceber o mundo seja mais correto que o de outros, tecendo julgamentos sobre comportamentos, hábitos e costumes do outro fundamentados em seus próprios parâmetros culturais. Essa dificuldade em compreender a cultura alheia pode gerar ruídos na comunicação e comprometer sua eficácia, gerando conflitos ou mal-entendidos.

Sendo assim, é fundamental assumir uma postura de compreensão em relação a culturas distintas da qual se pertence, a fim de buscar estabelecer interações que considerem aspectos interculturais, colaborando para a construção de relações interpessoais harmoniosas.

### 2.1.1 O Interculturalismo

O interculturalismo pretende estudar formas de comunicação entre indivíduos de diferentes culturas que sejam capazes de melhorar a interação entre eles e de promover uma postura de respeito e de tolerância mútuos, o que é entendido como comunicação intercultural.

Esse tipo de comunicação parte da ideia de que os indivíduos devem primeiro entender a si mesmos, refletir sobre a maneira como se comunicam para que possam criar significados que sejam compreendidos pelos outros. Assim, quando entram em contato pessoas de distintas culturas, devem reconhecer as diferenças existentes e perceber como elas podem interferir na interação para, então, chegarem a um ponto em que a comunicação se realize de modo que haja entendimento (BENNETT, 2011).

Para isso, é necessário considerar os valores culturais do grupo com o qual se pretende comunicar, ou seja, é importante que, principalmente, a cultura subjetiva seja explorada no entrelaçamento de culturas distintas, como reitera Bennett (1998) ao comentar sobre o papel dos interculturalistas:

Além de pesquisar como a realidade é definida e julgada através de valores culturais, eles mostram ao mundo como o entendimento da cultura subjetiva dos falantes de certa comunidade linguística cuja a língua se quer aprender e com a qual se quer interagir pode ajudar no desenvolvimento de habilidades de adaptação cultural e da comunicação intercultural. (BENNETT, 1998, p. 18)

Sem a percepção intercultural, as pessoas tendem a imaginar que cultura é algo inerente à natureza humana e, ao se depararem com um comportamento diferente de um estrangeiro, podem interpretar como algo indelicado, grosseiro, reforçando estereótipos negativos, causando estranhamento entre as culturas.

No primeiro contato entre culturas diferentes sem a preocupação de uma postura intercultural, a pessoa pode tentar negar, converter ou eliminar tais diferenças:

Primeiro, tentamos converter a pessoa diferente para que seja igual a nós. Infelizmente, porém, se essa conversão falha, a história mostra que o ser humano parte para a saída mais simples, que é eliminar o povo culturalmente diferente. (BENNETT, 2011)

Quando se passa a um segundo momento, em que as diferenças são reconhecidas e aceitas, surge, então, a possibilidade de negociação e de integração entre elas:

Eu estou tentando me adaptar a você, você está tentando se adaptar a mim, mas nem eu quero ou posso me tornar você e nem você quer ou pode se transformar em mim. Apesar disso, ambos tentamos entender o mundo um do outro, e isso gera um espaço em comum entre nós, que não diz respeito nem à minha cultura e visão de mundo e nem à sua. Isso, esse espaço, está sendo chamado de “terceira cultura”. Mas não se deve esquecer que isso é apenas um conceito dinâmico, portanto, não existe, por exemplo, um país com uma terceira cultura; é algo gerado pela tentativa de adaptação entre as pessoas. (BENNETT, 2011 in Revista Época, ed. Globo)

E é nesse espaço de tentativa de ajustes entre as pessoas que o interculturalismo apresenta sua mais relevante atuação, pois é quando, com base na deferência e na transigência, elas interagem na busca de entendimento.

A capacidade de se empenhar em chegar a um consenso comunicativo, a uma interação eficiente, depende da competência de ambos envolvidos em conhecer e compreender o contexto cultural no qual estão inseridos e de se adaptarem a ele. Em outras palavras, é o uso de “uma acumulação de informação sobre as culturas associada à capacidade de usar esse conhecimento acumulado em benefício de uma eficaz comunicação

com os membros de um determinado grupo social” (MEYER, 2016, p. 42) que favorece a uma relação intercultural.

Logo, para se chegar a uma interação comunicativa adequada, é necessário, além do reconhecimento da própria cultura e da cultura do outro, ser capaz de identificar as diferenças que podem interferir no alcance desse objetivo.

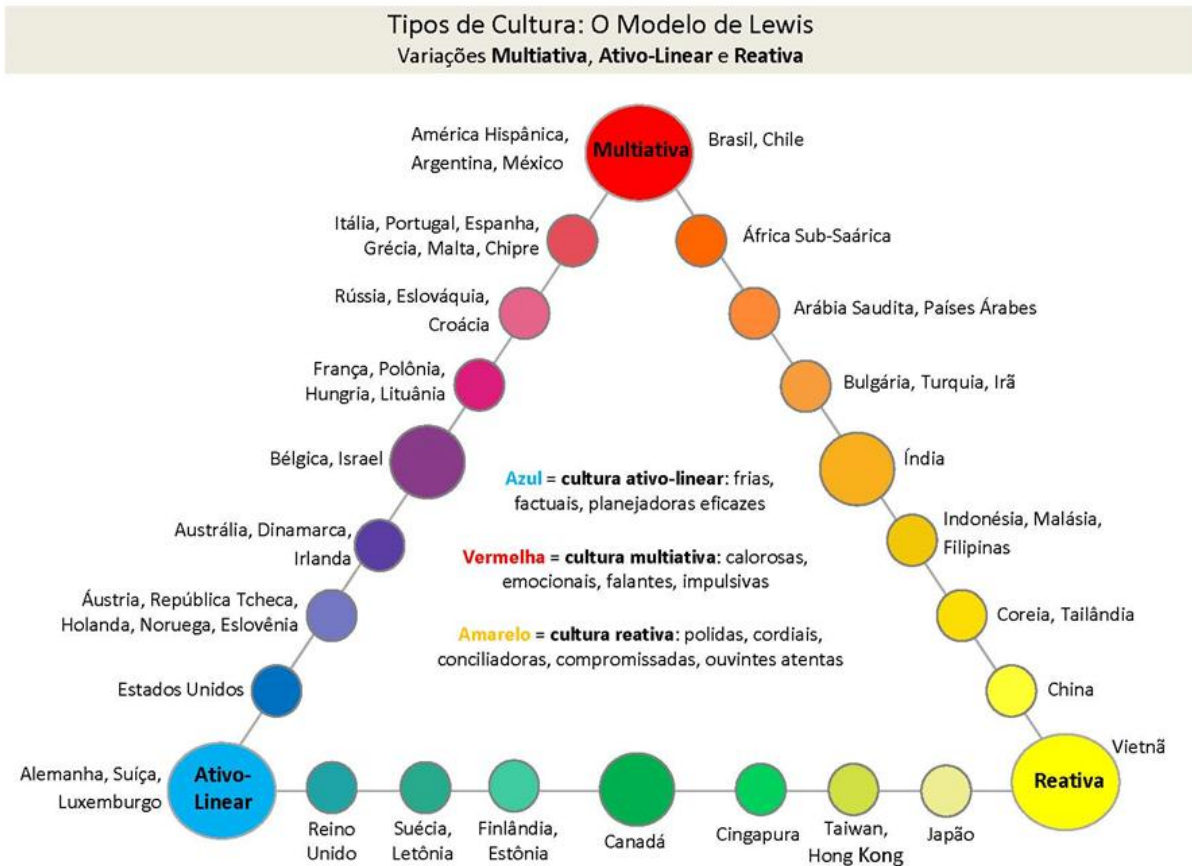
Na busca de tentar estabelecer a tradição de uma determinada cultura, DaMatta (1993) afirma que é necessário estabelecer analogias, ou seja, é a partir do contraste que se torna possível delimitar os valores eleitos, que podem ser diferentes ou semelhantes. Assim, é possível entender que toda característica é relativa, pois uma cultura só assume uma identidade quando se opõe a outra, isto é, por comparação.

É preciso, então, a fim de abordar a identidade cultural brasileira, investigar os elementos que são valorizados em sua construção, os quais precisam ser comparados com os de outra cultura, visto que um mesmo elemento pode ser concebido de formas distintas em diferentes culturas.

Buscando descrever e caracterizar diferentes culturas com vistas a evitar conflitos e facilitar negociações no mundo corporativo, pretendendo alcançar uma comunicação intercultural, Lewis (2003) traçou o perfil de várias culturas, destacando seus respectivos valores e estabeleceu uma classificação cultural de três modelos: ativo-linear, multiativo e reativo.

Esses modelos culturais são apresentados na figura de um triângulo em que em cada ponta se localiza um tipo cultural específico, com características próprias e definidas. Em cada lado da figura geométrica encontra-se uma sequência de grupos culturais que apresentam, em uma escala gradativa, diferentes características que se mesclam à medida que se aproximam ou distanciam das pontas, conforme ilustra a figura abaixo:

Figura 1 – Esquema de Lewis



Fonte: LEWIS, 2006, P. 46 (Tradução: Paranhos, 2011)

Os três principais modelos que se encontram nos vértices do triângulo se distinguem por suas características, sendo:

**Linear Ativo** – aquele em que a lógica e o planejamento são valores que ocupam lugar de grande importância na cultura e constituem a base de suas ações. Nesse modelo, as pessoas tendem a organizar seus afazeres um de cada vez, buscando eficiência e resultados imediatos dentro de determinado tempo, preferindo participar de tarefas bem estruturadas. São propensos a priorizar os fatos e a razão, deixando a emoção para um segundo plano. Os exemplos mais representativos desse grupo são os alemães, os suíços e os luxemburgueses. Logo em seguida, encontram-se, por exemplo, os americanos, apresentando características mais suavizadas. Ao prosseguir na escala em direção ao modelo Multiativo, tais características vão enfraquecendo e sendo substituídas por características deste último modelo, até chegar às culturas que melhor o representam.

**Multiativo** – modelo de culturas mais extrovertidas, em que as pessoas colocam energia e carga sentimental em suas ações. São capazes de realizar várias tarefas ao mesmo tempo, executando-as conforme o grau de importância que apresentam, sem colocar prazos

e horários como prioridades. Consideram as relações humanas muito importantes e fundamentais no ambiente de trabalho. Utilizam-se, frequentemente, da capacidade de persuasão em suas interações, que são mais estreitas e emocionais. Brasileiros, mexicanos e italianos são exemplos típicos deste grupo. Da mesma forma, tais características se suavizam e são substituídas por outras ao seguir em direção à ponta do modelo Reativo.

Reativo – apesar das relações humanas serem bastante relevantes para este tipo cultural, são em menor grau se comparadas ao modelo multiativo, apreciando o respeito, a cortesia e a harmonia em suas interações. Costumam ouvir e reagir cuidadosamente em suas respostas, valorizando a linguagem corporal. Baseiam suas ações na sabedoria de seus ancestrais e possuem a capacidade de agir com persistência e racionalidade. Este modelo corresponde principalmente ao grupo dos asiáticos, sobretudo os vietnamitas, seguidos dos chineses e dos japoneses. Conforme as escalas anteriores, as características deste modelo se atenuam dando vez a novos traços, ao seguir em direção ao modelo ativo-linear.

É relevante atentar que a proposta de Lewis (2003) não deve ser vista como rótulos culturais, mas como generalizações que podem ser úteis às interações interculturais, desde que seus participantes estejam cientes do perigo do uso de estereótipos que, de fato, não são capazes de representar os indivíduos em sua totalidade, visto que fazem parecer haver unidade entre todas as pessoas.

Enquanto os estereótipos podem trazer a sensação equivocada de que se conhecem os enunciatários, pois todos seriam supostamente iguais, aumentando a possibilidade de insucesso na interação intercultural, as generalizações tendem a constituir uma possibilidade de entrada nas interações, devendo ser constantemente avaliadas para que, se necessário, passem por ajustes. Quando se aceita a generalização, compreende-se a existência de indivíduos que podem não compartilhar as mesmas características.

Segundo Fries (2006), há quem defenda a ideia de que existe, em uma dada cultura, um grupo significativo de pessoas que compartilham um estereótipo sobre outro grupo, o que pode acabar sendo tomado como "verdade". Porém ressalta que, a seu ver, os estereótipos apontam dados tanto sobre as pessoas que estão sendo julgadas quanto sobre aqueles que fazem o julgamento e sua visão de si mesmos.

Pode-se dizer, por exemplo, que se um grupo entende outro como desonesto é provável que este julgamento esteja partindo de parâmetros próprios do conceito de honestidade o qual compartilha com seu próprio grupo, sem levar em consideração o conceito adotado pelo grupo julgado.

A autora diz ainda que estereótipos idiossincráticos, à medida que são mais suscetíveis de serem construídos por contatos pessoais, são também mais fáceis de se combater por meio da razão. Por sua vez, os estereótipos compartilhados, geralmente, são mais difíceis de serem contrariados por assentarem a ideia do “nós contra eles” e que podem se tornar temerários quando partem de grupos de pessoas agressivas.

Fries (2006) defende o uso de generalizações assegurando que estereótipos englobam todos os membros de uma cultura, enquanto as generalizações permitem variação, incentivando as pessoas a abordarem um sujeito de outra cultura com certas expectativas, contudo devem estar prontas a reprogramá-las, caso o indivíduo não aja de acordo com a conduta esperada.

Saber lidar com uma nova cultura respeitando as diferenças que há entre os grupos e pessoas que a compõem é uma atitude intercultural, que favorece o êxito da comunicação.

### 2.1.2 Contribuições dos estudos antropológicos para entender a cultura brasileira

Com o cuidado de não reduzir a identidade cultural brasileira a uma única possibilidade de realização, visto que possui como característica fundamental a pluralidade de suas distintas identidades culturais, lança-se mão das contribuições do antropólogo DaMatta (1986; 1991; 1993) sobre os conceitos de Casa e Rua e do sociólogo Almeida (2007) a respeito da hierarquia no Brasil.

#### 2.1.2.1 O espaço Casa e o espaço Rua

DaMatta (1991, p. 53) apresenta o mundo real e o outro mundo como esferas de organizações sociais que contêm visões de mundos particulares que permitem normalizar e moralizar os comportamentos sociais.

O mundo real é constituído pelos espaços Casa e Rua, que não se restringem apenas a espaços físicos, mas se referem a lugares simbólicos que influenciam os modos de organizações sociais próprios. Já o outro mundo é também um espaço simbólico de relevância na identidade cultural brasileira, visto que se refere aos rituais neutros da religião



que renunciam ao mundo real, aplacando todo sofrimento, injustiça e miséria que este causa ao indivíduo. O outro mundo refere-se a um espaço em que todos estão subjugados a uma força maior sobrenatural.

Para fins deste estudo, serão abordados os espaços constituintes do mundo real: espaço Casa e o espaço Rua, que serão definidos por meio do estabelecimento de oposições, pois é por meio do contraste que se revelam suas características. Contudo, é importante lembrar que o outro mundo complementa os espaços Casa e Rua amenizando as dificuldades do mundo real do brasileiro e serão também considerados, se necessário.

A Casa corresponde ao ambiente sobretudo familiar por ser coletivista, amistoso, íntimo, seguro, lugar em que a pessoa se sente à vontade e acolhida por um grupo fechado e ligado por laços familiares: “Seu núcleo é constituído de pessoas que possuem a mesma substância – a mesma carne, o mesmo sangue e, conseqüentemente, as mesmas tendências” (DAMATTA, 1991, p. 24).

Trata-se do espaço em que as ações não são reguladas por leis ou pela opinião pública. Ao contrário, na Casa, a pessoa é um supercidadão, pois possui todos os direitos e nenhum dever (DAMATTA, 1991, p. 110). Em Casa, os membros do grupo colaboram entre si e se protegem, assim como protegem seus valores, suas tradições, evitando tensões, percebendo o mundo por uma perspectiva moral e produzindo discursos mais conservadores. O indivíduo é visto como uma pessoa única, insubstituível e é valorizado por sua singularidade.

Sendo o ambiente simbólico da Casa constituído pelo conceito de família, vale destacar, a conclusão a que chega Almeida (2015) ao analisar quantitativamente dados de questionários aplicados pela Pesquisa Social Brasileira (PESB), no que diz respeito ao perfil do familismo no Brasil:

A primeira informação que merece destaque é que a confiança na família une todas as regiões do Brasil. Não há variação significativa entre capitais e não-capitais, entre as cinco diferentes faixas de idade, para sexo ou escolaridade, o que indica que o enorme crédito na família é fato presente em toda a sociedade brasileira, independente de classe social, sexo, idade ou região do país. (ALMEIDA, 2015, p. 121)

Contudo, os relacionamentos interpessoais que se constroem em uma Casa são também estendidos aos agregados, compadres e amigos, os quais são sempre bem-vindos a participar do convívio do grupo, recebendo tratamento igualmente colaborativo, protetor, afetivo e harmonioso. Para DaMatta (1991, p. 59), “todos que habitam em uma Casa brasileira se relacionam entre si por meio de laços de sangue, idade, sexo e vínculos de

hospitalidade e simpatia que permitem fazer de uma casa uma metáfora da própria sociedade brasileira”.

Porém existe uma gradação de confiança depositada naqueles que compõem o espaço da Casa (família, amigos e agregados), pois

[...] quando comparada aos amigos, a família é mais importante no Nordeste do que no Sul. O corolário desse dado é que no Sul e no Sudeste há menos obstáculos para se estabelecer laços pessoais não-familiares do que no Nordeste. Ainda assim, mesmo no Sudeste e no Sul, a família dispara na preferência em termos de confiabilidade. (ALMEIDA, 2015, 121)

Por outro lado, a Rua, ambiente diferente e ao mesmo tempo complementar ao da Casa, refere-se a um espaço simbólico hostil, em que se busca o sustento por meio do trabalho e onde se estabelecem relações interpessoais com quem não se tem vínculo familiar (chefes, vendedores, motoristas, guardas, policiais, pedintes, ladrões ...) e que trazem alguma carga de tensão.

É relevante apontar que o trabalho é uma atividade que, habitualmente, está localizada na Rua e, ao mesmo tempo, é considerado como um espaço de intermediação entre a Rua e a Casa, pois é por meio dele que se garante o sustento da desta.

DaMatta (1986) observa ainda que os brasileiros tendem a não valorizar o trabalho, uma atitude influenciada pela própria história do Brasil.

Marcada pelo sistema de escravização, em que a relação entre o senhor e o escravo ultrapassava a questão econômica de exploração total de mão-de-obra e se estendia à esfera moral, visto que o dono detinha controle da vida do escravizado, a relação de trabalho no Brasil se constituiu de maneira complexa:

Creio que isso embebeu de tal modo as nossas concepções de trabalho e suas relações que até hoje misturamos uma relação puramente econômica com laços pessoais de simpatia e amizade, o que confunde o empregado e permite o patrão exercer duplo controle da situação. Ele assim pode governar o trabalho, pois é quem oferece o emprego [...] (DAMATTA, 1986, p. 32)

Essa relação de trabalho pode oscilar entre o excesso de hierarquização e um grande nível de proximidade, o que torna as relações interpessoais profissionais brasileiras mais peculiares.

Assim, na Rua, tende-se a desenvolver uma atitude mais individualista, em função de configurar um espaço em que se trava a luta pela sobrevivência:

Tudo isso revela gritantemente como o espaço público é perigoso e como tudo que representa é, em princípio, negativo porque expressa um ponto de vista autoritário, impositivo, falho, fundado no descaso e na linguagem da lei que, igualando, subordina e explora. (DAMATTA, 1991, p. 65)

Na Rua, o indivíduo não se destaca pelo o que é, ele é visto como um ser anônimo que participa da composição de um povo e que deve acatar às leis que alcançam a todos, constituindo-se um minicidadeão, com todos os deveres e nenhum direito (DAMATTA, 1991, p. 110). Na percepção do brasileiro, esse espaço adquire uma carga negativa por remeter à exploração e, muitas vezes, à contrariedade de suas vontades pessoais, exigindo subordinação às regras a ele impostas. É também um ambiente em que predominam a desconfiança e a insegurança:

Na rua não há, teoricamente, nem amor, nem consideração, nem respeito, nem amizade. É local perigoso, conforme atesta o ritual aflitivo e complexo que realizamos quando um filho nosso sai sozinho, pela primeira vez, para ir ao cinema, ao baile ou à escola. (DAMATTA, 1986, p.29)

Diante do desconforto que a Rua traz, o brasileiro tende a preferir o espaço Casa, entendendo-o como espaço positivo para si, já que nela é possível realizar suas vontades, as quais nem sempre são permitidas na Rua. É o lugar em que o brasileiro se refaz após seu dia de trabalho e dos embates enfrentados na Rua. Por isso são compreendidos como espaços complementares, “Sobretudo porque o que falta na rua existe em abundância na casa” (DAMATTA, 1993, p. 33).

Casa e Rua, por constituírem realidades complementares, mas também distintas, requerem comportamentos adequados de seus participantes, pois é exigido dos indivíduos que mantenham condutas apropriadas aos papéis sociais que exercem na organização social de cada espaço simbólico.

DaMatta (1991) defende que, a depender da categoria social a que a pessoa pertença, é possível que a linguagem da Rua tenha predomínio sobre a da Casa e vice-versa. Para o autor, as classes populares tendem a usar a linguagem da Casa, produzindo discursos mais morais ou moralizantes e pessoais, tendendo a perceber as relações sociais como naturais, sem observar como são construídas historicamente.

Já as categorias socialmente dominantes adotam discursos fundamentados no espaço Rua, que são baseados nas relações impessoais, onde não há a valorização do indivíduo como pessoa, e nas leis.

Percebe-se, contudo, na cultura brasileira, a tendência de mesclar esses dois espaços simbólicos (Casa e Rua), trazendo elementos de um para o outro. Por vezes, a fim de evitar a hostilidade das relações interpessoais que se travam na Rua, transformam-nas em relações mais próximas das relações interpessoais familiares, afetivas e amistosas que se realizam no seguro espaço Casa.

Tentar trazer o espaço afetivo do ambiente Casa para relações do ambiente Rua pode ser considerado um “jeitinho brasileiro” (DAMATTA, 1986), um modo de navegação social que o brasileiro utiliza em suas relações interpessoais, a fim de trazer à tona valores de proteção e de colaboração próprios do âmbito pessoal para o âmbito impessoal. Assim, tenta abrir uma brecha nas regras duras da Rua, que se impõem a todos, buscando alcançar seus objetivos em situações que se mostram difíceis: “[...] porque sei que não existe jamais um ‘não’ diante de situações formais que admitem um ‘jeitinho’ pela relação pessoal e pela amizade [...]” (DAMATTA, 1986, p. 17).

### 2.1.2.2 Hierarquia

O sociólogo Almeida (2015) afirma que uma das características da cultura brasileira é ser hierárquica, embora, é claro, haja pessoas que sejam mais igualitárias, pois se trata de uma cultura plural.

Os defensores dos valores hierárquicos consideram a condição social do indivíduo como único critério de sua colocação na ordenação da sociedade, em que a cada um compete o exercício do que lhe é predefinido socialmente. Nas sociedades hierárquicas “[...] há uma pirâmide em que uns ocupam o topo e a maioria fica na base. Espera-se que um mande e o outro obedeça; que um sirva enquanto o outro é servido, e assim por diante”. (ALMEIDA, 2015, p.77)

Ao contrário, as sociedades que possuem uma visão igualitária de mundo têm como critério de organização social os contratos estabelecidos pelos indivíduos, que são considerados iguais, ou seja, são submetidos às regras e leis universais. Nessa percepção, os indivíduos definem seus papéis sociais de acordo com a interação que desejam estabelecer entre eles, o que pode ser modificado a qualquer tempo, a depender do estabelecimento de um novo contrato acordado entre as partes. É certo que pode haver desigualdades nas relações construídas com valores igualitários, “Porém, elas são únicas e exclusivamente estabelecidas por contratos e estão rigorosamente circunscritas a esses limites”. (ALMEIDA, 2015, p.78)

As diferenças entre essas duas características podem ser identificadas pelo nível das assimetrias sociais existentes em função da posse e do dinheiro. Na sociedade de

mentalidade hierárquica o mais rico recebe tratamento diferenciado do mais pobre, ainda que não solicite tal tratamento, recebendo maior grau de respeito e de vantagens.

Já a sociedade de característica igualitária não se assenta nessas relações, ao contrário, todos recebem os mesmos tratamentos, independentemente da condição social ou econômica que ocupam, o que se pode verificar inclusive no âmbito linguístico: “Nos Estados Unidos, as pessoas se dirigem umas às outras pelo pronome de tratamento *You* (você) e expressões como ‘senhor’, ‘doutor’ ou equivalentes simplesmente não são utilizadas”. (ALMEIDA, 2015, p. 79)

Diferente acontece no Brasil, onde os tratamentos interpessoais como “doutor”, “patrão”, “patroa” e “chefe” são corriqueiros, mesmo quando não há relação entre tais títulos e a realidade. Isso se deve ao fato de que são utilizados para estabelecer intencionalmente uma relação de hierarquia. O que pode acontecer quando o enunciador deseja se colocar em situação inferior a de seu enunciatário a fim de demonstrar seu respeito a ele e, assim, evitar um possível conflito ou conseguir alguma vantagem. Essa situação é facilmente observada em frases costumeiras na linguagem brasileira, como: “Posso vigiar seu carro, *doutor?*” ou “Mais uma cervejinha aí, *chefe?*”

É importante ressaltar que, como dito acima, a característica hierárquica brasileira se refere à média do povo, havendo aqueles que não comungam desse valor. A hierarquia está associada ao menor nível de modernização da sociedade, ressaltando que

À medida que aumentar a escolaridade média dos brasileiros haverá uma diminuição desse tipo de mentalidade. É mais uma qualificação importante mostrada pela antropologia: a concepção hierarquizante de sociedade tende mais a ser uma variável sociológica do que um atributo antropológico da população brasileira”. (ALMEIDA, 2015, p.80)

## 2.2 Abordagem funcionalista da linguagem

Em oposição às correntes formalistas, o funcionalismo linguístico surgiu observando a língua não como um fenômeno isolado, mas como instrumento que serve à comunicação e à interação social. Assim, a ideia saussuriana da arbitrariedade da língua é deslocada pela ideia da motivação provocada por fatores internos e externos ao sistema linguístico.

Por não possuir uma inscrição teórica exclusiva, como aponta Neves (1994), as teorias baseadas no funcionalismo acabam sendo associadas a seus respectivos autores, pois não apresentam o mesmo viés de investigação.

Neves (2011) afirma ainda que é a partir do diálogo que a teoria funcionalista estabelece com outros campos teóricos, como o cognitivismo e o socioculturalismo, que se desenvolvem suas diferentes abordagens.

Em seu contato com o primeiro domínio (cognitivismo), entende-se que a linguagem é assentada na influência de fatores externos, que se referem aos conhecimentos que um grupo social detém sobre a organização de seus eventos e sobre os participantes envolvidos. Assim, fundamenta-se na questão da cognição considerando também determinações socioculturais. Para a autora que é com base no encontro dessas duas teorias – funcionalismo e cognitivismo – que se pautam a Gramática Funcional, a Gramática Discursivo-Funcional, a Gramática de papel e referência, bem como o Funcionalismo da Costa Oeste.

Quanto à ligação que a teoria funcional estabelece com o campo socioculturalista, a linguagem é percebida como flexível, visto que busca o equilíbrio entre a força interna do sistema, exercida pelo componente conceitual do item gramatical, e a força externa do sistema, exercida pelas pressões do uso (que inclui forças cognitivas e socioculturais). É na conexão entre essas teorias que se baseia a Gramática Sistêmico-Funcional, cujo interesse é observar a língua como sistema não autônomo, sensível às pressões de diferentes demandas de uso de ordem estrutural, cognitiva e social, situadas no contexto de interações verbais.

Contudo, é possível perceber pontos em comum que unem tantas abordagens e que as constituem integrantes do funcionalismo linguístico. O aspecto essencial que as define como tais relaciona-se à premissa de observar a língua em diferentes situações reais de uso, a fim de perceber e analisar as estruturas linguísticas que promovem interação eficaz entre seus usuários em diferentes contextos comunicativos.

A língua é um instrumento de interação social. Não existe, em si e por si, como uma estrutura arbitrária de alguma espécie, mas existe em virtude de seu uso para o propósito de interação entre seres humanos. (NEVES, 2001. p. 43).

Em outras palavras, a perspectiva funcional compreende a língua como uma atividade social que tem como intuito o alcance da competência comunicativa:

A gramática funcional considera, afinal, a competência comunicativa, isto é, a capacidade que os indivíduos têm não apenas de codificar e decodificar expressões, mas também de usar e interpretar essas expressões de uma maneira interacionalmente satisfatória. (NEVES, 1994: 113)

Entende-se como competência comunicativa a capacidade de usar adequadamente a língua em atividade interacional, no que diz respeito ao uso de formas convenientes à situação em que a interação ocorre, levando em consideração o conhecimento sociocultural em questão.

Na busca pela competência comunicativa, uma gramática de cunho funcionalista segue três princípios básicos:

- 1) A linguagem não é um fenômeno isolado, mas, pelo contrário, serve a uma variedade de propósitos (Prideaux, 1987), e, portanto tem motivações: há uma competição de forças (externas e internas à língua), que, vindas de diferentes direções e possuindo natureza diferente, buscam equilibrar a forma da gramática.
- 2) A língua (e sua gramática) não pode ser descrita nem explicitada como um sistema autônomo (Givón, 1995), imune a uma relação com fatores externos de ativação: embora o sistema lingüístico exiba algum grau de arbitrariedade, ele se ativa motivado por fatores externos (e de mais de um tipo).
- 3) As formas e os processos da língua (a gramática) são meios para um fim, não um fim em si mesmos (Halliday, 1994): na atividade bem-sucedida, os fins são os correlatos das motivações. (NEVES, 2011, p. 25)

Ao discutir o termo função, Neves (1994) afirma que, para a linguística, a abrangência significativa do termo varia conforme o quadro teórico no qual está inserido, destacando as propostas de Karl Bühler, de Roman Jakobson e de Halliday.

Bühler, psicólogo austríaco, distingue três funções linguísticas em cada atividade de evento de fala – dramas constituídos pelo falante, o ouvinte e o tema –, as quais se apresentam hierarquizadas nos enunciados. São elas a de representação, a de exteriorização psíquica e a de apelo.

É com base em Bühler que Jakobson e Halliday caracterizam as funções da linguagem. O primeiro acrescenta três funções, relacionando os elementos da comunicação verbal a uma dada função: referencial, relacionada ao contexto; emotiva, relacionada ao remetente; conativa, relacionada ao destinatário; fática, relacionada ao estabelecimento ou à manutenção do contato; metalingüística, relacionada ao código e a função poética, relacionada à mensagem.

Já Halliday parte das contribuições de Bühler, que se interessa pelo ponto de vista psicológico das funções da linguagem, mas orienta seus estudos para a natureza do sistema lingüístico propriamente dito a partir das diferentes funções a que se prestam. Assim, distingue três metafunções da linguagem: a ideacional (expressão do conteúdo), a interpessoal, que serve para estabelecer e manter relações interpessoais, desempenhando papéis sociais (corresponde às funções expressiva e apelativa de Bühler) e a textual (refere-se à criação do texto).

### 2.3 Considerações gerais sobre a Teoria dos Atos de Fala

Austin (1962) apresenta, em suas notas realizadas para conferências e postumamente publicadas em *How to Do Things with Words*, a essência da Teoria dos *Atos de Fala*, em que procura sistematizar fenômenos pragmáticos indicando relações existentes entre a função de enunciados e a linguagem como um ato comunicativo.

O autor distingue atos constataativos – uso de sentenças para descrever fatos e eventos – de atos performativos – uso de sentenças para realização de algo –, defendendo, inicialmente, que os primeiros poderiam ser verdadeiros ou falsos em relação à realidade descrita. Já os últimos não os poderiam ser por não se tratarem de descrições de fatos referentes à realidade, mas afirma que podem ser vistos como bem ou malsucedidos, a depender das circunstâncias e consequências de sua realização.

Contudo, em seguida, ele próprio revê essa dicotomia, reconhecendo que atos constataativos são imbuídos de atos performativos e vice-versa, pois descrever (ato considerado constataativo) pode ser uma ação bem ou malsucedida e, por outro lado, um agradecimento (ato considerado performativo) também possui um âmbito constataativo por haver relação com fatos reais.

Dessa forma, pode-se afirmar que a Teoria dos Atos de Fala concebe a linguagem como forma de ação, como forma de realizar atos por meio de palavras. Para Austin (1962), o ato de fala é, além de transmitir informações, uma maneira de agir sobre o enunciatário e sobre o mundo a volta e defende que é composto por atos *locucionário*, *ilocucionário* e *perlocucionário*.

O primeiro diz respeito à dimensão linguística propriamente dita, ao que comunicamos, por meio de palavras, sentenças e regras gramaticais, a respeito do mundo. O segundo se refere ao cerne do ato de fala, ou seja, à força ilocucionária que figura nas ações performativas propriamente ditas, aquelas que constituem o tipo de ato realizado. Ao se proferir uma sentença de agradecimento, por exemplo, usando ou não o verbo *agradecer*, instala-se o próprio ato de agradecer. Assim, ao emitir um enunciado está, simultaneamente, realizando uma ação. O último, o ato perlocucionário, concerne aos efeitos relativos aos sentimentos, pensamentos e ações do ato de fala provocados no enunciatário por meio da locução.



Quando se profere um enunciado como “Recomendo que você experimente este prato”, realizam-se os três atos simultaneamente. Ao enunciar os elementos linguísticos que constituem a frase, tem-se o ato locucionário. Ao mesmo tempo, ao pronunciar a frase, efetua-se a própria ação de recomendar, constituindo o ato ilocucionário, o ato que se realiza na linguagem. Sincronicamente, ocorre o ato perlocucionário, um efeito no enunciatário que pode ser de concordância ou discordância, um ato que se realiza pela linguagem.

Para fins de análise dos vocativos, serão concentradas as atenções sobre o ato ilocucionário, visto que remete às intenções do enunciador nas escolhas que faz dos usos dos vocativos. Para tanto, também serão abordados os estudos de Searle (2002), pois, com base nas ideias de Austin, ampliou a teoria, propondo divisão e classificação dos atos ilocucionários.

Sua teoria fundamenta-se no fato de que quando o enunciador pronuncia um enunciado, em um determinado contexto, produz atos como pedir, prometer, recusar, agradecer, criticar, perguntar, etc. Cabe, então, ao ouvinte interpretar o enunciado não apenas pelo ato proferido como também pelos marcadores da ação ilocucionária presentes no ato comunicativo, compreendendo a força do ato realizado.

São cinco as formas básicas de ação que podem ser realizadas nos atos de fala ilocucionários apresentados por Searle (2002): *assertivos* – atos em que o falante se compromete com a veracidade do que diz quando o enunciado é realizado por meio de asserções, deduções, conclusões, etc.; *diretivos* – quando o falante intenta que o ouvinte faça algo por meio de pedidos, aconselhamentos, ordens, etc.; *compromissivos* – quando o falante se compromete com ação futura por meio de promessas, ameaças, ofertas, etc.; *expressivos* – quando o falante expressa suas emoções por meio de agradecimentos, desculpas, congratulações, etc.; por fim, *declarações* – quando o falante assegura equivalência entre o conteúdo enunciado e a realidade por meio, por exemplo, de demissões e nomeações.

Para Searle (2002), os atos de fala podem ser diretos e indiretos. Os primeiros, de mais simples significação, são aqueles em que o falante emite um enunciado e quer que o ouvinte o entenda exata e literalmente:

Nesses casos, o falante tem a intenção de produzir um certo efeito ilocucionário no ouvinte, e tem a intenção de produzir esse efeito levando o ouvinte a reconhecer essa intenção em virtude do conhecimento que o ouvinte tem das regras que governam a emissão da sentença. (SEARLE, 2002, p. 47)

O autor destaca ainda a existência dos atos de fala indiretos, os quais se realizam quando

[...] o falante comunica ao ouvinte mais do que realmente diz, contando com a informação de base, linguística e não linguística, que compartilhariam, e também com as capacidades gerais de racionalidade e inferência que teria o ouvinte. (SEARLE, 2002, p. 50)

Dizendo de outra forma, nos atos indiretos, o falante diz algo que, ao mesmo tempo, quer indicar uma outra ideia além do que de fato foi proferido e quer que seu enunciatário a compreenda. Para tanto, é necessário que ambos não somente compartilhem informações linguísticas e extralinguísticas que permitem o entendimento adequado do que se pretende comunicar indiretamente, como também o enunciatário seja capaz de realizar as inferências cabíveis. Não havendo o compartilhamento de tais informações ou a capacidade de fazer as inferências necessárias, a comunicação fica prejudicada.

O próprio autor ressalta que, para compreender o funcionamento dos atos de fala indiretos, é necessário atentar não somente para a teoria dos atos de fala, como também para os princípios gerais da conversação cooperativa discutidos por Grice (1982).

Entendendo os atos de fala indiretos como enunciados capazes de comunicar além do que proferido pelas palavras, Grice (1982) percebe a necessidade da realização de inferências por parte do ouvinte e elabora o conceito de implicatura, que são inferências realizadas a partir dos enunciados. Para ele, as implicaturas podem ser convencionais – desencadeadas por uma expressão linguística – e conversacionais – desencadeadas por princípios gerais relacionados à comunicação.

O autor afirma que o significado é construído por meio de implicatura, pela adesão dos enunciatários ao princípio de cooperação que orienta a interação verbal.

De forma geral, o princípio da cooperação se constitui na participação colaborativa dos participantes a favor do sucesso comunicativo. Para que a interação seja bem sucedida, Grice (1982) apresenta quatro máximas que devem ser seguidas em um comportamento cooperativo de conversação. São elas:

- 1- Máxima da quantidade – a quantidade das informações apresentadas deve ser a necessária, nem mais nem menos;
- 2- Máxima da qualidade – as informações apresentadas devem ser verdadeiras. Não se deve afirmar que o que se pensa é falso e nem afirmar nada sem que haja provas;
- 3- Máxima da relação – as informações apresentadas devem ser pertinentes e relevantes ao assunto tratado;

4- Máxima do modo – as informações apresentadas devem ser claras, breves e ordenadas, evitando-se ambiguidades e obscuridade.

Essas máximas conversacionais são pressupostas pelos participantes da comunicação, sem que haja necessidade de explicitá-las. Os participantes, a princípio, cooperam entre si e entendem que não há intuito de enganar o outro.

Quando se viola alguma dessas máximas, pode-se comprometer a compreensão, exigindo-se que o enunciatário realize inferências capazes de suprir a falta a fim de alcançar a compreensão.

Contudo, quando a violação é intencional, tem-se os atos de fala indiretos, que implicam na participação mais ativa do enunciatário.

No que diz respeito ao vocativo, entende-se que é usado a partir de uma escolha do falante, que, intuitivamente ou não, o faz em função da relação interpessoal que deseja manter com seu enunciatário, da influência de dados compartilhados em sua cultura e das intenções que possui (seja de afastar, de aproximar ou de manter o distanciamento) em seu discurso. Desse modo, na cultura brasileira, por exemplo, quando o falante escolhe usar um vocativo constituído de “Seu” mais primeiro nome masculino está indiretamente indicando e, ao mesmo tempo, conferindo respeito a seu ouvinte. Entende-se, então, o vocativo como recurso linguístico que colabora com a realização de atos de fala diretos e indiretos.

Fazer uso adequado dos vocativos em atos de fala depende não somente de se apropriar de um repertório linguístico significativo, mas de saber fazer usos adequados dele, o que depende do desenvolvimento da competência comunicativa do falante. Essa competência, que para um falante nativo parece não ser tão problemática devido a sua grande e constante exposição à língua e à cultura, pode ser mais árdua de se alcançar por um estudante estrangeiro, pois traz consigo padrões de atos de fala próprios de sua cultura. A fim de desenvolver tal competência, deve-se atentar para as demandas de ensino específicas desse público.

## **2.4 Ensino de PLM e PLNM**

Embora o ensino de Português Língua Não Materna tenha prática no Brasil desde a chegada lusitana a estas terras, quando se fez necessário estabelecer contato linguístico-

cultural com os diferentes povos que aqui habitavam a fim de satisfazer as necessidades colonizadoras dos portugueses, ainda hoje há muito o que se refletir sobre essa prática.

Inicialmente, o idioma português era o oficial do Estado, sendo utilizado em documentos oficiais, e seu ensino se realizava como PLNM, restringindo-se àqueles participantes de uma elite social que tinham condições de estudar em escolas jesuíticas, como demonstra Almeida Filho (2012):

Mas houve ensino de Português nos Colégios que se seguiram ao Colégio de Salvador, fundado em 1550, tendo à frente o padre Vicente Rodrigues. Logo após, fundaram os jesuítas a segunda escola brasileira: o Colégio dos Meninos de Jesus de São Vicente (inaugurado em 1553), onde se ensinava o jovem habitante da nova terra a falar, ler e escrever em Português. Os professores podiam ser improvisados, como ainda se pode flagrar aqui e acolá no Brasil de hoje: para a Bahia, por exemplo, foram trazidos da metrópole sete pivetes, garotos infratores órfãos da rua, para auxiliar no ensino do Português para os índios. Padres católicos foram trazidos também, nessa época, para aprenderem a gramática das línguas indígenas, de modo a facilitar a interpretação do ensino feito em Português. Aqui já entrevemos um cadinho de soluções de ensino e aprendizagem de línguas dessa fase colonial. (ALMEIDA FILHO, 2012, p. 725)

No entanto, a maioria do povo se comunicava por meio da língua geral, constituída pelas influências de línguas indígenas, principalmente o Tupi, e da estrutura da Língua Portuguesa.

A língua geral foi largamente utilizada em quase todo o território brasileiro. Contudo, com as reformas empreendidas pelo Ministro da coroa portuguesa, Marquês de Pombal, na década de 1750, a Língua Portuguesa passou a ser de fala obrigatória na colônia, o que foi determinante para sua propagação e para o conseqüente e gradativo abandono da língua geral.

Outro fator que colaborou para a expansão do idioma no território nacional foram as instalações de centros de transmissão de saber instaurados por conta da vinda da Família Real para o Brasil, como o Liceu de Artes e a Biblioteca Real. Tais instalações, mesmo que não alcançassem a maioria do povo, ajudaram a sedimentar o idioma como uma espécie de identidade cultural. Um pouco mais tarde, com a independência do Brasil, nasceu a necessidade de autoafirmação política e cultural, o que estimulou a adoção do Português no currículo do ensino secundário, visto como a “Língua Nacional”.

Dessa forma, o ensino de Língua Portuguesa, que antes era percebido como língua estrangeira para maior parte da população, foi paulatinamente ganhando contornos de língua materna, já que as novas gerações nasciam em meio à popularização, ainda que imposta, do idioma.

Porém, hoje, já sedimentada como língua da cultura brasileira, desperta interesse de aprendizagem por parte de estrangeiros. Afinal, com tantos avanços tecnológicos que propiciam constantes contatos internacionais entre os povos, sejam eles de interesse pessoal, turístico, profissional, político ou comercial, o português do Brasil ganha destaque internacional, aumentando a demanda de interessados em aprender o idioma.

Contudo, é preciso atentar para as diferentes demandas próprias do ensino de PLM e do ensino de PLNM, pois é possível encontrar divergências e pontos de interesse pedagógicos em comum a serem observados. Enquanto a língua materna é adquirida em contexto natural, sendo assimilada espontaneamente, a língua não materna, estando fora do contexto natural do aprendiz, é aprendida, evidenciando a necessidade do processo cognitivo de aprendizagem.

Perini (1997), por exemplo, levanta questões a respeito do ensino de PLM, mas algumas delas são igualmente relevantes para o ensino de PLNM, visto que, mesmo partindo de perspectivas distintas sobre a língua, essas duas modalidades de ensino possuem o objetivo comum de ampliar a competência comunicativa de seus aprendizes.

Competência comunicativa, segundo Almeida Filho (1997), é

[...] um conhecimento abstrato subjacente e a habilidade de uso não só de regras gramaticais (explícitas ou implícitas) na criação de discurso apropriado, coeso e coerente. Esse conceito de competência comunicativa é para alguns teóricos distinto do conceito de *desempenho comunicativo* (por exemplo, Hymes, 1972), mas o tomamos aqui como englobando tanto competência como desempenho efetivo. (ALMEIDA FILHO, 1997, p. 56)

O autor apresenta três componentes da competência comunicativa com base no arcabouço teórico de Canale e Swain (1980): o componente gramatical, o componente sociolinguístico e o componente estratégico. Ou seja, para se atingir a competência comunicativa em dada língua, é necessário desenvolver a competência gramatical – que se refere ao cabedal de itens lexicais e de regras gramaticais que possibilitam a construção linguística –, a competência sociolinguística – conhecimento de regras socioculturais ligadas à adequação discursiva – e a competência estratégica – que diz respeito à capacidade do falante em ajustar possíveis falhas comunicativas geradas por desempenho ou competência insuficientes.

Com vistas à competência comunicativa em PLM, Perini (1997) defende que “saber português” não se trata de conhecer as regras gramaticais, mas, sim, de saber usar a língua efetivamente. Apresenta também distinção entre os conhecimentos implícito e explícito, apontando aspectos do primeiro que não são abordados nas escolas brasileiras por não corresponderem ao padrão eleito pela gramática normativa, mas que são incorporados pelos

falantes nativos por se tratarem de construções linguísticas de usos mais frequentes. Desse modo, transportando essas considerações para o ensino de PLNM, deve-se considerar que poderá o aprendiz estrangeiro se deparar com tais construções linguísticas e não ser capaz de compreendê-las ou de utilizá-las em situações reais de uso, independente do que a gramática padrão postula ser o mais adequado.

Os falantes nativos, por intensa exposição ao idioma, detêm maior conhecimento implícito da língua, percebendo mais facilmente as formas mais ou menos aceitas nas diferentes ocasiões de uso, necessitando de ajustes que, intenciona-se, sejam sanados ao longo de suas diversificadas experiências comunicativas e do processo de escolarização. Porém deve-se considerar que esse tipo de conhecimento pode ser obscuro para o aprendiz de PLNM, podendo comprometer a compreensão e a adequação no uso, necessitando, assim, que lhe sejam explicitados. Afinal, pretende-se que o aprendiz reconheça diferentes representações da língua, incluindo aquelas não previstas pela norma padrão, e que seja capaz de produzir os usos linguísticos mais adequados à situação comunicativa em que se encontre. Sendo assim, é fundamental que o estudo da língua apresente a descrição de seu funcionamento em seus diferentes usos atuais, para que o aluno apreenda mais dados que o possibilitem se inserir melhor na cultura brasileira, comunicando com maior competência.

Outro aspecto significativo para o ensino PLNM identificado por Perini (1997) é o fato de o brasileiro falar de um jeito e de escrever de outro. Trata-se também de um conhecimento que é ignorado tanto pelo aprendiz principiante nativo de Língua Portuguesa escrita quanto pelo aprendiz de PLNM. As diferenças entre a fala e a escrita devem constituir objeto de estudo tanto nas etapas iniciais do ensino de PLM quanto no ensino PLNM.

Enquanto para o aluno de PLM aprender português significa aprimorar os conhecimentos que já possui sobre a língua na qual interage cotidianamente nas modalidades orais e escritas, atentando, quando necessário, para variante padrão por ser de maior prestígio, o aluno estrangeiro pode partir do marco zero de conhecimento sobre o idioma, carecendo de uma abordagem específica que atenda a suas demandas.

Consequentemente, o ensino de PLNM exige do professor uma percepção diferenciada sobre a língua, sendo fundamental observá-la e descrevê-la não como para um falante nativo, mas pela perspectiva de um aprendiz estrangeiro, pois este não compartilha dos conhecimentos linguísticos e culturais que compõem o idioma. Afinal,

Para se descrever a língua portuguesa como língua estrangeira é preciso, antes de mais nada, que se faça um exercício de mudança de ponto de vista, uma alteração

de enfoque, numa atitude que poderíamos chamar expressivamente de ‘torção do pensamento. (MEYER, 1998, p.67)

É indispensável que haja uma constante reflexão por parte do professor de PLNM sobre aquilo que realmente é relevante para o aprendiz estrangeiro, observando aspectos gramaticais e culturais voltados para o padrão de uso da língua e não apenas para o uso padrão, uma vez que o objetivo é o aluno usar a variante da língua que soe mais natural na comunidade falante.

Perini (1997) afirma ainda que se deve considerar que o ensino de um idioma estrangeiro está intrinsecamente ligado ao ensino de cultura, pois elementos culturais refletem a representação de mundo de determinado grupo e interferem na comunicação. Assim, pode-se dizer que a exploração de uma está atrelada à exploração da outra, conforme afirma Flanzer (2016), ao defender que quanto maior a compreensão da cultura, maior a possibilidade do aluno compreender textos orais e escritos e de aumentar sua capacidade de se expressar com mais eficiência: “Ao ensinarmos uma língua específica, ensinamos também uma cultura específica; língua e cultura são indissociáveis” (p. 134).

Também para Kramasch (2017), a língua não pode ser percebida como uma acumulação de componentes linguísticos arbitrários empregados a uma realidade cultural e passíveis de serem identificados fora dela. Afinal, é por conta da língua e de outros elementos simbólicos que hábitos, crenças, instituições e monumentos são considerados fenômenos culturais e não apenas objetos observáveis, visto que se tornam imbuídos de significados por meio das representações linguísticas.

O ensino de língua, seja como Língua Materna (LM) ou como Língua Não Materna (LNM), precisa envolver o ensino de cultura e estimular o respeito à cultura do outro como também um olhar distanciado e crítico de sua própria cultura.

Essa recomendação pode ser aplicada ao ensino de LM, visto que diferentes culturas adotam uma mesma língua, a qual as representará de distintas maneiras, como acontece, por exemplo, com a Língua Portuguesa, que é falada em Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor Leste.

Pode, então, ocorrer que, quando um integrante de uma dada cultura, como a do Brasil, entra em contato com outro(s) indivíduo(s) de outra cultura que usa(m) a mesma língua, como a de Portugal, encontre(em) dificuldades de comunicação, visto que são pautados na cultura específica de cada povo.

Enfim, as contribuições teóricas acima apresentadas apontam para a importância de observar e de descrever a língua em seu funcionamento em diferentes situações reais de

uso a fim de atender às necessidades peculiares do ensino de PLNМ com vistas ao desenvolvimento da competência comunicativa do aluno.

Para tanto, é preciso levá-lo a conhecer dados a respeito da cultura subjetiva brasileira – valores, crenças, ideais, hábitos e comportamentos – que influenciam nas escolhas e nos usos dos vocativos que constituem ou participam de atos de fala.

O aporte teórico evidenciado neste capítulo será usado como base para se definirem os encaminhamentos metodológicos adotados na pesquisa, descritos no capítulo a seguir, e para a posterior análise de dados.



### 3 ENCAMINHAMENTOS METODOLÓGICOS

Este capítulo apresenta os encaminhamentos metodológicos, adotados para a realização desta pesquisa. Está dividido em três partes: a primeira (3.1) ocupa-se em caracterizar o estudo como uma pesquisa qualitativa de abordagem descritiva; a segunda parte (3.2) apresenta a delimitação do *corpus* e a terceira parte (3.3) explicita as etapas de coleta, organização e análise de dados.

#### 3.1 Caracterização da pesquisa

Considerando-se o foco de estudo desta tese, o uso de vocativos no português do Brasil, elege-se uma perspectiva qualitativa de pesquisa. A opção por essa perspectiva se deve ao entendimento de que o mundo social se constitui de várias realidades construídas a partir das diferentes interpretações realizadas pelos sujeitos que nelas estão inseridos (MOITA LOPES, 1994). Quando se busca explicar significados de um comportamento (linguístico) de um grupo social particular, torna-se importante compreender os significados que os sujeitos atribuem às próprias ações.

Uma abordagem qualitativa, portanto, é um meio de produção de conhecimento que não busca mensurar ou medir, mas sim, compreender e buscar explicações acerca de um contexto social, levando em consideração a realidade como subjetiva. O paradigma qualitativo de pesquisa se configura a partir de uma visão holística dos fenômenos e as formas como os diferentes atores sociais constroem significados.

Não se trata, então, de buscar precisão e quantificação de resultados, mas, como defende Minayo (2001), trata-se de trabalhar

[...] com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (MINAYO, 2001, p.22)

Contudo, conforme afirma a própria autora, “o conjunto de dados quantitativos e qualitativos, porém, não se opõem. Ao contrário, se complementam, pois a realidade abrangida por eles interage dinamicamente, excluindo qualquer dicotomia” (MINAYO, 2001, p.22).

Sendo assim, embora esta pesquisa se caracterize como qualitativa, parte de uma organização quantitativa da frequência dos usos de vocativos nas interações dialógicas (quadro 16) e das posições em que ocupam nos enunciados (quadro 18), constantes na fonte de dados em análise. Procura, dessa forma, apontar possíveis preferências dos brasileiros nos usos dos vocativos. A explicitação de tais preferências ao aluno de PLNM é de grande relevância, visto que possibilita a ele conhecer generalizações que facilitam sua entrada em interações na língua-alvo com maiores chances que alcançar adequação.

A opção por uma abordagem descritiva se justifica pelo fato de pretender identificar vocativos orais informais e descrevê-los em situações de uso, pois, conforme afirmam do Cervo, Bervian e da Silva (2007, p. 61), uma pesquisa descritiva busca observar, registrar, analisar e correlacionar fatos ou fenômenos variáveis sem manipulá-los, além de procurar verificar a frequência com que ocorrem, sua relação e conexão com outros fenômenos, sua natureza e suas características.

Adota-se, então, uma concepção qualitativa da pesquisa com abordagem descritiva por pretender descrever e interpretar o contexto dos usos dos vocativos na linguagem oral informal a partir da compreensão de que a Língua Portuguesa do Brasil possui características culturais próprias que devem ser interpretadas e ensinadas ao aluno de PLNM.

### **3.2 Delineamento da pesquisa**

Inicialmente, tentou-se realizar uma pesquisa de *corpus* que se apoiasse em situações reais de usos de vocativos na fala informal cotidiana do brasileiro, tomando como base dados autênticos que representassem diferentes situações comunicativas.

Buscaram-se, então, bancos de dados representativos dos acervos sobre língua falada no Brasil. Essa busca identificou dois projetos importantes no âmbito dos estudos da linguagem: o projeto NURC- RJ (Projeto de Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro) e o programa PEUL (Programa de Estudos sobre o Uso da Língua). Verificou-se, contudo, que em ambos os acervos se reúnem entrevistas gravadas, não correspondendo a usos mais atuais da língua falada e não apresentando variação de situações comunicativas. Todas as amostras de conversações foram realizadas em contexto de entrevista apenas.

Diante dessa constatação, buscaram-se materiais que representassem com bastante propriedade a fala cotidiana da cultura brasileira atual. Optou-se, então, por adotar como *corpus* para o estudo sobre vocativos conversações retiradas de cenas de oito vídeos de um canal de entretenimento chamado “Porta dos Fundos”, disponível na plataforma de transmissão de vídeos, denominada *Youtube*.

Segundo o site oficial do canal, “Porta dos Fundos”<sup>2</sup> foi fundado em 2012 e se propõe a criar e a produzir conteúdo de multimídia, como vídeos de esquetes, seus respectivos *making of*, erros de gravação, séries, comerciais e produções de humor afins. Em 28.03.2019 constavam 1.047 vídeos postados. Até a referida data, o canal registrava 15.598.080 inscritos e 4.675.816.206 visualizações de seus vídeos, dados que revelam a grande popularidade do canal, o que pode ser atribuído a uma identificação do público com a linguagem e o conteúdo da proposta.

Embora esta pesquisa não se detenha em qualquer análise linguística a respeito de efeitos de humor, buscou-se como *corpus* para o estudo de vocativos textos orais que compõem discursos humorísticos. Ainda assim, esta tese inspirou-se no gênero humorístico, pois “[...] as piadas são interessantes para os estudiosos porque praticamente só há piadas sobre temas socialmente controversos” (POSSENTI, 2002, p. 25), o que faz com que constituam rico *corpus* para a observação de manifestações culturais e ideológicas arraigadas na sociedade, trazendo à tona valores que podem passar despercebidos em discursos em que não se utiliza humor.

Além disso, as piadas utilizam-se de estereótipos e, assim, acabam oferecendo bom material de estudo de “representações”. O gênero humorístico interessa

[...] como peças textuais que exibem com bastante clareza um domínio da língua de alguma forma complexo (e as piadas mostram que todos são). [...], ao invés de utilizar dados forjados *ad hoc*, ou que são excessivamente chatos, ou mesmo pouco verossímeis, servindo apenas como exemplos escolares, os especialistas poderiam escolher uma piada corrente. Com isso, poderiam ter um exemplo autêntico, envolver os interlocutores em verdadeiros problemas de interpretação, e, mesmo, proceder às abstrações necessárias para exibir um mecanismo linguístico de certo tipo. (POSSENTI, 2002, p. 27)

Com base nas considerações acima, decidiu-se escolher os vídeos do canal “Porta dos Fundos”, pois tratam de encenações que se baseiam em situações reais do cotidiano, criando identificação com o público por representarem sua cultura. Ainda que as cenas das esquetes sejam críticas, marcadas pelo tom de humor e, algumas vezes, inusitadas, considera-se que a linguagem utilizada respeita as características da língua falada pelos

---

<sup>2</sup> PORTA DOS FUNDOS. Disponível em: <<http://www.portadosfundos.com.br/sobre/>>. Acesso em: 28 mar. 2019.

brasileiros. Isso favorece o mapeamento de vocativos representativos dos usos orais informais do PB, mais especificamente, da fala do estado do Rio de Janeiro.

Para a realização desta etapa da pesquisa, foram selecionados vídeos dos quais mapearam-se os vocativos para a análise, todos produzidos entre fevereiro e março de 2019. Decidiu-se pela quantidade de oito vídeos como suficiente para esta pesquisa por perceber, ao longo de suas visualizações, que já se encontravam padrões que se repetiam e que já poderiam ser descritos por meio de generalizações que atendessem ao interesse do ensino de PLNM. Já a escolha dos meses foi motivada pela preocupação em levantar os dados mais atuais no momento da delimitação do *corpus*, para melhor atender às necessidades dos aprendizes de PLNM.

Após selecionados os vídeos, foram realizadas transcrições livres (MARCUSCHI, 1986) das falas constantes nos vídeos selecionados. Tais transcrições (em anexo) não seguiram rigorosamente as orientações exigidas pela Análise da Conversação, uma vez que o interesse do estudo é observar apenas os dados relevantes que contribuam com a análise dos usos dos vocativos e não com questões que exigem transcrições baseadas em representações específicas, como a indicação de sobreposição de vozes, suspensões, dúvidas e suposições etc.

### 3.3 Etapas de análise de dados

Tomando como base os conceitos de Casa e de Rua, propostos por DaMatta (1986; 1991), os vídeos foram organizados em dois grupos. Foram selecionados quatro vídeos que apresentam situações comunicativas que envolvem relações entre um casal; dois amigos; um casal, a filha e um assaltante e entre pai, mãe, filho e um garçom, que constituem o espaço simbólico Casa. Outros quatro vídeos foram agrupados no espaço simbólico Rua, pois apresentam situações comunicativas entre um chefe e um funcionário; dois desconhecidos; um chefe e funcionários e entre um funcionário de cartório, clientes e um homem e uma mulher do futuro.

Levando em consideração a teoria dos Atos de Fala e entendendo que o vocativo contribui com as intenções comunicativas do falante em suas interações interpessoais, optou-se por selecionar do *corpus* os termos linguísticos que se reportam diretamente ao enunciatário com quem se estabelecem as interações comunicativas.

Decidiu-se não selecionar para análise termos e expressões que se referem a invocações de entidades de natureza religiosa quando perdem seu papel de chamamento, sendo usados apenas com intenção de expressar uma emoção. Azeredo (2012, p. 76) observa esses casos afirmando que, “Isolados em frases exclamativas, alguns vocativos cristalizaram-se como locuções interjectivas (Minha nossa senhora!, Deus do Céu!)”. Rebello (2016, p. 30), por sua vez, as classifica como interjeições emotivas de espanto e surpresa, pois “funcionam como uma forma de chamar a atenção ou alarmar para algo que assombra ou que não se espera”.

Com base nesse mesmo critério, foram desconsideradas também palavras que não fazem referência direta a algum enunciatário, mas cumprem apenas função de expressar alguma emoção. Como é percebido no diálogo do vídeo “Plantas de apartamento”, em que o esposo, quando chega em casa e, ainda sem estar frente à esposa, depara-se com uma enorme quantidade de plantas em seu apartamento e diz: “*Eita! Cara! Mas que isso? Ô, Rita! Rita!*”. Percebe-se que, nessa situação de fala, a palavra “cara” não cumpre função vocativa, visto não estar fazendo referência a única enunciatária possível na situação, que é sua esposa, mas apenas expressa espanto pelo que é visto.

Contudo, é relevante destacar que termos linguísticos que se referem diretamente a entidades religiosas com intuito de estabelecer situação comunicativa – como em um apelo ou uma reza – serão considerados na análise por se tratarem de chamamentos em uma comunicação interpessoal do “outro mundo” (DaMatta, 1986). Esse mundo sobrenatural atravessa, muitas vezes, o mundo real da Casa e da Rua e, por isso, será visto, mas sem maior destaque.

O quadro abaixo apresenta a lista dos vídeos analisados, suas durações, as datas em que foram postados e seus referentes links.

Quadro 7 – Vídeos vs. espaços simbólicos Casa e Rua (continua)

Espaço	Nome	Duração	Data	Link
Casa	Plantas de apartamento	1’56’’	19.01.2019	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=-iHoD5FCH8U">https://www.youtube.com/watch?v=-iHoD5FCH8U</a>
	Vascão	1’55’’	25.04.2019	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=_JcYMAj0dJs">https://www.youtube.com/watch?v=_JcYMAj0dJs</a>
	Reagindo ao assalto	4’31’’	31.01.2019	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=kHB1Vcw1Re4">https://www.youtube.com/watch?v=kHB1Vcw1Re4</a>
	Virgem	2’59’’	18.02.2019	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=EgLbOJuafLs">https://www.youtube.com/watch?v=EgLbOJuafLs</a>
Rua	Português Fluente	2’44’’	15.02.2019	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=BOtg6dGTnLc&amp;t=21s">https://www.youtube.com/watch?v=BOtg6dGTnLc&amp;t=21s</a>

Quadro 7 – Vídeos vs. espaços simbólicos Casa e Rua (conclusão)

Espaço	Nome	Duração	Data	Link
Rua	Blocos	2'39''	07.03.2019	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=es_T3J4z0_s">https://www.youtube.com/watch?v=es_T3J4z0_s</a>
	Google	2'49''	14.03.2019	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=u7u0Ck2SUto">https://www.youtube.com/watch?v=u7u0Ck2SUto</a>
	Enzo	2'17''	09.02.2019	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=FJWdoxXchII">https://www.youtube.com/watch?v=FJWdoxXchII</a>

Fonte: A autora, 2019.

Após a seleção e a organização dos vídeos a partir do critério Casa e Rua, levantaram-se os atos de fala em que os vocativos estão presentes no *corpus* a fim de observar seus usos reais em tais espaços simbólicos.

Em seguida, foram destacadas e analisadas as partes das cenas que apresentavam atos de fala compostos por vocativos. Posteriormente, elaboraram-se quadros nos quais foram ressaltados os enunciados em que os vocativos estavam inseridos, os atos de fala diretos e indiretos, o vocativo e sua intenção discursiva.

A partir desses quadros, foi possível constatar a significativa incidência dos vocativos na oralidade; levantar e comparar os elementos linguísticos recorrentes que ocupam função vocativa no espaço Casa e no espaço Rua e suas respectivas intenções de uso e, ainda, observar as distintas posições que os vocativos ocupam nas sentenças e apontar o lugar de preferência de uso de vocativo do brasileiro.

Vale esclarecer que, embora se reconheça a contribuição da entonação para indicar a intenção do uso de vocativo, optou-se por não tratar essa questão nesta pesquisa. Para tal seria necessário ampliar a extensão do *corpus* selecionado para garantir uma quantidade significativa de vocativos que se repetissem o suficiente, o que permitiria comparar suas diferentes entonações e ainda relacioná-las às suas intenções de uso.

## 4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DE DADOS

Neste capítulo, serão analisados os dados levantados para esta pesquisa, tendo como apoio as discussões teóricas realizadas nos primeiros capítulos. O *corpus* selecionado para análise é composto por oito vídeos do canal “Porta dos Fundos”. Foram escolhidos vídeos desse canal por se tratarem de encenações baseadas em situações reais do cotidiano representativas da cultura e do português falado no Brasil. O que favoreceu identificar vocativos representativos dos usos orais do estado do Rio de Janeiro.

Buscou-se observar os usos dos vocativos nos atos de fala que se passam no espaço simbólico Casa e no espaço simbólico Rua.

### 4.1 Vocativos no espaço Casa

Os quatro vídeos analisados nesta seção representam situações comunicativas que envolvem relações interpessoais entre um casal, entre dois amigos, entre um casal e um assaltante e entre pai, mãe e filho, as quais constituem o espaço simbólico Casa.

Serão descritas as partes das cenas em que estão presentes os atos de fala constituídos por vocativos e, em seguida, serão realizadas suas análises.

#### 4.1.1 Plantas de apartamento

##### **1ª descrição linguístico-discursiva da cena:**

A cena começa com o marido chegando da rua em seu apartamento. Ao abrir a porta, depara-se com uma enorme quantidade de plantas.

Logo em sua primeira fala, quando abre a porta do apartamento, o marido demonstra admiração e espanto diante da novidade e diz:

Caio: - (1P) *Eita! Cara, que isso? (Dito em voz bem baixa)*

*Ô, Rita! Rita!*

### Análise:

Nota-se que a palavra “Cara” não se refere a nenhum enunciatário físico específico, pois o marido ainda não está diante de sua esposa e o enunciado é proferido em voz baixa, o que indica não haver intenção de estabelecer qualquer troca de comunicação. Além do mais, a presença anterior da interjeição “Eita!” – uma interjeição emotiva de espanto e surpresa (REBELLO, 2016, p. 30) – somada à locução interjetiva “que isso?” reforça a ideia de que o uso de “Cara”, sem que haja enunciatário possível, esteja exercendo apenas função de interjeição, visto estar manifestando o estado emotivo de surpresa do enunciador.

Tomando por base Azeredo (2012, p. 76), que defende que, “isolados em frases exclamativas, alguns vocativos cristalizaram-se como locuções interjetivas (Minha nossa senhora!, Deus do Céu!)”, pode-se afirmar que também a palavra “Cara”, neste caso, cumpre apenas a função de expressar espanto e surpresa, o que é possível comprovar ao substituí-la pelos exemplos vocativos apontados pelo autor, conforme abaixo:

Eita! Cara, que isso? Ô, Rita! Rita!

Eita! Minha nossa Senhora, que isso? Ô, Rita! Rita!

Eita! Deus do Céu, que isso? Ô, Rita! Rita!

Observa-se, que, apesar dos exemplos apresentados pelo autor se referirem ao espaço simbólico religioso, ou seja, do “outro mundo” (DAMATTA, 1986), e “Cara” se referir ao espaço simbólico do mundo real, eles não estão ligados diretamente a nenhum enunciatário, por não haver intenção de estabelecer interação comunicativa.

Logo em seguida, e ainda à distância, o marido chama sua esposa na tentativa de estabelecer um primeiro contato direto com ela:

Caio - *Eita! Cara, que isso? (Dito em voz bem baixa)*

(1P) **Ô, Ritaa! Rita!**

Sendo sua esposa uma pessoa com quem possui grande grau de intimidade, o enunciador se refere a ela pelo primeiro nome, sem que haja exigência de algum nível de formalidade entre os dois.

Verifica-se que a presença da interjeição “Ô” acompanhando o primeiro nome “Ritaa” torna o chamamento mais enfático, visto que tal interjeição é reconhecida como persuasiva de chamamento: “As interjeições desse subgrupo são utilizadas quando o falante quer que atendam o seu chamado e quando algum contato quer ser estabelecido por ele” (REBELLO, 2016, p. 82).

Observa-se ainda o uso repetido do vocativo “Rita” (apresentando alongamento da vogal final no primeiro), talvez como forma de se fazer claro, visto que o chamamento se



dá de longe, pois o enunciador está na entrada do apartamento e sua enunciatária, no interior da sala. Somado a isso, deve-se considerar que a visibilidade está comprometida devido ao excesso de plantas. Seria possível também entender a duplicação do vocativo como forma de demonstração de certa irritação, já que, ao chegar da rua, espaço simbólico negativo para o brasileiro por ser ambiente hostil, espera-se encontrar um ambiente harmonioso na casa para seu descanso, mas não é o que acontece.

Verifica-se ainda que esse vocativo, que se encontra isolado, constitui o próprio ato de fala, já que não há qualquer relação sintática ou semântica com oração que o antepõe.

### **2ª descrição linguístico-discursiva da cena:**

A esposa, que está aguardando plantas na sala, responde ao primeiro contato do marido, indicando sua localização, já que o excesso de plantas atrapalha a visualização:

Rita: - (2P) **Amor**, eu tô aqui. Tô atrás da jaqueira.

#### **Análise:**

Nesse ato de fala é usado o vocativo “Amor”, demonstrando grau máximo de afeto pelo enunciatário, sentimento próprio de ser demonstrado no espaço Casa, onde se espera acolhida e intimidade.

### **3ª descrição linguístico-discursiva da cena:**

O esposo, sem compreender ainda muito bem o que está acontecendo em sua casa, pergunta: “*Jaqueira?*” e Rita o orienta a pegar o facão perto da porta. Ele o faz e, tentando chegar até a esposa, diz:

Caio - *Ai, meu Deus! (em voz baixa)*

(3P) **Ô, Ritaa!** *Eu tô perdido aqui!* (4P) *Que porra é essa, Rita?* (5P) **Ô, meu amor!** *O que que aconteceu aqui na nossa casa, amor?*

#### **Análise:**

Inicialmente, o marido demonstra maior grau de impaciência e irritação, devido à dificuldade de entrar em casa, e usa novamente o vocativo “Ritaa” para pedir ajuda a sua esposa. Diante do vocativo, usa a interjeição persuasiva de chamamento “Ô”. Contudo, ao indicar sua localização (“*Eu tô perdido aqui!*”) acaba por manifestar sua reclamação, como se fosse uma continuidade da fala anterior: “Ai, meu Deus!” devido à situação incômoda que vê na casa.

Segue, então, com uma pergunta que tem como intenção reclamar do estado em que seu lar se encontra: (4P) “Que porra é essa, **Rita?**”. O marido usa o vocativo específico de

primeiro nome (Rita) com o intuito de tentar trazer a enunciativa à razão do enunciador, como se o uso de seu nome pudesse despertá-la de sua percepção das coisas.

Porém, manifestada a queixa, o marido, imediatamente, usa vocativos mais afetivos (“Ô, meu amor” e “amor”) a fim de voltar a tentar manter a harmonia da interação no ambiente Casa e evitar discussões e conflitos.

É possível perceber graus diferentes de intensidade entre “meu amor” e “amor”, sendo o primeiro mais intenso, já que o pronome possessivo “meu” reforça essa ideia, conforme observa Neves (2000, p. 488), afirmando que a forma MEU e suas flexões, quando compoem um vocativo, pode indicar intimidade ou afetividade.

Observa-se ainda que, mais uma vez, é usada a interjeição “Ô”, agora, quando os enunciatários já estão próximos. Nesse contexto, a interjeição “Ô” assume a função de expressar emoção de reclamação e, assim, poderia ser classificada como uma interjeição emotiva de lamentação (REBELLO, 2016), pois

Desta forma, o falante expressa o julgamento complexo de uma determinada situação que o leva a manifestar um sofrimento moral e, ao mesmo tempo, ele realiza a performance de um ato social – lamentar-se ou queixar-se de tal situação. (REBELLO, 2016p. 47)

A interjeição emotiva de lamentação é abrandada pela presença de um vocativo que transparece maior grau de afetividade, o que reforça a ideia de que há a intenção de reclamar com o cuidado de equilibrar a harmonia da interação.

#### **4ª descrição linguístico-discursiva da cena:**

A esposa logo corresponde positivamente à demonstração de afeto de seu marido usando também o vocativo “amor” ao cumprimentá-lo:

Rita - (6P) *Oi, **amor!** Que saudade!*

#### **Análise:**

A escolha desse vocativo contribui para demonstrar afetividade com um possível intuito de evitar um conflito entre o casal e diminuir o sentimento de irritação de seu esposo.

Ainda que a forma de vocativo “amor” seja comum entre muitos casais, é relevante considerar que essa escolha habitual se dá em função da demonstração de afeto que se pretende manter no relacionamento, o que, em última análise, favorece à manutenção da harmonia.

### 5ª descrição linguístico-discursiva da cena

O marido retribui o cumprimento e questiona a esposa:

Caio - (7P) *Saudade também, meu amor. Mas o que que aconteceu com a nossa casa? Isso aqui tá parecendo uma floresta.*

#### Análise:

Nessa fala, o marido usa novamente o vocativo “meu amor”, como em um acordo tácito para tentar manter o ambiente Casa como deve ser: afetivo, acolhedor e harmonioso. E segue com uma indagação mais suave, tentando receber uma resposta que justifique o exagero de sua esposa em colocar tantas plantas no apartamento, ou seja, em descaracterizar o espaço confortável da Casa trazendo para ele características do espaço hostil da Rua, o qual é comparado a uma floresta.

### 6ª descrição linguístico-discursiva da cena:

A esposa argumenta:

Rita – (8P) *Ah! Tá na moda ter planta em apartamento, amor!*

#### Análise:

A fim de manter a comunicação mais amena e evitar censura de sua ação, a esposa apresenta seu argumento usando o vocativo de afeto novamente.

### 7ª descrição linguístico-discursiva da cena:

O marido concorda inicialmente e, em seguida, dá sua opinião a respeito da situação em que se encontra o apartamento:

Caio - (9P) *Tá bom, Rita. Uma planta, duas plantas, é até bonito. Mas olha só, isso aqui é árvore!* (10P) *Isso aqui virou uma selva, amor!*

#### Análise:

Ele concorda inicialmente com a esposa e usa o primeiro nome como vocativo (Rita) com a intenção de tentar trazê-la à razão dele. Depois, quando apresenta uma posição contrária a dela, manifestando sua insatisfação com todo seu exagero, tenta amenizar a reprimenda usando novamente o vocativo afetivo “amor”.

### 8ª descrição linguístico-discursiva da cena:

A conversa entre o casal continua e a esposa passa a falar sobre a presença de

animais selvagens que agora habitam a casa. Até que o marido chega ao limite de sua paciência e ordena:

Caio - (11P) *Caralho, Rita, vamos embora daqui agora!*

**Análise:**

Quando a mulher comenta sobre os animais que estão vivendo na casa, a tensão aumenta. A partir desse momento, o espaço da Rua – representado pelo perigo que os animais oferecem à preservação da vida do casal – se torna mais intenso no espaço Casa – lugar que deveria ser de segurança e conforto.

O marido, então, bastante indignado e assustado com a situação, usa o primeiro nome de sua esposa (Rita) novamente como recurso para trazê-la à razão dele, o que colabora para a aceitação da ordem que ele profere: “*Vamos embora daqui agora!*”

**9ª descrição linguístico-discursiva da cena:**

Ela, por sua vez, nega a proposta dele enquanto senta-se no sofá:

Rita - (12P) *Não vai dar, amor. Não vai dar! A "Vogue Casa" está vindo aqui fotografar, entendeu?*

**Análise:**

Apesar da esposa parecer também estar incomodada com a presença dos animais, nega a ordem do marido porque não quer abrir mão de seu apartamento ganhar notoriedade em uma revista especializada em moda casa. Em seu ato de negar, ela mantém o uso do vocativo “amor” em sua fala a fim de equilibrar a negação com a demonstração de afetividade representada pelo vocativo.

**10ª descrição linguístico-discursiva da cena:**

O marido olha para os lados demonstrando receio de encontrar animais e manifesta sua necessidade de ir ao banheiro:

Caio - *Ai, meu Deus!* (13P) *Você tá de sacanagem, não é, meu amor? Tô precisando ir no banheiro aqui.*

**Análise:**

Após ser contrariado pela esposa, o marido faz uma reclamação por meio da sequência da interjeição “Ai” e da locução interjetiva “meu Deus” seguida da pergunta “*Você tá de sacanagem, não é, meu amor?*” a fim de expressar sua discordância de posicionamento. Nessa pergunta, usa o vocativo de máxima expressão de afeto (“meu

amor”) com a provável intenção de também manter o equilíbrio da relação em meio ao conflito de opiniões.

### **11ª descrição linguístico-discursiva da cena:**

A esposa começa a dar orientações para que o marido consiga chegar ao banheiro apontando referências inusitadas que causam estranhamento nele. Quando ela comenta, animada, a presença de índios no corredor como sendo algo “chiquérrimo”, ele diz:

Caio - (14P) *Amor, você não está entendendo. Eu estou muito apertado. Porra!*

#### **Análise:**

O marido começa sua fala de maneira amena com o uso do vocativo inicial “amor”, a fim de manter o nível de afetividade em um ato de fala que, como em uma preparação para a reclamação que seguirá, nega o entendimento da enunciatária sobre a gravidade da sua situação dele. Com a intenção de trazê-la a sua razão e, ao mesmo tempo, garantir a harmonia da relação, já que não demonstrava mais interesse no que a esposa contava devido a sua necessidade fisiológica, usa como estratégia esse vocativo afetivo.

### **12ª descrição linguístico-discursiva da cena:**

A esposa, então, o incentiva a ir e continua sua orientação:

Rita - *Então vai!* (15P) *Vai, Caio!*

*Você atravessa ali, vai ter a Letícia Sabatella, e você vira à direita!*

#### **Análise:**

Ao proferir sua ordem com a intenção de incentivar o marido a realizar a ação de ir ao banheiro, a esposa deixa de usar pela primeira vez um vocativo afetivo e o chama pelo primeiro nome (Caio). Essa escolha sugere que a enunciatória, um pouco irritada devido à interrupção de sua fala, acaba deixando de lado sua preocupação em tentar manter a harmonia da conversação e elege um vocativo mais específico e direto, demonstrando certa diminuição afetiva no momento. Em seguida, retoma a indicação.

### **13ª descrição linguístico-discursiva da cena:**

A conversa segue até que Rita comenta a presença da “galera do agronegócio”.

Ao perceber o absurdo da invasão de seu apartamento por pessoas ligadas a atividades que dependem de haver espaço agrário, o esposo questiona:

Caio – (16P) *Agronegócio, amor? Isso aqui é um apartamento.*

**Análise:**

Ao realizar sua pergunta com a intenção de demonstrar estranhamento com a situação, usa mais uma vez o vocativo “amor” para manter a afetividade e equilibrar o conflito de opinião.

**14ª descrição linguístico-discursiva da cena:**

Ela, porém, apresenta seu argumento: *“Toda casa que se preze tem briga de índio com madeira”*.

E ele retoma seu turno de fala:

Caio – (17P) *Entendi. Cara, eu vou ter que ir no banheiro mesmo.*

**Análise:**

Sem mais demonstrar interesse em prosseguir a conversa, Caio tenta encerrar o assunto em pauta com a oração “Entendi” e, em seguida, expressa novamente sua vontade de ir ao banheiro usando o vocativo “cara”.

A escolha desse vocativo, que não expressa afetividade, se dá em um momento de desatenção à manutenção da harmonia doméstica diante de sua necessidade fisiológica e urgente de ir ao banheiro. Contudo, “cara” mantém o nível de proximidade entre os enunciatários.

Outra possibilidade de interpretar o uso de “cara” nesse ato de fala é como expressão do sentimento de impaciência por necessitar ir ao banheiro e, ao mesmo tempo, estar com receio de encontrar animais selvagens no caminho. Sendo usado dessa maneira, “cara” exerceria a mesma função de uma interjeição como “caramba”, como em (1P).

**15ª descrição linguístico-discursiva da cena:**

E o diálogo segue com despedida, desejo de boa sorte, agradecimento, advertência da esposa para não cortar os cipós que estão no caminho e uma reclamação do marido.

O cenário muda. O apartamento encontra-se totalmente devastado pelo fogo enquanto a esposa reclama: *“Ai! Meu Deus do Céu! Tá feliz? Era isso que você queria?”*. E o marido responde:

Caio – (18P) *Pô, também não precisava queimar essa porra também, né, amor?*

**Análise:**

Ao retrucar os questionamentos da esposa, Caio volta a usar o vocativo “amor” na tentativa de reequilibrar o conflito entre os dois, demonstrando a intenção em estimular uma certa reconciliação, visto sua esposa estar chateada com a perda do apartamento.

A fim de resumir e colaborar com a análise acima, formulou-se um quadro que apresenta a relação entre os usos dos vocativos e os atos de fala do vídeo “Plantas de apartamento”.

Quadro 8 – Atos de fala vs. usos de vocativos no vídeo “Plantas de apartamento” (continua)

Plantas de apartamento					
Descrição da cena	Enunciado	Ato de fala direto	Ato de fala indireto	Vocativo	Intenção
Esposo chega da rua e depara-se com excesso de plantas em seu apartamento	<b>Ô, Rita! Rita!</b>	Chamar	Estabelecer o primeiro contato	Ô, Rita! Rita!	Estabelecer primeiro contato
Esposa, aguardando plantas na sala, responde ao primeiro contato do marido.	<i>Amor, eu tô aqui. Tô atrás da jaqueira.</i>	Indicar localização	Responder ao primeiro contato	Amor	Demonstrar afetividade
O marido pega o facão e tenta chegar até a esposa.	<b>Ô, Ritaa! Eu tô perdido aqui!</b>	Indicar localização	Pedir ajuda	Ô, Ritaa!	Chamar à distância
O marido tenta chegar até a esposa.	<i>Que porra é essa, Rita?</i>	Perguntar	Reclamar	<i>Rita</i>	Trazer a enunciatória à razão do enunciador
O marido encontra a esposa.	<b>Ô, meu amor! O que que aconteceu aqui na nossa casa, amor?</b>	Perguntar	Reclamar	Ô, meu amor; amor	Equilibrar a harmonia da interação
Casal se aproxima para estabelecer contato físico.	<i>Oi, amor!</i>	Cumprimentar	—	Amor	Demonstrar afetividade
Casal se beija.	<i>Saudade também, meu amor.</i>	Cumprimentar	—	<i>Meu amor</i>	Demonstrar afetividade

Quadro 8 – Atos de fala vs. usos de vocativos no vídeo “Plantas de apartamento” (continua)

Plantas de apartamento					
Descrição da cena	Enunciado	Ato de fala direto	Ato de fala indireto	Vocativo	Intenção
Casal conversa na sala.	<i>Tá na moda ter planta em apartamento, amor.</i>	Argumentar	—	<i>Amor</i>	Equilibrar a harmonia da interação
Marido questiona sobre o que aconteceu com o apartamento	<i>Tá bom, Rita.</i>	Concordar	—	<i>Rita</i>	Trazer o enunciatário à razão do enunciador
Marido demonstra insatisfação com a situação	<i>Isso aqui virou uma selva, amor!</i>	Opinar	Reclamar	<i>Amor</i>	Equilibrar a harmonia da interação
O marido toma uma decisão.	<i>Caralho, Rita, vamos embora daqui agora!</i>	Ordenar	—	<i>Rita</i>	Expressar espanto/Trazer o enunciatário à razão do enunciador
A esposa nega veementemente enquanto senta-se no sofá.	<i>Não vai dar, amor.</i>	Negar	—	<i>Amor</i>	Equilibrar a harmonia da interação
O marido olha para os lados demonstrando receio de encontrar animais.	<i>Você tá de sacanagem, não é, meu amor?</i>	Perguntar	Reclamar	<i>Meu amor</i>	Equilibrar a harmonia da interação
O marido insiste em sua necessidade de ir ao banheiro enquanto a esposa faz cara de impaciente.	<i>Amor, você não está entendendo.</i>	Negar	Preparar uma reclamação	<i>Amor</i>	Equilibrar a harmonia da interação



Quadro 8 – Atos de fala vs. usos de vocativos no vídeo “Plantas de apartamento” (conclusão)

Plantas de apartamento					
Descrição da cena	Enunciado	Ato de fala direto	Ato de fala indireto	Vocativo	Intenção
A esposa fala demonstrando pouca paciência com as reclamações do marido.	<i>Vai, Caio!</i>	Ordenar	—	Caio	Expressar proximidade
O marido fala em tom mais ameno com a esposa.	<i>Agronegocio, amor?</i>	Perguntar	Demonstrar estranhamento	Amor	Equilibrar a harmonia da interação
O marido segue em direção ao banheiro.	<i>Entendi. Cara, eu vou ter que ir no banheiro mesmo.</i>	Expressar necessidade	—	Cara	Diminuir afetividade
Marido retruca as perguntas da esposa quando esta o critica pela situação devastadora em que se encontra o apartamento.	<i>Pô, também não precisava queimar essa porra também, né, amor.</i>	Reclamar	—	Amor	Equilibrar a harmonia da interação

Fonte: A autora, 2019.

Nota-se, observando a conversação e o quadro acima, o esforço comum do casal em manter a harmonia da Casa por meio do uso de vocativos afetivos na situação conflitante em que vivem. Afinal, o ambiente Casa deve ser seguro, acolhedor e harmônico e, nele, as discordâncias devem ser resolvidas de maneira mais equilibrada possível.

Nas falas do marido, percebe-se que, irritado, demonstra seu sentimento alterado pela decepção de ter chegado da Rua (ambiente de luta e tensão) em Casa (ambiente de acolhimento e conforto) e se deparado com a descaracterização desta, que mais ficou parecida com uma floresta (espaço da Rua), sem poder, assim, desfrutar de seu momento de descanso.

É relevante perceber que, em muitas vezes em que ele demonstra sua insatisfação com o que está acontecendo em sua casa, faz escolhas vocativas que não demonstram grau de afetividade e, logo em seguida, escolhe vocativos que transparecem alto grau de afetividade.

Dos quinze vocativos que usa, seis são de primeiro nome (Ô, Ritaa; Rita), um menos específico (cara) e oito afetivos (Ô, meu amor; meu amor; amor). Essa tentativa de equilibrar as escolhas relativas aos tipos e às quantidades de vocativos revela a preocupação em manter o ambiente harmônico e, assim, evitar ou reduzir conflitos.

No que se refere às falas da esposa, nota-se que, por ter sido a responsável por tantas plantas no apartamento e por estar contente por seu bom gosto ser reconhecido pela revista “Vogue Casa”, não apresenta a mesma insatisfação com a situação. Pelo contrário, busca convencer o marido da relevância de sua atitude. Seu propósito é tentar convencê-lo a aceitar a situação instaurada. Para tanto, ela usa quatro vocativos “amor” ao longo de suas falas, o que revela grande afetividade, e só usa uma vez vocativo de primeiro nome (Caio), que não manifesta afetividade, quando parece estar incomodada com as reclamações de seu marido.

Vocativos de primeiro nome, de alta especificidade por determinar com exatidão o enunciatário e que não indicam afetividade, foram usados na conversação para: estabelecer primeiro contato em situação desconfortável; em chamamento de longe; para trazer o enunciatário à razão do enunciador e nos momentos em que se pretende reduzir a afetividade estabelecida anteriormente.

Também o vocativo “cara”, embora seja de baixa especificidade, pois pode referir-se tanto ao gênero feminino quanto ao gênero masculino, também não transmite grau de afetividade e foi usado também para reduzir a afetividade estabelecida anteriormente.

Já os vocativos afetivos, como “(Ô) amor” e “(Ô) meu amor” foram usados quando se pretendeu equilibrar a harmonia da Casa diante de algum ato de fala que poderia gerar conflito; para manter a afetividade e para tentar reconciliação.

Vale ressaltar a possibilidade desses vocativos serem tratamentos habituais do casal. Contudo, deve-se atentar para que, sendo o vocativo considerado acessório, pode ou não ser inserido nos atos de fala. Assim sendo, seu uso em determinados atos de fala e não em outros indica que há uma escolha intencional, ao eleger tal tratamento, embora muitas vezes não consciente. O fato de o vocativo se tornar recorrente na comunicação entre o casal acaba demonstrando a força positiva de afeto que tais palavras possuem, a qual se pretende costumeiramente demonstrar no espaço Casa, revelando-se uma estratégia de manutenção

da harmonia. Tanto que, quando se diminui a preocupação em manter o equilíbrio da Casa, o vocativo é substituído por outras palavras – como “Rita”, “Caio” ou “cara” – ou ainda não é utilizado.

Em relação à posição do vocativo no ato de fala, foram encontrados 11 vocativos em posição sintática final de reclamar (5), de ordenar (1), cumprimentar (2), concordar (1), de argumentar (1), de negar (1) e de em demonstrar de estranhamento (1).

Com exceção dos cumprimentos e da ordem, percebe-se que os vocativos finais foram, em sua maioria, empregados em atos de fala que trazem certa força de oposição ao enunciatário, até mesmo no ato de concordar, visto que se trata de uma preparação para uma reclamação que se faz em seguida (9P). Por isso a necessidade da presença de vocativos que fossem usados com a intenção de trazer o enunciatário à razão do enunciador e, ao mesmo tempo, de equilibrar a harmonia da interação, já que o espaço simbólico Casa deve ser acolhedor e amistoso.

Quanto aos vocativos que ocuparam posição inicial foram usados em quatro atos de fala: de indicar localização (2), de reclamar (1) e de negar (1), com as intenções de demonstrar afetividade, chamar e equilibrar a harmonia da interação. Em posição medial, foi encontrado apenas uma ocorrência, em uma ordem, com a intenção de expressar espanto e trazer o enunciatário à razão do enunciador.

Há ainda uma ocorrência do vocativo sendo pronunciado de maneira isolada, que foi em um ato de chamar, constituindo o próprio ato de fala.

#### 4.1.2 Vascão

É relevante destacar novamente que os espaços Casa e Rua não se restringem a espaços físicos, visto que correspondem a lugares simbólicos que influenciam os modos de organizações sociais dos brasileiros (DAMATTA, 1991). Entende-se, então, que o espaço Casa se refere a qualquer espaço físico que corresponda simbolicamente a um ambiente familiar, íntimo e seguro, no qual os relacionamentos que nele se constroem são estendidos aos agregados, compadres e amigos. E, por sua vez, o espaço Rua refere-se a qualquer espaço simbólico hostil em que são estabelecidas relações que trazem em si certa carga de tensão.

Sendo assim, embora a cena descrita se passe na rua, refere-se ao espaço simbólico Casa, por se tratar de uma relação entre amigos.

### **1ª descrição linguístico-discursiva da cena:**

A cena se inicia com um encontro casual entre dois homens na calçada de uma rua:

Jorginho – *Ih!*

Maurício – *Ih, caralho!*

E, logo em seguida, chamam-se, enquanto apertam as mãos e se abraçam

Maurício – (1V) *Jorginho Catuaba!*

Jorginho – (2V) *Maurício!*

### **Análise:**

A cena começa com os enunciatários estabelecendo o primeiro contato verbal por meio de interjeições, sendo uma delas constituída de palavra de baixo calão, como forma de expressar a surpresa agradável do encontro.

Observam-se os usos de apelidos (Jorginho Catuaba – composto por primeiro nome em diminutivo somado ao nome de uma planta com a qual se produz uma conhecida bebida alcoólica de propriedades afrodisíacas) e de primeiro nome (Maurício) como vocativos isolados, ou seja, constituindo atos de fala capazes de instaurar efetivamente o ritual de cumprimento verbal habitual entre amigos.

### **2ª descrição linguístico-discursiva da cena:**

Dando continuidade à prática de cumprimento, os amigos perguntam um ao outro como estão passando:

Maurício – (3V) *Como é que tu está, meu irmão?*

Jorginho – (4V) *Estou bem! E você, meu brother?*

### **Análise:**

São usados, reciprocamente, vocativos que se referem a laços familiares de mesmo nível hierárquico e afetivo (“irmão” e “brother”), próprios do espaço simbólico Casa, a qual possui como base de sustentação o afeto. Acompanhados do pronome possessivo “meu”, o que, segundo Neves (2000, p. 488), pode indicar intimidade ou afetividade, tais vocativos manifestam maior grau de afetividade.

### 3ª descrição linguístico-discursiva da cena:

Sem rodeios, Maurício indaga, de modo bem direto, algo a respeito da esfera pessoal do enunciatário:

Maurício – (5V) *Fazendo o que aqui, meu irmão?*

Jorginho – *Eu vim de férias! Rio de Janeiro, aí, dez dias de férias.*

#### Análise:

Essa pergunta, que adentra a intimidade do outro, vem acompanhada do vocativo “meu irmão” como se fosse a justificativa para tamanha intimidade.

Jorginho, por sua vez, responde estar de férias, demonstrando ter aceitado, rápida e naturalmente, o tratamento que lhe é dispensado, respondendo-lhe sem manifestar qualquer estranhamento.

### 4ª descrição linguístico-discursiva da cena:

Maurício, cumprindo seu papel social de amigo, demonstra interesse pelo assunto e Jorginho continua a responder-lhe:

Maurício – *Ô, que maravilha, hein? Vai fazer o que aí?*

Jorginho – (6V) *Vou ser técnico do Vasco, cara.*

#### Análise:

A resposta de Jorginho vem finalizada pelo vocativo “cara”, substantivo usualmente escolhido para manifestar o nível de igualdade de poder entre os enunciatários na fala informal, tanto para o gênero masculino quanto para o gênero feminino.

Percebe-se que o uso de “cara” equivale a um pronome de tratamento informal, ao se estabelecer a comparação abaixo, considerando maior ou menor hierarquia entre os enunciatários:

*Vou ser técnico do Vasco, cara.*

*Vou ser técnico do Vasco, Senhor.*

Caso o nível de formalidade fosse um pouco maior, sendo o enunciatário alguém a quem o enunciador devesse prestar tratamento cerimonioso, provavelmente o vocativo seria substituído por um pronome de tratamento mais adequado, como **Senhor** ou outro equivalente.

### 5ª descrição linguístico-discursiva da cena:

A conversa prossegue até que chega o momento em que Maurício questiona Jorginho demonstrando estranhamento sobre a possibilidade do amigo tornar-se técnico do time do Vasco:

Maurício – (7V) *Mas pode fazer isso, mano?*

#### Análise:

Quando faz a pergunta ao amigo, Maurício escolhe novamente usar um vocativo que traz à tona a ideia de família: “mano”, uma redução da palavra “irmão”. O uso dessa palavra, por se referir a um laço mais íntimo, dá respaldo para fazer uma pergunta que, de alguma forma, coloca em dúvida a palavra do outro e, ao mesmo tempo, mantém o equilíbrio do diálogo sem provocar qualquer tensão. O que parece funcionar muito bem, uma vez que Jorginho segue com suas explicações sem transparecer qualquer incômodo com a pergunta do amigo.

### 6ª descrição linguístico-discursiva da cena:

Ao exprimir admiração positiva com o suposto trabalho do amigo, Maurício diz:

Maurício – (8V) *Caralho, Jorginho, nem sabia que tu trabalhava com essas porras. Tu é técnico de futebol, é?*

#### Análise:

Maurício volta a usar o apelido de seu amigo em sua declaração que expressa admiração. Nota-se que o vocativo vem logo após a interjeição e que, muito além de exercer a função de manter contato com o enunciatário – visto que em nenhum momento houve qualquer possibilidade do contato diminuir ou ser interrompido – parece ter sido usado também para exercer a função de demonstrar emoção de admiração pelo que o enunciador acabou de ouvir.

### 7ª descrição linguístico-discursiva da cena:

A conversa prossegue e Jorginho diz o que está indo fazer:

Jorginho – (9V) *Aliás, eu estou indo pra São Januário agora. Falam que é lindo, irmão!*

#### Análise:

Jorginho faz uma declaração usando outra vez um vocativo indicativo de parentesco (“irmão”) para expressar proximidade.

### 8ª descrição linguístico-discursiva da cena:

Maurício duvida da capacidade de seu enunciatário em executar o trabalho de técnico de futebol do time do Vasco:

Maurício – (10V) *Ô, Jorginho, vem cá. Tu sabe a escalação do Vasco, pelo menos, pra ser técnico do time?*

#### Análise:

Antes de fazer sua pergunta que coloca à prova a capacidade do amigo em exercer a função que pretende, trazendo-o a sua razão, cautelosamente, Maurício introduz sua fala com um vocativo constituído por apelido diminutivo acompanhado da interjeição de chamamento “Ô”.

Esse vocativo funciona como recurso de aproximação, suavizando a pergunta que vem no próximo período, o que é reforçado pela oração que segue ao vocativo e que também sugere aproximação: “vem cá”. Afinal, apenas alguém bem próximo pode tomar para si a liberdade de duvidar da capacidade do enunciatário sem que este se sinta ofendido.

### 9ª descrição linguístico-discursiva da cena:

Jorginho também questiona Maurício sobre seu conhecimento quanto à escalação do time do qual é torcedor para demonstrar a falta de relevância desse dado para o cargo que pretende ocupar.

É feita uma pequena pausa na conversação em que Maurício parece pensar rapidamente acerca do assunto. Sem dar resposta, começa uma despedida com aperto de mão e desejo de boa sorte:

(11V) Maurício -*Porra, vai lá, irmão. Boa sorte aí pra tu.* (Aperto de mãos)

#### Análise:

Nessa saudação final, Maurício escolhe outra vez o vocativo “irmão” como se estivesse reafirmando o nível íntimo e afetivo de relação interpessoal existente entre eles após esse encontro inesperado.

### 10ª descrição linguístico-discursiva da cena:

Jorginho agradece, acrescenta ainda a informação de que está buscando o empate e Maurício volta a se despedir do amigo:

(12V) Maurício -*É isso aí, meu compadre.*

#### Análise:

Maurício, agora, em sua despedida, usa o vocativo “meu compadre”, que, conforme DaMatta (1986), também faz parte do universo simbólico Casa, pois se refere a pessoa com

a qual se estabelece um grau de relacionamento interpessoal de escolha íntima e afetiva e que, por isso, é considerado como uma extensão da família.

Para resumir e colaborar com a análise acima, foi elaborado o quadro abaixo que apresenta a relação entre o uso de vocativos e os atos de fala do vídeo “Vascão”:

Quadro 9 – Atos de fala vs. usos de vocativos no vídeo “Vascão” (continua)

Vascão					
Descrição da cena	Enunciado	Ato de fala direto	Ato de fala indireto	Vocativo	Intenção
Encontro de dois amigos na rua.	<b>Jorginho</b> <b>Catuaba!</b>	Cumprimentar	—	Jorginho Catuaba	Estabelecer primeiro contato
Encontro de dois amigos na rua.	<b>Maurício!</b>	Cumprimentar	—	Maurício	Estabelecer primeiro contato
Maurício pergunta como está Jorge.	<i>Como é que tu está, meu irmão?</i>	Perguntar	Cumprimentar	meu irmão	Estabelecer proximidade
Jorge pergunta como está Jorge.	<i>Estou bem! E você, meu brother?</i>	Perguntar	Cumprimentar	meu brother	Estabelecer proximidade
Maurício indaga Jorginho sobre o motivo de estar ali.	<i>Fazendo o que aqui, meu irmão?</i>	Perguntar	Demonstrar interesse	meu irmão	Manter proximidade
Maurício responde ao amigo.	<i>Vou ser técnico do Vasco, cara.</i>	Responder	—	cara	Manter proximidade
Maurício questiona Jorginho sobre a possibilidade do amigo tornar-se técnico do time do Vasco	<i>Mas pode fazer isso, mano?</i>	Perguntar	Demonstrar estranhamento	mano	Equilibrar harmonia da interação
Maurício expressa admiração positiva com o trabalho de Jorginho	<i>Caralho, Jorginho, nem sabia que tu trabalhava com essas porras.</i>	Expressar admiração	—	Jorginho	Expressar emoção/admiração



Quadro 9 – Atos de fala vs. usos de vocativos no vídeo “Vascão” (conclusão)

Vascão					
Descrição da cena	Enunciado	Ato de fala direto	Ato de fala indireto	Vocativo	Intenção
Jorginho declara o que está a caminho do estádio de São Januário.	<i>Aliás, eu estou indo pra São Januário agora. Falam que é lindo, irmão!</i>	Expressar admiração	—	irmão	Manter proximidade
Maurício questiona a capacidade de seu enunciatário em executar o trabalho de técnico de futebol do time do Vasco.	<i>Ô, Jorginho, vem cá. Tu sabe a escalação do Vasco, pelo menos, pra ser técnico do time?</i>	Ordenar	Preparar interlocutor para pergunta	Ô, Jorginho	Trazer o enunciatário à razão do enunciador
Maurício despede-se com aperto de mão e desejo de boa sorte.	<i>Porra, vai lá, irmão. Boa sorte aí pra tu.</i>	Ordenar	Despedir-se	irmão	Reafirmar relação afetiva
Maurício volta a despedir-se do amigo.	<i>É isso aí, meu compadre.</i>	Despedir-se	—	meu compadre	Reafirmar relação afetiva

Fonte: A autora, 2019.

Observa-se que foram usados doze vocativos em atos de fala realizados na comunicação entre os amigos, dentre os quais seis usos remetem a grau de parentesco (2 “meu irmão”, 1 “meu *brother*”, 1 “mano”, 2 “irmão”); um remete a compadrio (“meu compadre”); três envolvem primeiro nome em grau normal, em grau diminutivo e em grau diminutivo acompanhado de apelido (“Maurício”, 2 “Jorginho” e “Jorginho Catuaba”) e um formado pelo substantivo comum “cara”.

Esses vocativos representam o espaço simbólico Casa, que nutre apreço pelo bom relacionamento entre familiares, abrangendo também os agregados, os compadres e os

amigos, estendendo a eles as mesmas formas de tratamento: de proximidade, de afetividade, de parentesco e de amizade.

Quanto à posição que os vocativos ocupam nos atos de fala, nota-se maior incidência de posição final, com oito distribuídos em atos de cumprimentos (2), perguntas (2), respostas (1), expressão de emoção (2) e despedida (2). Apenas um vocativo apareceu em posição medial, em ato de expressar admiração e outro apareceu em posição inicial em uma ordem.

Destaca-se ainda que foram encontrados dois vocativos isolados, constituindo atos de fala de cumprimentar.

#### 4.1.3 Reagindo ao assalto

O vídeo se passa no espaço simbólico da Casa – lugar amistoso e seguro, em que se tenta resolver divergências de maneira harmônica –, porém há, no decorrer da encenação, uma invasão do espaço Rua que traz tensão e ameaças.

##### **1ª descrição linguístico-discursiva da cena:**

A cena começa com o casal deitado na cama conversando sobre o destino da viagem que a esposa pretende realizar, mas que não é bem aceito pelo marido:

Homem – (R1) *Mas, amor, você quer ir pra Grécia de novo?*

##### **Análise:**

O marido faz uma pergunta a sua esposa usando, inicialmente, a conjunção adversativa “mas”, o que revela seu posicionamento de divergência em relação à proposta dela de ir novamente à Grécia. Como essa conjunção já indica que se apresentará uma ideia oposta, o marido usa a palavra “amor” como vocativo a fim de atenuar sua reclamação, mantendo a harmonia da interação.

##### **2ª descrição linguístico-discursiva da cena:**

A esposa, percebendo a resistência de seu marido, tenta argumentar com ele. A fim de convencê-la a mudar de ideia, ele levanta a possibilidade de haver falta de passagem.

De repente, um assaltante, de arma em punho e usando uma touca ninja, entra pela porta do quarto e grita:

Assaltante – *Perdeu! Caralho! Perdeu! Porra, perdeu! Sem gracinha! Perdeu, perdeu! Sem gracinha!*

Mulher – *Socorro!*

Assaltante – (R2) *Para de gritar, filha da puta!*

### **Análise:**

Nesse momento, o ambiente Casa é invadido por um elemento ameaçador do ambiente Rua (assaltante), que traz consigo alta carga de tensão ao ambiente, querendo usurpar o que não lhe pertence, desconsiderando os direitos daqueles que habitam a casa. Esse invasor usa de agressividade psicológica e verbal anulando o poder dos donos da casa.

A agressividade psicológica é imposta pelo assaltante por meio do direcionamento da arma para os moradores, enquanto a agressividade verbal é realizada por atos de fala de ordens, como “Sem gracinha” e “Para de gritar”, esta seguida de vocativo de baixo calão, “filha da puta”, para impor humilhação, medo e insegurança. Essas atitudes são realizadas para demonstrar a hierarquia imposta agora na casa.

### **3ª descrição linguístico-discursiva da cena:**

Diante da situação de extrema tensão instaurada, o marido tenta interferir na ação do bandido, alertando-o de que ali é um ambiente familiar, querendo dizer que, sendo assim, não deveria haver violência. Mas o assaltante retruca:

Assaltante – (R3) *Foda-se! Eu vou estourar tua cara, ô, arrombado!* (Falando com o homem)

*Pega logo a porra do dólar, euro, o dinheiro... A caralha dos relógios, a porra toda!* (Falando com a mulher)

### **Análise:**

O argumento apresentado pelo marido não é aceito pelo ladrão que, pelo contrário, para ser atendido imediatamente, aumenta sua brutalidade verbal com uso de mais palavrões, ameaça de morte e ofensa por meio do uso do vocativo “ô, arrombado”.

Esse vocativo é próprio do ambiente Rua, quando há intenção de humilhar e ofender, estabelecendo uma relação de superioridade de poder do enunciador em relação ao enunciatário, que deve curvar-se às ordens daquele.

#### 4ª descrição linguístico-discursiva da cena:

O dono da casa novamente tenta argumentar com o assaltante:

Homem – (R4) *Olha só... **Companheiro**, não é assim que a banda toca agora, tá bem?*

#### Análise:

O dono da casa usa o vocativo “companheiro” para referir-se ao bandido em uma tentativa de estabelecer certa aproximação, visto que, logo em seguida, apresentará sua contestação do assalto, ao mesmo tempo que não pretende provocar ainda mais a violência do ladrão nesse momento do diálogo.

Outra possibilidade de interpretação é a de que o uso de “companheiro” possa também estar fazendo referência ao tratamento reconhecido popularmente como sendo da esquerda política. Dessa forma, o vocativo traria um tom de crítica, pois associaria o bandido, indivíduo usurpador dos direitos do cidadão, à esquerda e o dono da casa, pessoa oprimida de seus direitos, à direita política.

Ainda que se considere o tom crítico do uso de “companheiro”, mantém-se aqui o entendimento de que é uma tentativa de aproximação, visto que, o efeito da ironia se direciona ao entendimento de quem assiste ao vídeo e não diretamente ao enunciatário da cena, o ladrão. Para este, o vocativo parece não ter sido compreendido com carga político-partidária.

#### 5ª descrição linguístico-discursiva da cena:

O assaltante continua com sua atitude agressiva e o dono da casa o indaga se está informado dos últimos acontecimentos do país, atitude que é, imediatamente, repudiada pelo ladrão por meio de mais hostilidade verbal. O marido, então, avisa que tem uma arma em casa e pergunta: “Como é que a gente fica?”.

Essa informação provoca uma atitude inusitada no assaltante, que faz silêncio, retira sua touca ninja devagar e fica olhando para o dono da casa com olhar de estranhamento.

Notando a perplexidade do assaltante diante de sua fala, o marido diz:

Homem – (R5) *Ué, o que foi? Ficou sem palavras? O que aconteceu aí, **ô, Jesus Luz da periferia**? Acabou a valentia toda, me ameaçando? O que aconteceu?*

*Botou o galhinho dentro? Pois é, tem uma arma aqui em casa. E aí?*

**Análise:**

A declaração do dono da casa de que também possuía uma arma, ainda que não estivesse com ela em sua posse, causou uma mudança na relação entre os enunciatários. O marido, agora, sente-se em igualdade em relação ao assaltante, visto possuir o mesmo poder bélico. Mais confiante, começa a desafiar seu oponente e a provocá-lo usando um vocativo irônico: “ô, Jesus Luz da periferia”.

Esse uso é feito com intuito de humilhar o enunciatário, visto que o compara a um famoso modelo por possuírem características físicas próximas, como olhos claros e cabelos encaracolados. Contudo, trata-se de uma comparação irônica porque tem a intenção de acentuar o que há de divergente entre eles – aparência geral, nível econômico e social – e não as semelhanças. Essa comparação de intuito pejorativo realizada pelo vocativo colabora com a realização do ato da fala provocativo no qual está inserido.

**6ª descrição linguístico-discursiva da cena:**

O assaltante responde ao dono da casa:

Assaltante – (R6) *Caralho! Tá maluco, meu irmão? Porra! Tu tem...*

**Análise:**

O assaltante, que antes usou dois vocativos chulos e ofensivos para se referir ao casal, agora, demonstra seu espanto usando um vocativo em nada agressivo: “meu irmão”. Esse tratamento não possui o propósito de expressar grau de parentesco ou referir-se a algum nível de amizade – que seriam próprios do contexto Casa –, mas, sim, de diminuir o tom agressivo. Esse vocativo demonstra haver reconhecimento da mudança da relação de hierarquia e evita maiores provocações, pois estas poderiam resultar em um enfrentamento para o qual não estava preparado.

**7ª descrição linguístico-discursiva da cena:**

O tratamento de “meu irmão” conferido pelo assaltante ao dono da casa é imediatamente repudiado por este, que não admite ser chamado dessa forma, justificando não haver vagabundo ou bandido em sua família sugerindo, assim, não ser igual a ele. Em seguida, volta-se para o cômodo onde estava a esposa e grita:

Homem – (R7) *Ô, Lígia! Traz a arma pra mim aí, vai!*

**Análise:**

Logo após direcionar sua fala ao assaltante, o marido troca de enunciatário e, para isso, volta-se para direção do cômodo onde está sua esposa e usa o vocativo de primeiro

nome acompanhado da interjeição “ô”. A presença dessa interjeição persuasiva de chamamento (REBELLO, 2016) por si só já é uma forma de chamar a atenção do enunciatário e, somada a um nome, realça o chamamento, conferindo ênfase adequada para atender às necessidades do enunciador de indicar a mudança de enunciatário, chamando-o de longe.

É relevante notar também que esse vocativo vem em posição inicial no ato de fala, pois deve-se primeiro despertar a atenção da enunciatária que se encontra distante para depois realizar a ordem.

### **8ª descrição linguístico-discursiva da cena:**

Após a solicitação do marido, a mulher pergunta a localização do cofre. O fato de haver um cofre na casa causa admiração no assaltante. A mulher pergunta em qual cofre, o marido responde. O assaltante fica olhando desconfiado e aguarda, com o dono da casa, a resposta da mulher, que logo depois diz tê-lo encontrado.

Ela pede a senha ao marido, que responde a numeração por partes, até que há um equívoco na compreensão de um número e o marido a corrige:

Homem – (R8) *Não, Lígia. Seis! Não é três, não. Meia dúzia. Seis! Entendeu?*

### **Análise:**

Com o erro de compreensão de um dos números ditados pelo marido à esposa, há a necessidade de negar o número equivocadamente e ditar novamente o correto. Para isso, o marido usa o vocativo de primeiro nome (“Lígia”), como se quisesse chamar a atenção de sua esposa para o que ele ditaria outra vez.

### **9ª descrição linguístico-discursiva da cena:**

O dono da casa termina de ditar os números da senha e Lígia avisa ter conseguido abrir o cofre. Seu esposo pede que Lígia leve a arma até ele, quando ela se dá conta de que faltam as balas e pergunta-lhe onde estão. O marido responde que as balas estão dentro de uma gaveta do armário.

Enquanto esse diálogo transcorre, o assaltante continua aguardando no quarto, já sem apontar a arma para o dono da casa.

Sem saber a qual dos armários o marido se refere, a esposa pergunta se é o do quarto ou o do escritório. Seu marido diz:

Homem – (R9) *Um dos dois, Lígia. Pelo amor de Deus!*

**Análise:**

Após aguardar a esposa encontrar o cofre, digitar a senha e pegar a arma, o marido, demonstrando impaciência com a demora em encontrar a munição, responde de forma mais ríspida, realizando uma reclamação, dizendo que ela deveria procurar nos dois armários. Nesse ato de fala, o enunciador usa novamente o primeiro nome de sua esposa como vocativo, como forma de outra vez chamar-lhe a atenção.

É possível confirmar seu nível de impaciência com a presença, logo em seguida, da locução interjetiva “Pelo amor de Deus!”, que expressa sua inquietação.

**10ª descrição linguístico-discursiva da cena:**

Os dois homens continuam aguardando no quarto enquanto a esposa procura as balas no outro cômodo. Porém ela não as encontra e avisa:

Mulher – (R10) *Amor, não tô achando!*

**Análise:**

Já diminuído o clima de tensão causado pelo assalto, aos poucos, parece ser retomada a atmosfera doméstica, o que fez com que a esposa voltasse a se referir ao marido por meio de um vocativo afetivo. Esse vocativo, ainda que possa ser um tratamento comum entre o casal, marca o espaço simbólico Casa – que é de maior tranquilidade, comparado ao espaço Rua.

Percebe-se também que o vocativo ocupa posição inicial na sentença, provavelmente por cumprir também a função de indicar o enunciador, pois há a presença de um outro enunciador possível (o ladrão).

**11ª descrição linguístico-discursiva da cena:**

O dono da casa, demonstrando impaciência, reclama da ineficiência de sua esposa para encontrar as munições.

Homem – (R11) *Ai, Lígia, a vergonha que eu tô passando aqui na frente do ladrão! Vai, se não tiver na primeira gaveta, tá na segunda. A Clécia pode ter mudado de lugar na hora de limpar!*

**Análise:**

Mais uma vez o marido demonstra impaciência com a demora de sua esposa e, em um ato de fala de reclamação, usa o primeiro nome dela outra vez como vocativo, chamando-lhe atenção.

**12ª descrição linguístico-discursiva da cena:**

A mulher encontra a munição e grita:

Mulher – (R12) *Achei, amor!*

**Análise:**

Após sua demorada procura, a mulher grita, de longe e de maneira efusiva, avisando ao marido o seu sucesso e usa novamente o vocativo “amor”, que confere afetividade.

**13ª descrição linguístico-discursiva da cena:**

O marido logo responde:

Homem – (R13) *Boa, meu amor! Traz aqui, vai.*

**Análise:**

Para recompensar a esposa pelo seu sucesso em encontrar as balas da arma, o marido escolhe um vocativo afetivo após uma interjeição de aprovação (REBELLO, 2016, p. 64) –ainda que sem demonstrar grande vibração – como um elogio que funciona, ao mesmo tempo, como uma preparação para uma nova ordem que vem em seguida: “Traz aqui, vai!”.

**14ª descrição linguístico-discursiva da cena:**

A esposa entrega ao marido a arma e as munições para que ele a carregue, já que ela não sabe fazer isso. O assaltante tenta interrompê-lo, mas o dono da casa pede para que aguarde um pouco, pois não está habituado a usar a arma. O ladrão começa a gritar para largar a arma, quando a filha do casal entra e o golpeia na cabeça com um liquidificador. A mãe, preocupada com a atitude da filha, corre até ela e diz:

Mulher – (R14) *Júlia, cuidado!*

**Análise:**

Para se dirigir a nova enunciatária (a filha), adverti-la e protegê-la, a mãe usa o vocativo de primeiro nome em posição inicial.

**15ª descrição linguístico-discursiva da cena:**

Imediatamente o pai repreende a esposa, culpando-a pela atitude da filha:

Homem – (R15) *Ô, Lígia, francamente... Você deixa a criança segurar um liquidificador? E descalça ainda por cima?*



**Análise:**

Para realizar o ato de fala de repreensão à sua esposa, o enunciador escolhe mais uma vez o vocativo de primeiro nome, direto, precedido da interjeição “Ô”.

Com o intuito de resumir a análise acima, segue o quadro abaixo, que apresenta a relação entre os usos dos vocativos e os atos de fala do vídeo “Reagindo ao assalto”.

Quadro 10 – Atos de fala vs. usos de vocativos no vídeo “Reagindo ao assalto” (continua)

Reagindo ao assalto					
Descrição da cena	Enunciado	Ato de fala direto	Ato de fala indireto	Vocativo	Intenção
Casal deitado na cama conversando sobre viagem.	<i>Mas, amor, você quer ir pra Grécia de novo?</i>	Perguntar	Reclamar	amor	Equilibrar a harmonia da interação
Entra um assaltante, a mulher grita e ele responde.	<i>Para de gritar, filha da puta!</i>	Ordenar	—	Filha da puta	Ofender / estabelecer inferioridade do enunciatário
O marido tenta interferir na ação do bandido e este retruca.	<i>Foda-se! Eu vou estourar tua cara, ô, arrombado!</i>	Ameaçar	—	ô, arrombado	Ofender / estabelecer inferioridade do enunciatário
O dono da casa contestar com o assaltante.	<i>Olha só, <b>Companheiro</b>, não é assim que a banda toca agora, tá bem?</i>	Contestar	—	Companheiro	Aproximar
O dono da casa avisa ter uma arma e provoca ao assaltante	<i>Ué, o que foi? Ficou sem palavras? O que aconteceu aí, ô, <b>Jesus Luz da periferia</b>?</i>	Perguntar	Provocar	ô, Jesus Luz da periferia	Ofender / estabelecer inferioridade do enunciatário

Quadro 10 – Atos de fala vs. usos de vocativos no vídeo “Reagindo ao assalto” (continua)

Reagindo ao assalto					
Descrição da cena	Enunciado	Ato de fala direto	Ato de fala indireto	Vocativo	Intenção
O assaltante responde.	<i>Caralho! Tá maluco, meu irmão? Porra! Tu tem...</i>	Perguntar	Ameaçar	meu irmão	Aproximar
O dono da casa, voltando-se para o cômodo onde estava a esposa, grita.	<i>Ô, Lígia! Traz a arma pra mim aí, vai!</i>	Ordenar	—	Ô, Lígia	Indicar mudança de enunciatário
A esposa pede a senha do cofre ao marido, mas ocorre um equívoco na compreensão de um número e o marido a corrige.	<i>Não, Lígia. Seis! Não é três, não. Meia dúzia. Seis! Entendeu?</i>	Negar	—	Lígia	Trazer o enunciatário à razão do enunciador.
A esposa pergunta ao marido em qual dos armários estão as munições.	<i>Um dos dois, Lígia. Pelo amor de Deus!</i>	Responder	Reclamar	Lígia	Trazer o enunciatário à razão do enunciador.
A esposa procura, mas não encontra as balas da arma.	<i>Amor, não tô achando!</i>	Declarar	—	Amor	Indicar o enunciatário / demonstrar afetividade
O dono da casa, demonstrando impaciência, reclama da ineficiência de sua esposa para encontrar as munições.	<i>Ai, Lígia, a vergonha que eu tô passando aqui na frente do ladrão!</i>	Reclamar	—	Lígia	Trazer o enunciatário à razão do enunciador.

Quadro 10 – Atos de fala vs. usos de vocativos no vídeo “Reagindo ao assalto” (conclusão)

Reagindo ao assalto					
Descrição da cena	Enunciado	Ato de fala direto	Ato de fala indireto	Vocativo	Intenção
A mulher encontra a munição e anuncia de maneira efusiva.	<i>Achei, amor!</i>	Declarar	—	amor	Demonstrar afetividade
O marido responde.	<i>Boa, meu amor! Traz aqui, vai.</i>	Aprovar	—	meu amor	Demonstrar afetividade
A filha do casal entra e golpeia o assaltante na cabeça com um liquidificador. A mãe corre até ela.	<i>Júlia, cuidado!</i>	Advertir	—	Júlia	Trazer o enunciatário à razão do enunciador
O pai repreende a esposa, culpando-a pela atitude da filha.	<i>Ô, Lígia, francamente... Você deixa a criança segurar um liquidificador? E descalça ainda por cima?</i>	Reclamar	—	Ô, Lígia	Trazer o enunciatário à razão do enunciador

Fonte: A autora, 2019.

O vídeo inicia com um casal conversando sobre uma possível viagem e apresentando divergência a respeito do destino. Sendo essa interação constituída no contexto do espaço simbólico Casa (lugar de proteção e harmonia), observa-se o esforço do marido em manter o equilíbrio da interação, no momento em que argumenta com a esposa, usando um vocativo afetivo próprio do espaço Casa.

Contudo, esse espaço de intimidade e de descanso é invadido pela Rua, representada pela figura de um assaltante, que vem instaurar insegurança nos que habitam a Casa.

A ocupação da Casa pela Rua implica na mudança das interações, que, antes, mesmo em divergência, buscavam equilíbrio por meio de vocativo afetivo e agora passam a ser de enfrentamento por ameaças físicas e verbais.

Nesse novo contexto, percebe-se o uso de palavras de baixo calão nos atos de fala de ordem e ameaça realizados pelo ladrão, que representa o espaço Rua, e de apelido pejorativo direcionados pelo dono da casa para o ladrão. Também se observa o uso de vocativo de primeiro nome em negação, ordens e reclamações do marido para a esposa e dela para sua filha em situação de tensão.

Porém, em momentos em que o nível de tensão é diminuído por não haver ameaça do ladrão, o casal se refere um ao outro por meio de vocativos afetivos (“amor” e “meu amor”) em atos de fala de declaração e de aprovação.

É possível também observar os vocativos a partir da posição que ocupam nos atos de fala, sendo usados em posição inicial de uma ordem, de uma declaração, de uma advertência e de duas reclamações. Já em posição medial verifica-se uso em uma reclamação e em uma contestação.

Vale notar a tendência do uso de vocativos em posição final de atos de fala, já que oito dos quinze vocativos foram posicionados dessa forma. Os vocativos finais foram usados em duas ordens, duas ameaças, uma provocação, uma negação, uma reclamação, uma declaração e uma aprovação. Levando em consideração que apenas os dois últimos atos de fala expressam situações positivas, pode-se considerar que há um indício de preferência do uso de vocativo em posição final em situação de certa tensão, o que revela que essa posição final tende a produzir o efeito de uma força expressiva negativa ao ato de fala.

#### 4.1.4 Virgem

O vídeo trata de interações comunicativas do espaço simbólico Casa, apesar dos enunciatários estarem em um restaurante – espaço físico localizado na rua –, pois nele interagem participantes ligados por laços familiares.

#### **1ª descrição linguístico-discursiva da cena:**

A cena se passa em um restaurante onde estão sentados à mesa o pai, a mãe e o filho. O pai volta-se para a mãe e pergunta:

Pai – (V1) *E a Lígia, meu amor? Você tem falado com ela?*

**Análise:**

Em um ambiente familiar amistoso, o marido se reporta à esposa para fazer-lhe uma pergunta usando o vocativo final “meu amor”, uma forma usual entre muitos casais que demonstra alto nível de afetividade.

Entende-se ainda que o vocativo possa ter sido usado também com a função de indicar com clareza com quem se pretende estabelecer a comunicação, visto se tratar de um contexto em que há três pessoas reunidas. Essa possibilidade é considerada levando em conta que, na cultura brasileira, não é tão comum um pai se reportar ao filho usando esse vocativo.

**2ª descrição linguístico-discursiva da cena:**

O filho chama por sua mãe:

Filho – (V2) *Mamãe!*

**Análise:**

Após a interação entre o esposo e a esposa, o filho tenta estabelecer interação com sua mãe e, para isso, escolhe usar como vocativo o grau de parentesco “mamãe”, habitualmente usado por crianças. O vocativo aparece isolado, constituindo o próprio ato de fala de chamar.

**3ª descrição linguístico-discursiva da cena:**

A mãe, imediatamente, responde ao contato do filho:

Mãe – (V3) *Oi, filho.*

**Análise:**

Percebe-se que a escolha do vocativo feita pelo menino é aceita com naturalidade, pois a mãe o responde também usando o grau de parentesco em posição final do ato de fala: “filho”.

**4ª descrição linguístico-discursiva da cena:**

O filho pergunta à mãe o que é “virgem”. Esta, pensando se tratar de uma pergunta de âmbito sexual, sente dificuldade em encontrar uma resposta adequada para o filho, que parece ter por volta de dez anos de idade, e acaba optando por dizer-lhe que virgem é um signo. O pai, percebendo a inadequação da resposta, repreende-a:

Pai – (V4) *Signo, Marta?*

**Análise:**

Para chamar a atenção da esposa sobre o que acabara de responder ao filho, o marido deixa de lado o tratamento afetivo dispensado a ela anteriormente em (V1) e usa o primeiro nome (“Marta”) em posição final na pergunta que faz.

A escolha de passar a usar o primeiro nome parece ser a necessidade de trazer a enunciatória à razão do enunciador, que quer que ela reflita sobre o que disse.

**5ª descrição linguístico-discursiva da cena:**

A mãe finge não entender o motivo da reclamação; o marido reclama com ela e pede confirmação a seu filho:

Pai - *Porra, acho que o garoto tá perguntando outra coisa. (V5) Né, **filho**?*

**Análise:**

Na pergunta de solicitação de confirmação direcionada ao filho, novamente é usado o vocativo de grau de parentesco “filho” em posição final.

**6ª descrição linguístico-discursiva da cena:**

A mãe, então, começa a explicar que virgem é uma pessoa pura, tomando como exemplo “a mãe do Papai do Céu”. Nesse momento, o marido a repreende:

Pai – (V6) *Não tô acreditando nisso, **Marta!***

**Análise:**

Como a esposa insiste em não abordar de forma direta o significado sexual que a palavra virgem pode apresentar, o marido a repreende em tom mais enfático e usa novamente o vocativo de primeiro nome em posição final.

**7ª descrição linguístico-discursiva da cena:**

A mãe, ainda sem saber como responder adequadamente à pergunta do filho, pergunta a seu marido em tom de reclamação:

Mãe – (V7) *Ué! O que que você quer que eu fale, **Júlio**?*

**Análise:**

A esposa realiza sua pergunta usando como vocativo o nome próprio em posição final. O tom de reclamação em sua pergunta relaciona-se à percepção de que ainda não é o momento, e talvez também nem o local, apropriado para se falar a respeito de sexo.

**8ª descrição linguístico-discursiva da cena:**

Divergindo da esposa, o marido diz querer que ela dê uma resposta coerente ao filho. Ela questiona a declaração do marido e este novamente reclama:

Pai – (V8) *Porra! O garoto pergunta o que que é virgem e você vem falar de porra de signo, de religião, **Marta**? Cadê a coerência disso?*

**Análise:**

Novamente percebe-se a tentativa do esposo em trazer a esposa à sua razão por meio de uma reclamação acompanhada de um vocativo de primeiro nome em posição final do ato de fala.

**9ª descrição linguístico-discursiva da cena:**

A esposa reclama das constantes críticas do marido a ela e ele responde:

Pai – (V9) *Porque você me dá motivo, né, **Marta**? Deve ser porque eu sou de áries.*

**Análise:**

A resposta do esposo, que é também uma forma de reclamação, apresenta o vocativo “Marta” em posição final do ato de fala.

**10ª descrição linguístico-discursiva da cena:**

Já aborrecida com a situação, a esposa delega ao marido a tarefa de responder ao filho:

Mãe – (V10) *Por que você não pega essa sua inteligência, esse brilhantismo de áries, e explica pro seu filho o que é virgem, **Júlio**?*

**Análise:**

A pergunta, em um momento de desavença, apresenta o vocativo de primeiro nome em posição final do ato de fala, em uma tentativa de trazer o enunciatário à razão da enunciadora.

**11ª descrição linguístico-discursiva da cena:**

O pai, então, volta-se para seu filho e diz:

Pai – (V11) ***Meu filho**... Quando um menino e uma menina vão namorar pela Primeira vez, se beijando, o piupiu do menino fica duro.*

**Análise:**

Nesse momento delicado em que o pai decide esclarecer a acepção sexual da palavra “virgem”, que acredita ser a de interesse do filho, toma cuidado com as escolhas

das palavras para que não sejam inadequadas à idade da criança e começa sua explicação com o vocativo inicial “Meu filho”, como uma forma de acolhimento, de preparação para algo que poderá ser impactante para ele. O uso desse vocativo confere maior grau de afetividade, se comprado ao que usou anteriormente (“filho”), já que vem acompanhado do pronome possessivo, o que, conforme Neves (2000, p. 488), indica afetividade ou intimidade.

### **12<sup>a</sup> descrição linguístico-discursiva da cena:**

O filho pergunta ao pai “Pra quê?” e a mãe, em uma atitude irônica, repete a pergunta simulando a fala do próprio filho:

Mãe – (V12) *Pra quê, papai? Pra quê?*

#### **Análise:**

Nessa pergunta irônica, a mãe, que simula a fala do próprio filho, escolhe o vocativo de grau de parentesco comumente presente na fala infantil (“papai”), em posição final.

### **13<sup>a</sup> descrição linguístico-discursiva da cena:**

A explicação do pai segue e causa riso no filho devido ao uso da palavra “pepeca”. A mãe comenta:

Mãe – (V13) *Você é patético, Júlio!*

#### **Análise:**

A esposa critica a atitude do marido, depreciando-o por dar tais explicações de forma inadequada, a ponto de provocar risos no filho, usando outra vez o vocativo de primeiro nome.

### **14<sup>a</sup> descrição linguístico-discursiva da cena:**

O marido parece se sentir ofendido com a crítica da esposa e a agride verbalmente chamando-a de burra. A esposa demonstra indignação com a ofensa e questiona: “Burra?”; o marido justifica sua ofensa:

Pai – (V14) *É, burra! Desonestidade intelectual também é um tipo de burrice, Marta!*

#### **Análise:**

Ao justificar sua ofensa à esposa, o marido continua a ofendê-la chamando-a de desonesta e continua a usar o primeiro nome da esposa em posição final como vocativo.



**15ª descrição linguístico-discursiva da cena:**

A desavença continua entre o casal, aos gritos, enquanto o filho observa a troca de ofensas dos pais em silêncio. A mãe, após dizer que o filho deve ter visto a palavra “virgem” nos vídeos do celular do pai, volta-se para o filho e pergunta:

Mãe – (V15) *Era de homem com homem, meu filho? Porque se depender do ânimo do papai aqui, desse brocha, não tinha mulher nessa porra desse vídeo!*

**Análise:**

Ainda que a pergunta fosse dirigida ao filho, deve-se considerar que foi também realizada como mais uma maneira de provocar e ofender o marido.

Sendo assim, o vocativo afetivo continua sendo usado, já que era necessário indicar a quem se dirigia e porque a ofensa proferida não era direcionada ao enunciatário direto, o filho, mas sim ao marido.

**16ª descrição linguístico-discursiva da cena:**

A desavença continua e a mãe pergunta ao filho:

Mãe – (V16) *Vem cá, Rafinha, me diz uma coisa: onde é que você viu esse negócio de virgem pra perguntar? Foi no celular do putanheiro do seu pai?*

**Análise:**

A mãe usa o vocativo “Rafinha” para dirigir-se ao filho, indicando a mudança de enunciatário. Nota-se que o vocativo encontra-se em posição medial entre duas ordens: “Vem cá” e “me diz uma coisa”, como se fosse uma forma de exercer certa pressão para que responda à pergunta que se seguirá: “onde é que você viu esse negócio de virgem pra perguntar?”.

O apelido diminutivo também mantém o nível de afetividade estabelecido anteriormente pela enunciadora com o vocativo “filho”. Essa manutenção da afetividade se justifica por não ter sido a pergunta dele (“O que é virgem?”) o motivo da discórdia, mas apenas um pretexto para que a desarmonia do casal viesse à tona.

**17ª descrição linguístico-discursiva da cena:**

As provocações trocadas pelo casal continuam; o pai também pergunta ao filho onde viu a palavra, insinuando que tenha sido em fotos comprometedoras que sua esposa recebe. A esposa, então, o adverte:

Mãe – (V17) *Olha a baixaria, Júlio!*

**Análise:**

Para realizar a advertência ao marido, a esposa usa o primeiro nome em posição final de ato de fala, chamando-o à razão.

**18ª descrição linguístico-discursiva da cena:**

O menino, que se mantinha em silêncio, responde a seus pais ter sido no azeite que encontrou a palavra “virgem”, o que surpreende o casal causando seu silêncio.

O garçom entra para atendê-los:

Garçom – (V18) *Boa noite, gente. Já escolheram o pedido?*

**Análise:**

Para cumprimentar o grupo familiar que atenderia, o garçom usa como vocativo a palavra “gente”, que traz uma ideia de coletivo, como uma maneira menos formal de aumentar sua proximidade com os clientes.

Esse vocativo confere uma relação de maior proximidade e de menor especificidade, sendo equivalente a um pronome de tratamento, como se pode verificar na comparação abaixo:

(V18) *Boa noite, gente. Já escolheram o pedido?*

Boa noite, Senhores. Já escolheram o pedido?

Embora a palavra “gente” seja um substantivo, funciona na fala do garçom (V18) como um pronome de tratamento, tal qual “Senhores” do exemplo acima. O que distingue as formas sublinhadas é o nível de formalidade no tratamento. Caso a família estivesse em um restaurante de ambiente mais formal, provavelmente, o cumprimento do garçom teria como vocativo o pronome de tratamento “Senhor”, que estabelece maior distanciamento entre os enunciatários.

A posição final do vocativo no ato de fala dá mais destaque ao cumprimento “Boa noite” por deixá-lo na frente da sentença.

**19ª descrição linguístico-discursiva da cena:**

Em outro momento, o menino novamente chama sua mãe, a fim de fazer nova pergunta posteriormente.

Filho – (V19) *Mamãe!*

Mãe - *Oi.*

**Análise:**

Como ocorreu no ato de fala (V2), o filho estabelece interação com sua mãe usando o vocativo o grau de parentesco “mamãe” de forma isolada, em um ato de fala de chamar.

**20ª descrição linguístico-discursiva da cena:**

Outra vez o filho chama sua mãe:

Filho – (V20) *Mamãe!*

Mãe - *Oi.*

Filho - *O que que é Porta dos Fundos?*

(V21) Mãe - *Quando duas pessoas se amam muito, elas geralmente entram pela Porta Da frente. E aí elas buscam inovar entrando pela porta dos fundos, meu filho.*

**Análise:**

O filho, que continua com seus questionamentos a respeito dos significados das palavras, chama sua mãe mais uma vez para primeiro estabelecer contato e, depois de confirmado, apresentar sua pergunta. Para isso, pela terceira vez, usa o vocativo isolado “Mamãe”.

Em sua resposta, a mãe usa o vocativo afetivo “meu filho”, como o fez o pai em (V11), contudo em posição final de ato de fala, o que não funciona como uma preparação para o que vai ser dito, mas como uma reafirmação de acolhimento por laço afetivo.

**21ª descrição linguístico-discursiva da cena:**

Para uma nova pergunta, o filho outra vez chama pela mãe:

Filho – (V21) *Mamãe!*

Mãe – *Oi.*

**Análise:**

Como nas outras vezes, o filho usa o vocativo isolado “mamãe” a fim de reestabelecer contato com sua mãe para depois realizar sua pergunta.

O quadro abaixo apresenta, de forma resumida, a relação entre os usos dos vocativos e os atos de fala do vídeo “Virgem”.

Quadro 11 – Atos de fala vs. usos de vocativos no vídeo “Virgem” (continua)

Virgem					
Descrição da cena	Enunciado	Ato de fala direto	Ato de fala indireto	Vocativo	Intenção
Família sentada à mesa de um restaurante.	<i>E a Lígia, meu amor?</i>	Perguntar	—	meu amor	Demonstrar afetividade/ Indicar o enunciatário
O filho chama por sua mãe.	<i>Mamãe!</i>	Chamar	—	mamãe	Estabelecer contato / indicar o enunciatário
A mãe responde ao contato do filho.	<i>Oi, filho.</i>	Responder	—	filho	Estabelecer contato
A mãe responde ao filho o que é “virgem” e o marido interfere.	<i>Signo, Marta?</i>	Perguntar	Repreender	Marta	Trazer o enunciatário à razão do enunciador
O marido reclama da resposta da esposa e pede confirmação de sua percepção ao filho.	<i>Porra, acho que o garoto tá perguntando outra coisa. Né, filho?</i>	Perguntar	—	filho	Indicar o enunciatário
A mãe explica outro significado da palavra “virgem”, mas o marido interfere outra vez.	<i>Não tô acreditando nisso, Marta!</i>	Negar	Reclamar	Marta	Trazer o enunciatário à razão do enunciador
A mãe, indignada com as interferências do marido, pergunta.	<i>Ué! O que que você quer que eu fale, Júlio?</i>	Pergunta	Reclamar	Júlio	Trazer o enunciatário à razão do enunciador

Quadro 11 – Atos de fala vs. usos de vocativos no vídeo “Virgem” (continua)

Virgem					
Descrição da cena	Enunciado	Ato de fala direto	Ato de fala indireto	Vocativo	Intenção
O marido reclama das respostas da esposa.	<i>Porra! O garoto pergunta o que que é virgem e você vem falar de porra de signo, de religião, <b>Marta?</b> Cadê a coerência disso?</i>	Perguntar	Reclamar	Marta	Trazer o enunciatário à razão do enunciador
A esposa reclama das críticas do marido.	<i>Porque você me dá motivo, né, <b>Marta?</b></i>	Perguntar	Reclamar	Marta	Trazer o enunciatário à razão do enunciador
Esposa delega ao marido a tarefa de responder ao filho.	<i>Por que você não pega essa sua inteligência, esse brilhantismo de áries e explica pro seu filho o que é virgem, <b>Júlio?</b></i>	Perguntar	Delegar	Júlio	Trazer o enunciatário à razão do enunciador
O marido responde ao filho.	<i><b>Meu filho...</b> Quando um menino e uma menina vão namorar pela primeira vez, se beijando, o piupiu do menino fica duro.</i>	Responder	—	Meu filho	Demonstrar afetividade

Quadro 11 – Atos de fala vs. usos de vocativos no vídeo “Virgem” (continua)

Virgem					
Descrição da cena	Enunciado	Ato de fala direto	Ato de fala indireto	Vocativo	Intenção
A esposa imita uma possível fala do filho para ironizar o marido.	<i>Pra quê, <b>papai?</b> Pra quê?</i>	Perguntar	Ironizar	papai	Indicar enunciatário
A esposa critica a atitude do marido.	<i>Você é patético, <b>Júlio!</b></i>	Declarar	Criticar	Júlio	Trazer o enunciatário à razão do enunciador
O marido chama a esposa de “burra”; ela pergunta “Burra?” e ele explica o motivo da ofensa.	<i>É, burra! Desonestidade intelectual também é um tipo de burrice, <b>Marta!</b></i>	Explicar	Ofender	Marta	Trazer o enunciatário à razão do enunciador
A esposa diz que o filho deve ter visto a palavra “virgem” nos vídeos do celular do pai.	<i>Era de homem com homem, <b>meu filho?</b></i>	Perguntar	Ofender	meu filho	Indicar enunciatário /Demonstrar afetividade
A desavença entre o casal continua e a esposa pergunta novamente ao filho onde viu a palavra “virgem”.	<i>Vem cá, <b>Rafinha</b>, me diz uma coisa: onde é que você viu esse negócio de virgem pra perguntar?</i>	Ordenar	—	Rafinha	Indicar enunciatário / demonstrar afetividade
O marido diz que o filho deve ter visto a palavra “virgem” nas fotos que a esposa recebe pelo celular.	<i>Olha a baixaria, <b>Júlio!</b></i>	Advertir	—	Júlio	Trazer o enunciatário à razão do enunciador.

Quadro 11 – Atos de fala vs. usos de vocativos no vídeo “Virgem” (conclusão)

Virgem					
Descrição da cena	Enunciado	Ato de fala direto	Ato de fala indireto	Vocativo	Intenção
O casal silencia-se após ouvir a resposta do filho e o garçom chega à mesa.	<i>Boa noite, gente.</i>	Cumprimentar	—	gente	Aumentar proximidade
O menino novamente chama sua mãe.	<b>Mamãe!</b>	Chamar	—	Mamãe	Reestabelecer contato
A mãe responde outra pergunta do filho.	<i>Quando duas pessoas se amam muito, elas geralmente entram pela porta da frente. E aí elas buscam inovar entrando pela porta dos fundos, meu filho.</i>	Explicar	—	meu filho	Demonstrar afetividade
O menino novamente chama sua mãe.	<b>Mamãe!</b>	Chamar	—	Mamãe	Reestabelecer contato

Fonte: A autora, 2019.

A quebra da harmonia que se espera no ambiente Casa é provocada pelo desentendimento entre o casal, que não chega a um acordo de como deve ser explicado o significado da palavra “virgem” ao filho.

Os dois, então, passam a trocar críticas e ofensas, aumentando o volume da voz. Assim, as interações comunicativas da Casa dão lugar às interações representativas do espaço simbólico adverso da Rua.

Os participantes, que assumem estabelecer uma relação interativa típica da Rua, adotam comportamentos mais individualistas em várias partes do vídeo, pois passam a

interagir de maneira agressiva, sem considerar a presença da criança à mesa e dos outros clientes do restaurante.

Percebe-se que os vocativos, quando inseridos em atos de fala positivos da Casa – em que há harmonia entre os enunciatários –, expressam afetividade e grau de parentesco, como em “meu amor”, “Rafinha”, “mamãe”, “filho”, “meu filho”.

Porém, quando a Rua adentra a Casa por meio de desavenças, os vocativos inseridos em atos de fala de tensão negativa (negação, repreensão, reclamação, crítica, advertência e ofensa) são constituídos de primeiro nome e colocados em posição final do ato de fala.

É relevante observar que o filho é poupado das ofensas e das provocações (mas não poupado de assisti-las), pois, quando os pais se dirigem a ele, continuam usando vocativos que remetem às relações de afetividade característica da Casa (meu filho, filho, Rafinha). Também o filho, quando refere-se à mãe, usa o vocativo “mamãe” que é característico da fala infantil e que, igualmente, representa o espaço simbólico Casa, assim como “papai” que é usado de forma irônica pela mãe ao imitar uma possível fala do filho.

Observando os vocativos afetivos e de parentesco usados no vídeo, percebe-se que ocuparam, em sua grande maioria, posição final, tendo apenas uma posição inicial (V11) e uma medial (V16).

Apenas o filho usou vocativo isolado (“mamãe”), como se aguardasse a resposta da tentativa de contato para depois estabelecer a comunicação.

Já o garçom, elemento do contexto Rua, cumprimenta a família de maneira cordial e informal ao mesmo tempo, o que é verificado pelo uso do substantivo “gente” como forma de tratamento no ato de fala de cumprimentar que dirige à família.

#### **4.2 Vocativos do espaço Rua**

O vídeo analisado nesta seção representa quatro situações comunicativas que envolvem relações interpessoais entre um chefe e um funcionário; entre desconhecidos; entre um chefe e funcionários e, por fim, entre um cliente, um funcionário de cartório e outros desconhecidos. Tais situações representam o espaço simbólico da Rua.



#### 4.2.1 Português fluente

O vídeo apresenta uma esquete que tem como ambiente um escritório de trabalho, que, mesmo fazendo parte da Rua, é considerado um lugar de intermediação entre os espaços simbólicos Rua e Casa, pois é por meio dele que se garante o sustento pessoal e familiar, que constituem a Casa.

Trata-se de um espaço hostil, em que se estabelecem relações com chefes e colegas de trabalho, que traz alguma carga de tensão devido às exigências comuns de respeito à hierarquia, ao cumprimento de tarefas e metas.

##### **1ª descrição linguístico-discursiva da cena:**

A cena começa no primeiro dia de trabalho do funcionário, que se reporta a seu superior a fim de verificar se há algo para realizar antes de encerrar seu expediente.

Rogério – (1PF) *Opa! Dá licença. Tudo bem, chefe?*

Chefe – *Opa!*

Rogério – *Eu já tô de saída agora, queria saber se você quer mais alguma coisa.*

##### **Análise:**

O vocativo usado pelo funcionário para cumprimentar seu superior é o título “chefe” no final do ato de fala, demonstrando que reconhece a posição superior na escala de poder que seu enunciatário ocupa em relação a ele. O que parece ser bem aceito por não haver objeção por parte do chefe.

##### **2ª descrição linguístico-discursiva da cena:**

O chefe, então, o convida a sentar-se:

Chefe - (2PF) *Senta aí, Rogério.*

Rogério - *Eita!*

##### **Análise:**

O chefe usa o primeiro nome de seu funcionário como vocativo para não marcar o posicionamento inferior que este ocupa na hierarquia de trabalho, pois, caso o fizesse, poderia parecer prepotente. Usa chamá-lo Rogério para tentar estabelecer uma relação mais próxima, já que sua intenção parece ser a de ter uma conversa relevante. Esse propósito do chefe é percebido por Rogério, visto a interjeição que usa parecendo expressar algum receio: “Eita!”

### 3ª descrição linguístico-discursiva da cena:

Rogério senta-se em frente ao chefe e este chama sua atenção:

Chefe – (3PF) *Então, Rogério, eu sei que é o seu primeiro dia aqui na empresa, mas eu Não gostaria que você me chamasse de "você" na empresa, sabe? Acho que é um pouco informal demais... a gente tem uma hierarquia aqui dentro. Então acho melhor a gente mudar isso.*

#### Análise:

Mais uma vez o chefe se reporta ao funcionário pelo primeiro nome. Essa escolha colabora com sua intenção de trazer o enunciatário (Rogério) à razão do enunciador (chefe) por meio de uma reprimenda, chamando-o à atenção sobre a forma de tratamento que deve adotar para se reportar ou se referir a ele, seu superior.

Sendo o primeiro dia de trabalho do funcionário, o que é apontado inicialmente pela fala do chefe, este, para evitar um possível constrangimento, constrói sua advertência de maneira atenuada, mais indireta, como se estivesse opinando. Para tanto, faz uso de um vocativo que, em uma relação de trabalho (espaço simbólico da Rua), estabelece uma relação de proximidade, suavizando a ordem que vem em seguida.

É importante notar que a escolha desse vocativo está em consonância com outros usos que tornam a ordem mais suavizada, como:

- \_ a introdução da fala com “Então” (que parece ser um preparador de algo mais grave que será dito);
- \_ o próprio reconhecimento de que é o primeiro dia do funcionário e, por isso, é compreensível que ele poderia errar, por não ter sido avisado anteriormente;
- \_ o uso do verbo “gostaria”, em vez de “gosto”, “quero” ou “exijo”;
- \_ o uso da pergunta “sabe?”, que sugere haver algum interesse na opinião do enunciatário;
- \_ o uso de “Então acho melhor”, o que faz parecer ser uma opinião do chefe e não uma ordem;
- \_ o uso de “a gente mudar isso” em vez de “você mudar isso”. A inclusão do chefe, por meio do “a gente”, faz parecer ser uma proposta de ação colaborativa, em que os dois devem participar da atitude de mudança, quando, na verdade, quem deve mudar de atitude é o funcionário.

### 4ª descrição linguístico-discursiva da cena:

Rogério, sem criar qualquer questionamento, imediatamente, se retrata e se dispõe a substituir o pronome “você” pelo pronome “senhor”, entendendo que confere maior

formalidade e hierarquia. Porém, esta outra forma de tratamento também não é aceita pelo chefe:

*Chefe – (4PF) "Senhor", Rogério? Tá vendo algum senhor aqui? Não. Senhor pra mim tá lá no Céu, pô.*

#### **Análise:**

Mais uma vez, o chefe não se agrada do tratamento prestado a ele. Tentando, novamente, trazer Rogério a sua percepção das coisas, o chefe usa o vocativo de primeiro nome como se o uso direto de seu nome fosse capaz de “despertá-lo” do raciocínio equivocado que apresenta.

#### **5ª descrição linguístico-discursiva da cena:**

Sem ter conseguido chegar à conclusão do tratamento mais adequado a ser usado, Rogério tenta reformular sua pergunta usando outras palavras que, em sua percepção, aumentam o grau de formalidade e hierarquia.

Porém, todas as suas tentativas são recusadas pelo chefe. Até que este declara diretamente sua intenção de ser tratado pela segunda pessoa do plural. Rogério, então, para atender à exigência do chefe, tenta, sem sucesso, fazer a concordância verbal.

Em meio a várias tentativas, Rogério diz:

*Rogério – (5PF) Caramba, Jeová, me ajuda aqui... Gostaria de saber se vós precírdises...*

#### **Análise:**

Diante de uma situação tensa e de difícil resolução para ele, visto não saber conjugar adequadamente os verbos em segunda pessoa do plural, Rogério apela para o “outro mundo”, usando o vocativo “Jeová” como forma de invocação, como uma pequena oração religiosa.

#### **6ª descrição linguístico-discursiva da cena:**

Após diversas tentativas sem êxito, o chefe olha para o computador e confronta o funcionário acerca de seu currículo postado no *LinkedIn*:

*Chefe - Engraçado, é que aqui no seu LinkedIn tá dizendo que você tem português fluente.*

Rogério, por sua vez, responde:

*Rogério – (6PF) Eu sei, senhor, mas é que as pessoas mentem no currículo, né?*

**Análise:**

Rogério apresenta seu argumento a seu superior empregando novamente o pronome de tratamento “senhor”, usado para manifestar posição hierárquica superior, apesar da anterior reprimenda de seu chefe.

**7ª descrição linguístico-discursiva da cena:**

Na segunda situação comunicativa, Rogério aparece concentrado escrevendo em uma lousa de vidro quando o chefe o aborda:

Chefe – (7PF) **Rogério?**

**Análise:**

O chefe emprega o vocativo de primeiro nome de maneira isolada, sem que haja uma oração adjacente, para estabelecer o primeiro contato com o funcionário, já que se trata de um outro momento da cena. Assim, o vocativo constitui o próprio ato de fala, já que se encarrega sozinho de realizar a ação de chamar e mantém ainda a relação de proximidade para não ressaltar a posição hierárquica inferior que o funcionário ocupa.

**8ª descrição linguístico-discursiva da cena:**

Rogério responde ao chefe:

Rogério – (8PF) *Oi! (Susto) Oi, chefe.*

**Análise:**

Rogério, cumprimenta seu superior usando mais uma vez o vocativo “chefe”, que manifesta posição hierárquica superior.

O quadro abaixo sintetiza a análise acima apresentando a relação entre os usos dos vocativos e os atos de fala do vídeo “Português fluente”.

Quadro 12 – Atos de fala vs. uso de vocativos no vídeo “Português fluente” (continua)

Português fluente					
Descrição da cena	Enunciado	Ato de fala direto	Ato de fala indireto	Vocativo	Intenção
Funcionário cumprimenta seu superior e pergunta se ainda há algo para fazer.	<i>Opa! Dá licença. Tudo bem, chefe?</i>	Cumprimentar	Estabelecer primeiro contato	chefe	Demonstrar hierarquia superior do enunciatário / Estabelecer primeiro contato

Quadro 12 – Atos de fala vs. uso de vocativos no vídeo “Português fluente” (continua)

Português fluente					
Descrição da cena	Enunciado	Ato de fala direto	Ato de fala indireto	Vocativo	Intenção
Funcionário usa “você” para referir-se ao chefe, e este o chama para entrar e se sentar.	<i>Senta aí, <b>Rogério</b>.</i>	Convidar	Ordenar	Rogério	Estabelecer proximidade
Chefe chama a atenção de Rogério	<i>Então, <b>Rogério</b>, eu sei que é o seu primeiro dia aqui na empresa, mas eu não gostaria que você me chamasse de "você" na empresa, sabe?</i>	Opinar	Repreender	Rogério	Estabelecer proximidade; Trazer o enunciatário à razão do enunciador.
Rogério refere-se ao chefe por “senhor”.	<i>"Senhor", <b>Rogério</b>? Tá vendo algum senhor aqui? Não. Senhor pra mim tá lá no Céu, pô.</i>	Perguntar	Repreender	Rogério	Estabelecer proximidade; Trazer o enunciatário à razão do enunciador.
Rogério usa várias palavras para se referir ao chefe, mas não obtém êxito em suas tentativas.	<i>Caramba, Caramba, <b>Jeová</b>, me ajuda aqui... Gostaria de saber se vós precírdises..., me ajuda aqui... Gostaria de saber se vós precírdises...</i>	Apelar	—	Jeová	Apelar para “o outro mundo”
O chefe e confronta o funcionário, com ironia, acerca de seu currículo postado no <i>LinkedIn</i> .	<i>Eu sei, <b>senhor</b>, mas é que as pessoas mentem no currículo, né?</i>	Argumentar	—	Senhor	Demonstrar grau superior de hierarquia do enunciatário

Quadro 12 – Atos de fala vs. uso de vocativos no vídeo “Português fluente” (conclusão)

Português fluente					
Descrição da cena	Enunciado	Ato de fala direto	Ato de fala indireto	Vocativo	Intenção
Rogério está escrevendo em uma lousa de vidro quando o chefe chega e o aborda.	<b>Rogério?</b>	Chamar	—	Rogério	Estabelecer primeiro contato/ estabelecer proximidade
Rogério responde ao primeiro contato de seu chefe.	<i>Oi! (Susto) Oi, chefe.</i>	Cumprimentar	—	Chefe	Demonstrar grau superior de hierarquia do enunciatário

Fonte: A autora, 2019.

É possível observar que sempre que o chefe se refere ao funcionário, pessoa de nível hierárquico mais baixo, usa vocativo de primeiro nome, seja no ato de fala direto ou indireto, ordenando, repreendendo ou estabelecendo primeiro contato.

Diferente se comporta o funcionário, que usa “chefe” e “senhor” como vocativos direcionados a seu superior, fazendo questão de demonstrar respeito à hierarquia.

Essas atitudes revelam a valorização da posição de quem ocupa cargo de maior prestígio e certa evitação em chamar atenção para a posição de cargo inferior, como se fosse desprestigiante. Afinal, em uma sociedade predominantemente hierárquica como a do Brasil, a condição social do indivíduo interfere diretamente em seu comportamento que é predefinido socialmente, como aponta Almeida (2007, p.77): Espera-se que um mande e o outro obedeça; que um sirva enquanto o outro é servido, e assim por diante”.

No que se refere ao lugar que os vocativos ocupam nos atos de fala, verifica-se que não houve ocorrência em posição inicial, mas houve três em posição medial e quatro em posição final.

Os vocativos mediais fizeram parte de atos de repreender, apelar e argumentar realizados em situações delicadas pelas quais os enunciadores passaram e, por isso, empenharam cuidado em realizá-las, como se percebe em (3PF), (5PF) e (6PF).

Os vocativos finais foram usados em atos de cumprimentar, ordenar e repreender, sendo que esses dois últimos foram realizados em situações em que havia alguma carga de

tensão, visto que o enunciador exercia seu poder sobre o enunciatário, como se verifica em (2PF) e (4PF).

Apenas uma vez foi usado um vocativo isolado, configurando o próprio ato de fala de chamar, em (7PF).

#### 4.2.2 Blocos

O vídeo é composto por duas situações comunicativas que se passam em blocos de Carnaval, em que pessoas desconhecidas estabelecem interações comunicativas, constituindo, assim, um espaço simbólico Rua.

##### **1ª descrição linguístico-discursiva da cena:**

A cena começa com o Homem 1 conversando com uma mulher, mas logo é abordado pelo Homem 2, que lhe pede informação sobre o horário do término do bloco:

Homem 1 – *E depois me dá teu telefone pra eu te achar. Você tem aí o telefone?*

(Falando com uma mulher)

Homem 2 – (1B) **Amigo!** (Falando com Homem1)

*Desculpa.* (Falando com a mulher)

##### **Análise:**

Por se tratar, inicialmente, de uma interação comunicativa que pretendia ser breve e informal, condizente com o contexto da situação, os enunciatários não se apresentam. O enunciador estabelece o primeiro contato de maneira diplomática usando um vocativo mais geral e amistoso: “amigo”, seguido de pedido de desculpa à mulher pelo incômodo, já que interrompeu uma conversa na qual o Homem 1 parecia estar interessado.

Essa maneira mais branda de interpelação é necessária, pois, ainda que se trate de uma festa – ambiente em que se espera alegria e bom humor –, é preciso atentar que ela acontece na Rua – um espaço simbólico hostil que pode trazer alguma tensão. Afinal, no espaço em que estão reunidos tantos desconhecidos, pode haver alguém que se comporte de maneira inesperada.

Nota-se, com a escolha lexical “amigo”, a manifestação intencional de apresentar maior grau de proximidade e de afetividade próprias do espaço simbólico Casa no intuito

de estabelecer uma interação mais harmoniosa, o que pode favorecer uma recepção positiva por parte do enunciatário, estimulando-o a atender a sua solicitação.

Percebe-se uma oscilação dos limites dos espaços simbólicos Casa e Rua, já que o vocativo (amigo), pertencente ao contexto Casa, é trazido para o contexto Rua na tentativa de transformar relações interpessoais entre desconhecidos em relações mais próximas. Afinal, nessa situação, trazer à tona valores de proteção e de colaboração próprios do âmbito pessoal para o âmbito impessoal favorece o alcance das intenções comunicativas.

## **2ª descrição linguístico-discursiva da cena:**

O Homem 1 dá atenção ao Homem 2, que pergunta a que horas acaba o bloco. Aquele o responde: “*Ih, porra, só amanhã, pô. Acabou de começar. Tá maluco?*” e vira levemente o corpo em outra direção. Mas imediatamente o Homem 2, com uma fisionomia de estranhamento, pergunta:

Homem 2 – (2B) *Como é que acabou de começar, cara?! Como é que acabou...  
Isso aqui não é o “Amigos da Onça”?*

## **Análise:**

A pergunta, que expressa surpresa com o que está acontecendo, é seguida do vocativo “cara”, substantivo escolhido para manifestar nível de igualdade de poder entre os enunciatários na fala informal.

Percebe-se, na comparação abaixo, que o uso do substantivo “cara” equivale a um pronome de tratamento informal de igualdade hierárquica. Caso o nível de formalidade fosse maior, sendo o enunciatário alguém a quem o enunciador devesse prestar tratamento cerimonioso, provavelmente o vocativo seria substituído por um pronome de tratamento mais adequado, como **Senhor** ou outro equivalente:

(2B) *Como é que acabou de começar, cara?!  
Como é que acabou de começar, senhor?!*

O vocativo “cara”, por ser de pouca especificidade, visto poder dirigir-se tanto ao gênero masculino como ao feminino, é capaz de “desprender-se” da figura específica do enunciatário e aproximar-se de uma interjeição por expressar um estado emotivo do enunciador. Que é o que ocorre com o vocativo em questão, que parece ter sido usado também para expressar surpresa com a resposta recebida, comportando-se de maneira equivalente a uma interjeição emotiva de espanto e surpresa (REBELLO, 2016, p. 30).



Quando se substitui o vocativo “cara” por outras interjeições de surpresa, é possível perceber a equivalência de sentido:

(2B) *Como é que acabou de começar, cara?!*

Como é que acabou de começar, caramba?!

Como é que acabou de começar, meu Deus do Céu?!

Lembrando novamente Azeredo (2012, p. 76), que afirma haver possibilidade do vocativo cristalizar-se em interjeição, é possível perceber a oscilação da função de “cara”, ora comportando-se como um vocativo (quando há um enunciatário) estabelecendo igualdade de hierarquia, ora como uma interjeição (quando não há um enunciatário, conforme início da análise da subseção 4.1.1) e ora acumulando essas duas funções quando se dirige diretamente a um enunciatário de modo a expressar uma emoção (espanto ou surpresa), conforme este exemplo do *corpus*. Essa última situação parece pertencer a um estágio intermediário de um caminho rumo à cristalização como uma interjeição, uma vez que foi encontrado um número significativo desse uso no *corpus*, embora não se possa afirmar sua progressão futura.

A conjugação de nomeação de desconhecido com igualdade hierárquica com a expressão de surpresa do vocativo “cara” se repete seguidamente ao longo do diálogo, por meio de perguntas e de resposta do Homem 2:

Homem 2 – (3B) *Como assim, cara?!*

Homem 2 – (4B) *No Rio, cara! Achei que eu tava na Lapa.*

Homem 2 – (5B) *Como assim desde março, cara?! A gente tá em que mês?*

Homem 2 – (6B) *A gente tá em maio já, cara?!*

Homem 2 – (7B) *Ué, mas é porque eu saí, eu estava em fevereiro. Não sabia nem que tinha bloco em maio, cara!*

### **3ª descrição linguístico-discursiva da cena:**

O Homem 2 expressa sua necessidade de voltar para casa. O Homem 1 o aconselha a ficar quando é interrompido:

Homem 2 – (8B) *Eu trabalho, cara!*

#### **Análise:**

Outra vez é escolhido o uso do vocativo “cara” para nomear o enunciatário mantendo a igualdade de hierarquia e também para expressar uma emoção, agora de

preocupação com a situação que fugiu totalmente de seu controle, como se pode verificar com a substituição do vocativo por uma interjeição:

(8B) *Eu trabalho, cara!*

Eu trabalho, caramba!

#### **4ª descrição linguístico-discursiva da cena:**

Homem 1 comenta sobre um folião que saiu do emprego para continuar no bloco e o Homem 2 expressa sua lamentação a respeito da situação:

Homem 2 – (9B) *Tadinho, cara! Olha o cara...*

#### **Análise:**

Mais uma vez a palavra “cara” é usado acumulando função de vocativo e de interjeição por também expressar uma lamentação, o que pode ser observado também com a substituição abaixo:

(9B) *Tadinho, cara! Olha o cara...*

Tadinho, poxa! Olha o cara...

#### **5ª descrição linguístico-discursiva da cena:**

Diante da lamentação do Homem 1, o Homem 2 comenta a vida bem sucedida do referido folião atualmente. Aquele, por sua vez, diz:

Homem 2 – (10B) *Tô sabendo, mas é que eu tenho que voltar pro Rio, cara!*

#### **Análise:**

O vocativo “cara” é usado com mesmo propósito anterior de nomear o enunciatário de acordo com sua posição hierárquica e de expressar certa emoção, que agora é a de preocupação em voltar para sua casa.

#### **6ª descrição linguístico-discursiva da cena:**

A segunda situação comunicativa do vídeo é parecida com a primeira. Passa-se em uma festa de rua e o Homem 1 interpela outro desconhecido (Homem 3):

Homem 2 – (11B) *Opa! Amigo, tudo bem?*

E o enunciatário imediatamente o responde com cordialidade:

Homem 3 – *Hola, todo bien?*

**Análise:**

O Homem 2 usa a mesma estratégia de abordagem usando o vocativo “amigo” para estabelecer o primeiro contato com outro desconhecido. Essa abordagem é recebida de forma positiva pelo Homem 3, que o cumprimenta cordialmente: “*Hola, tudo bien?*”

**7ª descrição linguístico-discursiva da cena:**

O Homem 2 novamente pede desculpa, justifica o incômodo e faz sua pergunta: “*Desculpa, eu tô meio perdido, onde é que a gente tá?*”. Por seu turno, o Homem 3, usa um vocativo também do espaço simbólico Casa, o que indica uma boa aceitação da abordagem inicial do Homem 2, mas, por se tratar da língua espanhola, não entrará na análise:

Homem 3 – *Este vá a Acapulco, hermano.*

Para resumir e colaborar com a análise acima, foi elaborado o quadro abaixo que apresenta a relação entre o uso de vocativos e os atos de fala do vídeo “Blocos”:

Quadro 13 – Atos de fala vs. usos de vocativos no vídeo “Blocos” (continua)

Blocos					
Descrição da cena	Enunciado	Ato de fala direto	Ato de fala indireto	Vocativo	Intenção
Homem 2 interrompe conversa de Homem 1	<i>Amigo!</i>	Chamar	—	Amigo	Estabelecer primeiro contato amistoso com desconhecido
Homem 1 dá a resposta e se vira enquanto o Homem 2 continua sua pergunta.	<i>Como é que acabou de começar, cara?!</i>	Perguntar	Expressar surpresa	Cara	Nomear desconhecido com igualdade hierárquica/ expressar surpresa
Homem 2 recebe informação de que não estar no bloco que imaginava.	<i>Como assim, cara?!</i>	Perguntar	—	Cara	Nomear desconhecido com igualdade hierárquica/ expressar surpresa

Quadro 13 – Atos de fala vs. usos de vocativos no vídeo “Blocos” (continua)

Blocos					
Descrição da cena	Enunciado	Ato de fala direto	Ato de fala indireto	Vocativo	Intenção
Homem 2 responde ao Homem 1 onde achou que estivesse	<i>No Rio, <b>cara!</b> Achei que eu tava na Lapa.</i>	Responder	Expressar surpresa	Cara	Nomear desconhecido com igualdade hierárquica/ expressar surpresa
O Homem 1 afirma não haver carnaval na Lapa desde março e causa surpresa em Homem 2	<i>Como assim desde março, <b>cara?!?</b></i>	Perguntar	Expressar surpresa	Cara	Nomear desconhecido com igualdade hierárquica/ expressar surpresa
Homem 1 informa ao Homem 2 que estão em maio	<i>A gente tá em maio já, <b>cara?!?</b></i>	Perguntar	Expressar surpresa	Cara	Nomear desconhecido com igualdade hierárquica/ expressar surpresa
Homem 1 confirma que estão no mês de maio	<i>Ué, mas é porque eu saí, eu estava em fevereiro. Não sabia nem que tinha bloco em maio, <b>cara!</b></i>	Expressar surpresa	—	Cara	Nomear desconhecido com igualdade hierárquica/ expressar surpresa
Homem 1 aconselha Homem 2 a ficar e é interrompido por ele	<i>Eu trabalho, <b>cara!</b></i>	Argumentar	—	Cara	Nomear desconhecido com igualdade hierárquica/ expressar preocupação
Homem 1 comenta sobre um folião que saiu do emprego para continuar no bloco	<i>Tadinho, <b>cara!</b></i>	Expressar lamentação	—	Cara	Nomear desconhecido com igualdade hierárquica/ expressar lamentação
Homem 1 comenta sobre a vida bem sucedida do folião	<i>Tô sabendo, mas é que eu tenho que voltar pro Rio, <b>cara!</b></i>	Argumentar	—	Cara	Nomear desconhecido com Igualdade hierárquica/ expressar preocupação

Quadro 13 – Atos de fala vs. usos de vocativos no vídeo “Blocos” (conclusão)

Blocos					
Descrição da cena	Enunciado	Ato de fala direto	Ato de fala indireto	Vocativo	Intenção
Homem 1 interpela Homem 3 (desconhecido)	<i>Opa! Amigo, tudo bem?</i>	Cumprimentar	Estabelecer primeiro contato	Amigo	Estabelecer primeiro contato com desconhecido

Fonte: A autora, 2019.

Percebe-se que o Homem 2, que é quem precisa de ajuda e quem se mantém surpreso durante toda a conversação com as informações que lhe são prestadas pelo Homem 1, é o único a usar vocativos em parte de seus atos de fala.

Ele escolhe usar o vocativo inicial “amigo” nas duas cenas maiores que compõem o vídeo para estabelecer um primeiro contato com desconhecido.

Os vocativos usados pelo Homem 2 são, em sua grande maioria, compostos pela palavra “cara” e são posicionados ao final das orações, acumulando as intenções de se referir ao enunciatário com igualdade hierárquica e de expressar alguma carga emotiva, como de surpresa, lamentação e preocupação.

#### 4.2.3 Google

O ambiente de trabalho se constitui no espaço Rua, e por isso é considerado um lugar de adversidade em que se estabelecem relações com pessoas que não fazem parte do vínculo familiar, adotando-se atitudes mais individualistas e competitivas.

Contudo, o ambiente de trabalho representado no vídeo é tomado pelo espaço simbólico Casa, livre de regras e imposições. Corresponde a um lugar em que se trabalha com alto nível de informalidade em uma tentativa de transformar as relações profissionais impessoais em relações mais próximas das relações familiares, afetivas e amistosas que se realizam no seguro espaço Casa, evitando o desconforto das relações que se travam na Rua.

Essa perspectiva se verifica tanto nas imagens que as cenas apresentam, com funcionários trabalhando fantasiados e fora de suas mesas de trabalho, como no conteúdo da fala do chefe, que tece comentários sobre pretender revanche de um jogo, assim como

nas escolhas feitas dos vocativos para fazer referência aos funcionários da empresa, como se percebe a seguir.

### **1ª descrição linguístico-discursiva da cena:**

A cena começa com um funcionário da empresa trabalhando e demonstrando, em sua fisionomia, estar incomodado com todo o barulho provocado pelas interações comunicativas dos outros funcionários a sua volta.

O chefe, voltando de um jogo realizado com outros funcionários dentro do escritório, diz:

Chefe - (G1) *Ô, ô, ô, ô, vai ter revanche isso aí, hein!* (G2) *Ah, seus merda! Pingue-pongue tem que ter três rodadas pra esquentar.* (Dirigindo-se a funcionários que não aparecem na cena)

(G3) *Fala aí, Jorge! Tá ocupado?* (Dirigindo-se ao funcionário que está trabalhando)

### **Análise:**

Distante dos enunciatários que participaram de um jogo com ele, o chefe usa repetidamente a interjeição persuasiva de chamamento (REBELLO, 2016) “Ô” para chamar a atenção de seus enunciatários para o que vai dizer: “*Ô, ô, ô, ô, vai ter revanche isso aí, hein!*”

De acordo com as definições de vocativo apresentadas pelos gramáticos citados no quadro 3 (primeiro capítulo), que conferem-lhe a função de chamar a atenção do enunciatário, fica evidente que a interjeição “Ô” está exercendo a função de vocativo – embora não seja uma classe de palavra prevista para exercer tal função nas gramáticas normativas e descritivas observadas nesta pesquisa.

Observa-se também que o vocativo “Ô” – informal e geral, pois pode ser usado tanto para o gênero feminino e masculino – ocupa posição sintática inicial porque o enunciatário encontra-se distante do enunciador, o que justifica também sua repetição.

Ainda falando com os funcionários, com os quais acabou de jogar, o chefe refere-se a eles como “seus merda”. Esse tratamento, composto por um pronome possessivo e um adjetivo qualificador de conotação negativa não expressa, nesse contexto, uma provocação, conforme afirma Neves (2000, p. 487). Nesse caso, tal insulto é considerado amigável na cultura brasileira, possível de ser dispensado apenas àqueles com quem se mantém uma relação próxima e amistosa. Caso a interação fosse conflitante, mesmo entre amigos, esse tratamento poderia ser considerado provocativo e ofensivo. Nota-se ainda que a falta de

concordância em “seus merda” indica uma despreocupação com a utilização de regras gramaticais, típico de ambiente informal.

Quando o enunciador troca de enunciatário, usa o vocativo de primeiro nome (Jorge) para estabelecer primeiro contato e para não marcar a posição de subordinado que este em relação ao chefe, já que o vocativo vem desacompanhado de qualquer palavra que indique sua posição social.

Esse vocativo é colocado após um cumprimento informal “Fala aí”, ocupando uma posição final na sentença.

### **2ª descrição linguístico-discursiva da cena:**

Após o chefe perguntar ao funcionário se estava ocupado, este o responde:

Jorge – (G4) *Opa, chefe! Na verdade, tô. Eu... Eu até ia pedir, por gentileza, pedir um pouco de silêncio. Esses cachorros latindo, todo mundo falando...*

#### **Análise:**

A mistura de Casa e Rua (trabalho) parece não ser bem aceita pelo funcionário, que tenta se dedicar ao trabalho, mas se sente incomodado com o barulho que se instaura no ambiente. Contudo, reconhecendo sua posição de subordinado, o funcionário, após usar a interjeição “Opa” como resposta à saudação que recebeu, usa o vocativo “chefe” como forma de mostrar que reconhece e respeita a hierarquia do trabalho.

### **3ª descrição linguístico-discursiva da cena:**

Mesmo o funcionário afirmando ao chefe que está ocupado, este insiste em interrompê-lo para que tenham uma conversa:

(G5) Chefe - *Então, Jorge, eu tô precisando conversar com você.*

#### **Análise:**

Mais uma vez o chefe se reporta ao funcionário usando o primeiro nome, a fim de estabelecer uma proximidade entre os dois e obter a atenção do enunciatário para o que pretende comunicar, o que colabora com o ato de fala de advertir: “*eu tô precisando conversar com você*”.

### **4ª descrição linguístico-discursiva da cena:**

Jorge justifica sua impossibilidade de dar atenção a seu superior naquele momento, pois pretende cumprir seu trabalho para entregar-lhe mais tarde. Mas o chefe alega ser

exatamente este o motivo da conversa. Jorge pergunta se a conversa é a respeito das planilhas que está elaborando. O chefe lhe responde:

Chefe – (G6) *Por causa de você, **Jorge!** (G7) Olha pra você, **cara!** (G8) Porra, a gente trabalha no Google, **cara!** Isso aqui é uma empresa colaborativa, moderna, sustentável, pet friendly...*

#### **Análise:**

Já apresentando um pouco de aborrecimento por Jorge não conseguir compreender do que tratava o assunto, o chefe responde-lhe chamando sua atenção e, para isso, usa três vocativos em posições finais. O primeiro vocativo (Jorge) é constituído de primeiro nome, enquanto o segundo e o terceiro são constituídos do substantivo comum “cara”, que conferem proximidade hierárquica entre os enunciatários, além de expressarem certa carga de emoção, como nas ocorrências do vídeo “Blocos”.

#### **5ª descrição linguístico-discursiva da cena:**

Jorge não compreende o comentário do chefe e lhe pede explicação, mas é atingido por uma bola de pingue-pongue, o que acaba interrompendo a conversa. O chefe dirige-se a um funcionário que estava participando do jogo:

Chefe – (G9) ***Ô, Miro!** Qual é, **Miro?** Porra, **cara!** **Ô**, eu tô na próxima aí, quem errar vira um chope.*

#### **Análise:**

O chefe, para chamar a atenção do funcionário que jogou a bola na cabeça de Jorge, usa o vocativo de primeiro nome – para especificar a mudança de enunciatário e manter a relação linguística de igualdade – em posição inicial e acompanhado da interjeição “Ô” para dar ênfase ao chamamento de longe.

O vocativo final “cara”, usado em uma reclamação, confere grau de informalidade e igualdade hierárquica entre os enunciatários.

#### **6ª descrição linguístico-discursiva da cena:**

Miro pede a bola de volta para continuar jogando e o chefe volta a falar com Jorge sobre seu mau desempenho na empresa, o que é contestado por este, que o lembra de que as planilhas haviam sido entregues a ele. Contudo, o chefe reclama:

Chefe – (G10) *Planilha, **Jorge!** Pois é ... Planilha? Eu tô falando de planilha? Tá vendo como você não tem foco nas coisas? (G11) Tô falando do FIFA 18, do campeonato de Fortnite no nono andar, **cara!** Tô falando da sinuquinha*



*ali na copa. (G12) Jorge, você não tem nem nota lá no videokê da cantina, cara!*

**Análise:**

Para expor sua reclamação, o chefe usa vocativos de primeiro nome e o substantivo “cara”, o que conferem a proximidade que deseja estabelecer com o funcionário ao mesmo tempo que pretende trazê-lo a sua razão, pois pretende levá-lo a perceber a filosofia da empresa.

Na primeira sentença (G10), o vocativo vem em posição final, tal qual acontece na segunda (G11), enquanto a terceira (G12) apresenta vocativos em posição inicial e final, o que pode apontar para tendência em uso de vocativos finais em atos de fala de reclamação.

**7ª descrição linguístico-discursiva da cena:**

Diante da reclamação do chefe, Jorge justifica seu comportamento por ter sido contratado para trabalhar e o chefe responde:

*Chefe – Sim, pra trabalhar, mas isso aqui é o Google, porra! (G13) Cara, isso aqui já vai tudo no robô, tudo automático. Os robôs que fazem o trabalho pesado... (G14) Jorge, nosso trabalho aqui é muito mais do que isso, cara! Nosso trabalho aqui é sentar e fazer...*

**Análise:**

Mais uma vez o chefe reclama das ações do funcionário, chamando-lhe a atenção para que compreenda e se adeque à proposta da empresa, usando os vocativos “Jorge” e “cara” em uma posição inicial e duas finais, o que parece reforçar a tentativa de trazê-lo a sua razão.

**8ª descrição linguístico-discursiva da cena:**

Jorge interrompe a fala do chefe, completando-a com a palavra “planilha”, mas este continua seu enunciado com “um mundo melhor!”. Jorge, então, diz:

*Jorge – (G15) Desculpa, chefe. Como é que faz isso? Eu nem sei se...*

**Análise:**

Outra vez, Jorge usa o vocativo “chefe” em posição final, demonstrando que reconhece e respeita a hierarquia do trabalho.

**9ª descrição linguístico-discursiva da cena:**

O chefe responde a Jorge dando-lhe exemplos de ações que colaborariam com sua adaptação ao grupo. Jorge afirma que tais ações não são condizentes com ele e o chefe aproveita para dizer-lhe que é por esse motivo que está sendo demitido. O funcionário implora:

Jorge – (G16) *Chefe, não, por favor!*

**Análise:**

Jorge implora a seu chefe para que não o demita e coloca o vocativo que expressa hierarquia superior do enunciatário em posição inicial, como se começasse sua fala com o reconhecimento do poder que possui sobre a decisão.

**10ª descrição linguístico-discursiva da cena:**

O chefe pede a uma funcionária para providenciar a papelada da demissão de Jorge:

Chefe – (G17) *Tati! Faz a papelada do Jorge aqui de demissão.* (Falando com a funcionária)

**Análise:**

Para chamar a funcionária que não está em seu campo de visão, o enunciador usa um vocativo de primeiro nome, tal como fez com os funcionários Jorge e Miro, como forma de tratamento linguístico de igualdade de poder. Novamente nota-se o vocativo ocupando posição inicial quando inserido em um ato de fala realizado à distância do enunciatário.

**11ª descrição linguístico-discursiva da cena:**

Jorge repete seu pedido:

Jorge – (G18) *Chefe, por favor...*

**Análise:**

Para implorar, novamente, Jorge usa o mesmo vocativo em mesma posição do ato de fala (G16).

**12ª descrição linguístico-discursiva da cena:**

Na impossibilidade de encontrar Tati, visto estar participando de um pique-esconde, o chefe diz:

Chefe – (G19) *Faz você mesmo. Pode ser, Jorge?*

**Análise:**

Ao usar sua autoridade hierárquica, o chefe realiza uma ordem para o funcionário Jorge: “Faz você mesmo” e, em seguida, tenta atenuá-la com a pergunta “Pode ser, Jorge?”, colocando o vocativo em posição final.

O quadro abaixo apresenta um resumo das análises das cenas do vídeo “Google” realizadas acima:

Quadro 14 – Atos de fala vs. usos de vocativos no vídeo “Google” (continua)

Google					
Descrição da cena	Enunciado	Ato de fala direto	Ato de fala indireto	Vocativo	Intenção
Chefe sai de um jogo e fala com os que dele ainda participam.	<i>Ô, ô, ô, ô, vai ter revanche isso aí, hein!</i>	Prometer	—	Ô	Chamar a atenção do enunciatário de longe
Idem.	<i>Ah, seus merda! Pingue-pongue tem que ter três rodadas pra esquentar.</i>	Declarar	Provocar amistosamente	seus merda	Demonstrar proximidade e informalidade
Chefe se aproxima do funcionário que está tentando se concentrar em seu trabalho.	<i>Fala aí, Jorge!</i>	Cumprimentar	—	Jorge	Demonstrar proximidade e estabelecer primeiro contato
Chefe cumprimenta um funcionário e pergunta se está ocupado. O funcionário responde.	<i>Opa, chefe! Na verdade, tô. [...]</i>	Cumprimentar	—	chefe	Demonstrar grau superior de hierarquia do interlocutor
Chefe insiste em que tenham uma conversa.	<i>Então, Jorge, eu tô precisando conversar com você.</i>	Advertir	—	Jorge	Estabelecer proximidade e trazer o enunciatário à razão do enunciador

Quadro 14 – Atos de fala vs. usos de vocativos no vídeo “Google” (continua)

Google					
Descrição da cena	Enunciado	Ato de fala direto	Ato de fala indireto	Vocativo	Intenção
Jorge pergunta se a conversa é a respeito das planilhas que está elaborando. O chefe o responde.	<i>Por causa de você, <b>Jorge!</b></i>	Responder	Advertir	Jorge	Trazer o enunciatário à razão do enunciador.
Idem.	<i>Olha pra você, <b>cara!</b> Porra, a gente trabalha no Google, <b>cara!</b></i>	Advertir	Reclamar	cara	Trazer o enunciatário à razão do enunciador.
O chefe dirige-se a um funcionário que joga uma bola em Jorge.	<i><b>Ô, Miro!</b> Qual é, <b>Miro?</b></i>	Perguntar	Reclamar	Ô, Miro Miro	Indicar mudança de enunciatário /chamar de longe
Idem.	<i>Porra, <b>cara!</b></i>	Reclamar	—	cara	Trazer o enunciatário à razão do enunciador/ Demonstrar proximidade /Expressar emoção
Chefe reclama do mau desempenho de Jorge. Este diz ter entregue todas as planilhas. O chefe reclama.	<i>Planilha, <b>Jorge!</b> Tô falando do FIFA 18, do campeonato de Fortnite no nono andar, <b>cara!</b> <b>Jorge</b>, você não tem nem nota lá no videokê da cantina, <b>cara!</b></i>	Reclamar	—	Jorge cara	Idem

Quadro 14 – Atos de fala vs. usos de vocativos no vídeo “Google” (conclusão)

Google					
Descrição da cena	Enunciado	Ato de fala direto	Ato de fala indireto	Vocativo	Intenção
Jorge diz ter sido contratado para trabalhar e o chefe o responde.	<i><b>Cara</b>, isso aqui já vai tudo no robô, tudo automático. [... ] <b>Jorge</b>, nosso trabalho aqui é muito mais do que isso, <b>cara!</b></i>	Declarar	Reclamar	Cara Jorge	Idem
O chefe diz que o trabalho deles é fazer um mundo melhor.	<i>Desculpa, <b>chefe</b>. Como é que faz isso? Eu nem sei se...</i>	Desculpar-se	—	chefe	Demonstrar grau superior de hierarquia do interlocutor
O chefe demite Jorge.	<i><b>Chefe</b>, não, por favor!</i>	Pedir	—	chefe	Idem
O chefe pede a uma funcionária para providenciar a papelada de demissão de Jorge	<i><b>Tati!</b> Faz a papelada do Jorge aqui de demissão.</i>	Ordenar	—	Tati	Indicar mudança de enunciatário /chamar de longe/ grau de igualdade hierárquica
Jorge repete seu pedido.	<i><b>Chefe</b>, por favor...</i>	Pedir	—	Chefe	Demonstrar grau superior de hierarquia do interlocutor
Tati não pode atender à solicitação do chefe e este a repassa ao próprio Jorge.	<i>Faz você mesmo. Pode ser, <b>Jorge?</b></i>	Perguntar	Ordenar	Jorge	Demonstrar grau de igualdade hierárquica

Fonte: A autora, 2020.

O trabalho de que trata o vídeo é considerado alternativo, visto se desviar do padrão comum em que há regras a serem seguidas, prazos a serem cumpridos e hierarquia rígida a ser respeitada.

Nesse trabalho, verifica-se uma busca em tornar o ambiente Rua mais próximo do ambiente Casa, estimulando atitudes amistosas e colaborativas entre os funcionários, chegando, devido ao tom de humor a que se propõe o vídeo, a limites extremos na percepção de um dos funcionários.

Essa tentativa em trazer a Casa para a Rua é perceptível também na linguagem usada, principalmente na escolha de vocativos.

O chefe usa vocativos informais capazes de estabelecer maior proximidade entre eles (interjeições, primeiro nome, insulto amigável, apelido, cara), enquanto o funcionário Jorge, que tem dificuldade em adaptar-se a esse contexto, reporta-se a seu superior pelo vocativo “chefe”, marcando a relação de hierarquia entre os dois.

Quanto ao lugar que o vocativo ocupa no ato de fala, é possível notar uma maior incidência da posição final em atos de reclamar e cumprimentar, enquanto os chamamento e pedidos ocupam posição inicial.

#### 4.2.4 Enzo

A cena se passa em um cartório de registro civil, ambiente no qual se espera encontrar pessoas desconhecidas com as quais não se mantêm laços familiares ou de amizade e, por isso, constitui-se um espaço simbólico Rua.

#### **1ª descrição linguístico-discursiva da cena:**

Um funcionário do cartório fala com alguém ao telefone:

Funcionário – (E1) *Oi, **querida**, tudo bem? Não esquece de reboninar a fita, não, tá? Tchau.*

#### **Análise:**

Nessa fala, não há como perceber se a enunciatária é uma colega de trabalho – o que a faria ser considerada como uma participante do espaço Rua –, ou alguma namorada, esposa, parente ou amiga –, o que a faria ser considerada como uma participante do espaço Casa.

De qualquer maneira, o uso do vocativo “querida” no ato de cumprimentá-la revela uma relação amistosa e de afetividade, típica de uma relação de Casa.

### **2ª descrição linguístico-discursiva da cena:**

Ao desligar o aparelho telefônico, o funcionário volta-se para direção onde estão os clientes e chama:

Funcionário – (E2) *É ... Próximo.*

#### **Análise:**

A fim de dar sequência ao atendimento, o funcionário chama o cliente que aguarda a vez imediata pelo adjetivo “Próximo”, como em uma redução de “Próximo cliente”, muito usual em atendimentos de lojas, bancos e repartições públicas. A escolha desse vocativo se justifica pelo enunciador não saber quem é o cliente e, assim, escolher uma forma mais geral, aplicável tanto para o gênero feminino como para o gênero masculino, independente da faixa etária, nível social ou econômico, mantendo um distanciamento adequado ao ambiente Rua.

Nesse caso, o próprio vocativo constitui o ato de fala de chamar.

### **3ª descrição linguístico-discursiva da cena:**

O cliente 1, que se apresenta como Edson Celulari, diz ao funcionário do cartório ter ido registrar seu filho. No momento em que vai dizer o nome com o qual pretende registrá-lo, surge um homem que o interrompe:

Homem do futuro – (E3) *Pare, Edson Celulari!*

#### **Análise:**

A fim de interromper a ação do cliente, um homem do futuro realiza uma ordem curta e direta, inserindo o vocativo de primeiro nome em posição final de seu ato de fala, indicando com exatidão a quem se refere.

Ao deixar o vocativo em posição final, o enunciador dá maior destaque à ordem, causando maior impacto na interrupção.

### **4ª descrição linguístico-discursiva da cena:**

A tentativa de o homem do futuro de impedir que a criança seja registrada com o nome de Enzo causa estranhamento no cliente, que diz:

Cliente 1 – (E4) *Sim. Desculpa, querido. Esse é o nome que eu escolhi com a Cláudia, e eu tô aqui...*

**Análise:**

Antes de iniciar sua argumentação com o homem do futuro a respeito da escolha do nome de seu filho, o Cliente1 tenta não ser hostil e tem o cuidado começar sua fala com um “sim”, que confere uma aparente concordância com o enunciatário e que pode colaborar para acalmar o ânimo deste.

Logo em seguida, desculpa-se como uma forma de suavizar a argumentação que apresentará para justificar a negativa à ordem que recebeu. Ele usa ainda, ao final de sua desculpa, o vocativo “querido”, que, ainda que seja uma forma usual de muitas pessoas para se referirem a seus enunciatários, sua escolha se dá em função da proximidade que se tenta estabelecer com o outro. Nesse caso, usar um vocativo que expressa afetividade cria uma maior proximidade com o enunciatário, o que colabora como um preparo para a argumentação que realizará.

**5ª descrição linguístico-discursiva da cena:**

O homem do futuro o interrompe novamente o Cliente1 e o avisa ao o que ocorrerá no porvir, caso registre seu filho com aquele nome. Diante da explicação, o Cliente1 tenta resolver a situação substituindo o nome Enzo por Bento, o que é rejeitado pelo homem do futuro porque o final é igual:

Homem do futuro – *Porra, se botar Bento o final é igual.*

Cliente1 – *Gente!*

Homem do futuro – *Não vai dar certo, não.*

**Análise:**

Apesar de não haver uso de vocativo nessa descrição de cena, é relevante apontar que o uso de “Gente!” proferido pelo Cliente1 não se refere a nenhum enunciatário específico, funcionando apenas como uma expressão de sentimento, como uma interjeição emotiva de espanto e surpresa (REBELLO, 2016), tal qual ocorreu em (1P) com o substantivo “Cara”.

**6ª descrição linguístico-discursiva da cena:**

Outros dois nomes são levantados como hipóteses para registrar o filho, porém o Cliente1 diz:

Cliente1 – (E5) *Gente, olha... De verdade, desculpa, eu entendo. Mas é porque é um nome escolhido com muito carinho. Po... não, dá licença. Pode registrar como Enzo!*



**Análise:**

O enunciador, após cogitar outros nomes para registrar seu filho, toma uma decisão e novamente tem cuidado em preparar o enunciatário para receber a argumentação de sua decisão final. Para isso, ele inicia sua fala com o vocativo “Gente”, um vocativo informal e com baixo nível de especificidade (visto que serve para o gênero masculino e feminino, independente da faixa etária) e que coloca os enunciatários em proximidade já que não expressa qualquer diferença de poder entre eles.

**7ª descrição linguístico-discursiva da cena:**

Efetuada o registro, o funcionário diz “*Olha... Esse garoto aqui vai ser valente, hein!*” e o cliente agradece:

Cliente1 – (E6) *Opa, obrigado, querido.*

**Análise:**

Em seu ato de fala de agradecer, o enunciador usa o vocativo afetivo “querido” como uma forma de expressar a estima que sente por aquele que profetiza algo bom para seu filho.

**8ª descrição linguístico-discursiva da cena:**

Ao ouvir a conversa do funcionário com o Cliente1, uma cliente que aguarda ser atendida tem uma ideia e tenta perguntar ao marido sobre a possibilidade de colocar um determinado nome na filha do casal. Porém, é interrompida por uma mulher que surge de repente:

Cliente2 – *Valente!*

(E7) *Amor, o que você acha...*

Mulher do futuro – *Valentina é o caralho!*

**Análise:**

A Cliente2, para chamar o marido e apresentar sua proposta de nome para a filha, inicia seu ato de fala com um vocativo afetivo (“amor”), próprio do ambiente simbólico Casa. O uso de um vocativo que expressa alto grau de sentimento colabora como persuasão, como uma maneira de convencê-lo a considerar sua proposta.

**9ª descrição linguístico-discursiva da cena:**

Já em outro momento, acontece em uma festa em que há várias pessoas bebendo em um espaço externo. Ouve-se um chamado:

Mulher – (E8) *Enzo!*

Todos os participantes homens da festa olham para atender ao chamado.

Mulher – *Não! O outro!* (E9) *Enzo 9.734.801.*

### Análise:

Para realizar contato com o enunciatário de forma objetiva e direta, uma mulher chama por “Enzo”, usando o vocativo de forma isolada. Porém, como todos os homens atendem ao chamado, a enunciadora decide especificar o nome próprio apresentando a numeração que define com mais precisão a quem se dirige.

O quadro abaixo apresenta uma síntese da análise acima, relacionando os atos de fala com os vocativos do vídeo “Enzo”.

Quadro 15 – Atos de fala vs. usos de vocativos no vídeo “Enzo” (continua)

Enzo					
Descrição da cena	Enunciado	Ato de fala direto	Ato de fala indireto	Vocativo	Intenção
Funcionário do cartório fala com alguém ao telefone.	<i>Oi, querida, tudo bem?</i>	Cumprimentar	—	querida	Demonstrar afetividade
O funcionário desliga o telefone e chama o próximo.	<i>É... Próximo.</i>	Chamar	—	Próximo	Chamar/ Generalizar
Um homem surge e interrompe o registro do filho do cliente.	<i>Pare, Edson Celulari!</i>	Ordenar	—	Edson Celulari	Indicar o enunciatário
O cliente desculpa-se por não atender à ordem do homem.	<i>Sim. Desculpa, querido.</i>	Desculpar-se	—	querido	Estabelecer proximidade

Quadro 15 – Atos de fala vs. usos de vocativos no vídeo “Enzo” (conclusão)

Enzo					
Descrição da cena	Enunciado	Ato de fala direto	Ato de fala indireto	Vocativo	Intenção
O cliente decide não mudar o nome de seu filho e argumenta.	<b>Gente, olha...</b> <i>De verdade, desculpa, eu entendo.</i>	Desculpar-se	Preparar uma argumentação	Gente	Estabelecer proximidade
O cliente agradece a profecia do funcionário.	<i>Opa, obrigado, querido.</i>	Agradecer	—	querido	Expressar estima
A cliente faz uma pergunta ao marido.	<b>Amor, o que você acha...</b>	Perguntar	Sugerir	Amor	Expressar afetividade e persuadir
Uma mulher chama por Enzo em uma festa.	<b>Enzo!</b>	Chamar	—	Enzo	Chamar
Todos os homens da festa atendem ao chamado da mulher e ela especifica o enunciatário.	<i>Não! O outro!</i> <b>Enzo 9.734.801.</b>	Chamar	—	Enzo 9.734.801.	Indicar o enunciatário

Fonte: A autora, 2020.

Apesar de as cenas do vídeo acontecerem no espaço Rua, encontram-se ocorrências de vocativos típicos do espaço Casa, o que expressa a tendência do brasileiro em misturar esses dois espaços simbólicos (DAMATTA, 1986), principalmente trazendo elementos da Casa para a Rua.

Quanto à posição dos vocativos, foram encontrados dois em posição inicial, nenhum medial e quatro finais. Os vocativos iniciais estavam inseridos em atos de desculpar-se e de sugerir, que trazem em si algum cuidado em convencer o enunciatário; enquanto os finais fizeram parte de atos de cumprimentar, ordenar, desculpar-se e agradecer.

Observou-se ainda que três vocativos se apresentaram isolados constituindo atos de fala de chamar.

#### 4.3 Incidência de vocativos na oralidade

É relevante considerar, com base na análise das conversações representadas nos vídeos, que, se o vocativo possuísse apenas a função de chamamento, em uma comunicação interpessoal que se mantém entre apenas duas pessoas, seu uso poderia ser de baixa incidência ou até mesmo ser dispensado.

Porém, observando os dados do quadro abaixo, verifica-se a existência de uma significativa incidência de vocativos nas cenas dialógicas.

Quadro 16– Presença de vocativos nos espaços Casa e Rua (continua)

Espaço	Vídeos	Duração	Enunciatários	Vocativos
Casa	Plantas de apartamento	1'56''	Casal	Ô, Rita (2); Rita (4); cara; amor (9); ô, meu amor; meu amor (2); Caio.
	Vascão	1'55''	Dois amigos	Jorginho Catuaba; Maurício; meu irmão (2); meu brother; cara; mano; Jorginho; Ô, Jorginho; irmão (2); meu compadre.
	Reagindo ao assalto	4'31''	Casal, assaltante e filha do casal	Amor (3); filha da puta; ô, arrombado; companheiro; ô, Jesus Luz da periferia; meu irmão; Ô, Lígia (2); Lígia (3); meu amor; Júlia.
	Virgem	2'59''	Pai, mãe, filho e garçom	Meu amor; mamãe (3); filho (2); meu filho (3); Marta (5); Júlio (4); papai; Rafinha; gente.
Rua	Português fluente	2'44''	Chefe e funcionário	Chefe (2); Rogério (4); Jeová; Senhor.
	Blocos	2'39''	Dois desconhecidos	Amigo (2); cara (9).
	Google	2'49''	Chefe e funcionários	Ô; seus merdas; Jorge (7); chefe (4); cara (7); Miro; Ô, Miro; Tati.

Quadro 16– Presença de vocativos nos espaços Casa e Rua (conclusão)

Espaço	Vídeos	Duração	Enunciatórios	Vocativos
Rua	Enzo	2'17''	Funcionário do cartório; clientes; homem e mulher do futuro	Querida; querido (2); Próximo; Edson Celulari; Gente; Amor; Enzo; Enzo 9.734.801.
Total de vocativos				119

Fonte: a autora, 2019.

Somados os dados de duração dos vídeos e a quantidade de vocativos, tem-se o total de 21 minutos e 50 segundos para o uso total de 119 vocativos, o que revela que o falante faz uso significativo de vocativos em suas interações interpessoais. É possível que isso ocorra por reconhecer, ainda que intuitivamente, sua contribuição para o sucesso da comunicação.

#### 4.4 Elementos linguísticos que ocupam função vocativa

A fim de comparar e relacionar a intenção dos usos de vocativos no espaço simbólico Casa e Rua a seus respectivos elementos presentes no *corpus*, elaborou-se o quadro abaixo:

Quadro 17 – Elementos linguísticos em função vocativa usados na Casa e na Rua (continua)

Vocativos				
Intenção	Espaço Casa		Espaço Rua	
	Casa	Quando a Casa se estende para Rua	Rua	Quando a Rua irrompe a Casa
Apelar ao “outro mundo”	—	—	Jeová	—
Aproximar	(meu) irmão; gente; meu <i>brother</i> , cara	Seus merda; querido; amigo; apelido	Próximo; gente; cara; primeiro nome	Companheiro
Chamar à distância	Primeiro nome	Ô; apelido	Primeiro nome;	—

Quadro17 – Elementos linguísticos em função vocativa usados na Casa e na Rua (continua)

Vocativos				
Intenção	Espaço Casa		Espaço Rua	
	Casa	Quando a Casa se estende para Rua	Rua	Quando a Rua irrompe a Casa
Demonstrar hierarquia superior do enunciatário	—	—	Chefe, Senhor	—
Demonstrar proximidade hierárquica	—	—	Cara; primeiro nome	Meu irmão
Demonstrar afetividade	Amor; meu amor; irmão; meu compadre; meu filho; nome no diminutivo	Querida; querido; amor	—	—
Equilibrar a harmonia da interação	(Ô) meu amor; amor; mano	—	—	—
Estabelecer contato	Primeiro nome; apelido; mamãe; filho;	amigo	Chefe; primeiro nome	—
Expressar emoção	Primeiro nome	—	Cara	—
Indicar enunciatário	Primeiro nome; amor, meu amor; mamãe; filho; meu filho; papai; nome no diminutivo	—	Primeiro nome; apelido	—
Demonstrar inferioridade hierárquica do enunciatário / provocar	—	—	—	Filha da puta; ô, arrombado; ô, Jesus Luz da periferia
Reduzir afetividade	Primeiro nome; cara	—	—	—

Quadro17 – Elementos linguísticos em função vocativa usados na Casa e na Rua (conclusão)

Vocativos				
Intenção	Espaço Casa		Espaço Rua	
	Casa	Quando a Casa se estende para Rua	Rua	Quando a Rua irrompe a Casa
Trazer o enunciatário à razão do enunciador	(Ô) primeiro nome	—	Primeiro nome; cara	—

Fonte: A autora, 2019.

Os elementos linguísticos usados como vocativos foram distribuídos no quadro acima a partir dos espaços simbólicos em que foram usados, considerando também as misturas entre eles, isto é, quando a Casa se estende para Rua e quando a Rua invade a Casa. Assim, foi possível listar os vocativos próprios de cada espaço, ainda que havendo mescla entre eles.

Dessa forma, observa-se que os vocativos usados na Casa, seja esta mantendo-se em seu próprio espaço ou alastrando-se para Rua, foram de:

- primeiro nome: (Ô) Rita, Caio, Maurício, (Ô) Lígia; Marta, Júlio, Júlia;
- grau de parentesco: mamãe, papai, (meu) filho, (meu) irmão, mano, (meu) *brother*;
- afetividade: querido (a), (meu) amor;
- compadrio: meu compadre;
- amizade: amigo;
- apelido: Jorginho Catuaba, Tati;
- diminutivo: Jorginho (Catuaba), Rafinha;
- cara;
- gente;
- interjeição: Ô;
- insulto amigável: seus merda.

Já os vocativos usados na Rua, seja esta mantendo-se em seu próprio espaço ou apoderando-se da Casa, foram de:

- igualdade hierárquica dos enunciatários: primeiro nome, cara, gente, companheiro;
- superioridade hierárquica do enunciatário: chefe, senhor;

- inferioridade hierárquica do enunciatário: insulto ofensivo (filha da puta; ô, arrombado; ô, Jesus Luz da periferia);
- generalizante: próximo;

O elemento linguístico que figura no espaço Casa e no espaço Rua e que é capaz de ser usado com diferentes intenções é o primeiro nome. Ele pode ser empregado para chamar à distância, estabelecer primeiro contato, estabelecer proximidade, expressar emoção, reduzir afetividade e trazer o enunciatário à razão do enunciador.

Outros elementos linguísticos que foram usados nos dois espaços simbólicos é “cara” e “gente”, usados para estabelecer relação de igualdade hierárquica e de proximidade, e também para expressar emoção.

Verifica-se ainda a presença do elemento linguístico “amigo”, próprio do espaço Casa, figurando no espaço Rua com a intenção de estabelecer primeiro contato. O que reafirma o que DaMatta (1991) postula sobre a preferência do brasileiro em trazer o espaço Casa para Rua para evitar a hostilidade das relações interpessoais que ocorrem nesta.

No que diz respeito às classes de palavras encontradas no *corpus*, verifica-se que substantivos e pronomes se prestaram a exercer função vocativa, conforme afirmam as gramáticas normativas observadas nesta pesquisa (quadro 8), assim como a ausência de uso de artigo.

Outra constatação é a possibilidade de o vocativo “[...] aparecer dilatado com o substantivo ou substantivos explicados por longos adjuntos adnominais, não raro oracionais” (MELO, 1971, p.88), como se vê em: “Filha da puta”; “meu amor”; “meu brother”; “meu compadre”; “meu filho”; “meu irmão”; “Ô, Jesus Luz da periferia”; “Seus merda”. Porém não houve ocorrência de vocativos oracionais no *corpus*.

Contudo, a presença da interjeição “Ô”, tão recorrentemente lembrada pelos gramáticos como precedente do vocativo (BARBOSA, 1822; MORAES, 1869; MACIEL, 1902; PEREIRA, 1907; MELO, 1971; LIMA, 1974; CUNHA; CINTRA, 1985; MACAMBIRA, 1987; BECHARA, 2009), não figurou no *corpus*. Mas se verificou a presença da interjeição “Ô” precedendo o vocativo (Ô, meu amor; ô, arrombado; ô, Jesus Luz da periferia; Ô, primeiro nome) e cumprindo sozinha a função vocativa em (G1) “Ô, ô, ô, ô, vai ter revanche isso aí, hein!”, já que exerce o encargo de chamar o enunciatário.

Assim, ainda que a interjeição não seja uma classe de palavra prevista pelas gramáticas analisadas como possível de exercer a função de vocativo, na oralidade, ela







Quadro 18 – Posição dos vocativos em atos de fala do espaço Casa e do espaço Rua (conclusão)

Ato de Fala Direto/Indireto	Posição							
	Isolado		Inicial		Medial		Final	
	Casa	Rua	Casa	Rua	Casa	Rua	Casa	Rua
Responder/reclamar	-	-	-	-	-	-	1	-
Negar	-	-	-	-	-	-	2	-
Negar/preparar reclamação	-	-	1	-	-	-	-	-
Negar/reclamar	-	-	-	-	-	-	1	-
Soma parcial por posição Casa e Rua	7	4	11	10	6	7	44	30
Soma parcial por posição	11		21		13		74	
Soma total	119							

Fonte: A autora, 2020.

Apesar de o vocativo poder ocupar diferentes posições nos atos de fala, os dados analisados apontam para uma preferência de seu uso em posição final, visto que, das 119 ocorrências no espaço Casa e no espaço Rua, 74 ocuparam tal lugar, ou seja, quase 62% dos vocativos foram usados ao final dos atos de fala.

O restante dos vocativos foi distribuído ao longo dos diálogos de maneira relativamente proporcional, havendo uma incidência um pouco maior daqueles que se localizaram no início dos atos de fala (21), seguidos dos que se posicionaram no meio (13) e, por fim, dos isolados (11).

Dos 44 vocativos Casa identificados em posição final, constatou-se que 24 fizeram parte de atos de fala que apresentaram alguma carga negativa, em que o enunciador não estava em consonância com ideias ou atitudes do enunciatário ou que demonstrou algum poder sobre este. Foram realizados, com vocativos finais, atos diretos e indiretos de advertir, ameaçar, argumentar, criticar, ironizar, negar, ofender, ordenar, provocar, reclamar e repreender.

Essa mesma carga negativa foi verificada também em 15 dos 30 atos de fala diretos e indiretos realizados na Rua e que envolveram vocativos em posições finais ao advertir, argumentar, ordenar, reclamar e repreender.

Sendo assim, percebe-se que aproximadamente a metade dos vocativos finais do *corpus* fizeram parte de atos de fala que exerceram certa força opositiva do enunciador contra o enunciatário. Esse tipo de ocorrência também se verifica nos atos de fala que envolvem vocativos iniciais e mediais.

Em relação aos 21 vocativos que ocuparam posição inicial tanto na Casa quanto na Rua, 11 fizeram parte de atos que expressavam essa força de oposição ao enunciatário em atos diretos e indiretos de advertir, negar ordenar e reclamar. Os outros 10 fizeram parte de atos diretos e indiretos de declarar, desculpar-se, expressar necessidade, indicar localização, pedir, prometer, responder e sugerir.

Quanto aos 13 vocativos usados em posição medial de atos de fala diretos e indiretos encontrados nos espaços Casa e Rua, verifica-se que 8 fizeram parte de atos que expressavam certa oposição ao enunciatário ao advertir, argumentar, contestar, ordenar, reclamar e repreender, e os 5 restantes foram incluídos em atos diretos e indiretos de apelar, cumprimentar, expressar admiração e prometer.

Assim, não se reconhece qualquer tendência de força expressiva negativa ou positiva em relação à posição que o vocativo ocupa no ato de fala, visto que há certo equilíbrio em seus usos.

Foram encontrados vocativos usados isoladamente em atos de chamar (9) e de cumprimentar (2), constituindo os próprios atos de fala.

## 5 PARA ALÉM DOS DADOS: O VOCATIVO NA SALA DE AULA

Como esta pesquisa buscou descrever usos de vocativos que possibilitem ao aluno de PLNM desenvolver sua competência comunicativa em interações sociais, entende-se como apropriado assumir como perspectiva teórico-metodológica a abordagem comunicativa de ensino de língua para elaboração das atividades pedagógicas.

Essa opção se justifica porque interessa à abordagem comunicativa os usos da língua em situações reais e não somente o ensino do sistema linguístico, compreendendo que a aprendizagem da língua-alvo deve ser permeada pela interação social, como destaca Almeida Filho:

O objetivo maior e subjacente a todos os atos de ensinar do professor é propiciar desenvolvimento nos alunos de competência na L-alvo. Embora quase sempre os professores almejem alguma versão da competência comunicativa (de uso) da L-alvo, não é incomum que o processo resulte em competência formal linguística (do sistema linguístico) da nova língua. Quando isso ocorre o aluno aprende sobre a L-alvo, conhece e recita regras e generalizações, mas não engaja uma competência de uso propositado na interação com outros falantes da L-alvo (isto é, competência comunicativa plena). Ao desenvolver competência comunicativa o aluno desenvolve automaticamente competência linguística, sem que o reverso seja necessariamente verdadeiro. (ALMEIDA FILHO, 2002, p. 23)

O desenvolvimento da competência comunicativa almejada por esta abordagem se sustenta no estímulo à compreensão e à produção de atos de fala (AUSTIN, 1962) na língua-alvo adequados aos valores, padrões de comportamento e códigos da cultura em questão.

Tomando como base a abordagem comunicativa, apresentam-se, nesta seção, 08 sugestões de atividades pedagógicas a respeito de usos de vocativos a partir de materiais autênticos – aqueles que foram produzidos para a comunicação de falantes nativos da língua e não foram criados ou adaptados para fins didáticos.

As atividades sugeridas buscam fazer com que os alunos considerem informações relevantes a respeito da cultura brasileira e da situação comunicativa apresentada na proposta para que possam respondê-las da forma mais adequada possível.

Serão indicados os níveis de aprendizagem a que se refere cada atividade, respeitando os critérios do Quadro Europeu Comum de Referências para línguas (QECCR), padrão europeu adotado internacionalmente que oferece “uma base comum para a elaboração de programas de línguas, linhas de orientação curriculares, exames, manuais, etc., na Europa” (CONSELHO DA EUROPA, 2001, p. 19).

No QECCR, são estabelecidos três níveis que se subdividem em outros seis, a fim de alcançar uma escala mais precisa para se medir a proficiência dos aprendizes nas diferentes

etapas de aprendizagem. Os níveis se iniciam no A, referindo-se ao usuário elementar, que pode ser identificado como iniciante (A1) ou básico (A2). Em seguida, tem-se o nível B, categoria que se refere ao usuário independente, que pode ser classificado como intermediário (B1) ou independente (B2). Por fim, chega-se ao nível C, que se refere a usuários proficientes que podem ser divididos entre aqueles que apresentam proficiência operativa eficaz (C1) e aqueles que apresentam domínio pleno da língua (C2).

Como apresentado nesta pesquisa, o vocativo, além de chamar, indicar com quem se fala, declarar a ideia do enunciatário, nomear ou conferir tratamento ao enunciatário, como postulam as gramáticas tradicionais, apresenta também outras funções. Observou-se que o vocativo também pode cumprir as funções de: aproximar, trazer o enunciatário à razão do enunciador, provocar, expressar emoção, estabelecer primeiro contato, estabelecer nível de hierarquia, estabelecer nível de afetividade, manter harmonia da interação, apelar ao “outro mundo” e generalizar o enunciatário.

Neste capítulo, serão eleitas, para elaboração de atividades, apenas as funções de estabelecer primeiro contato, de estabelecer harmonia da interação e de provocar de forma amigável exercidas por vocativos inseridos em atos de fala de chamar e cumprimentar. É importante ressaltar que, sendo o vocativo um elemento linguístico multifuncional, poderá exercer mais de uma função ao mesmo tempo.

A intenção deste capítulo é contribuir com professores de PLNМ para que possam inseri-las em suas práticas pedagógicas ou para que lhes sirvam de inspiração para elaborarem outras propostas de atividades, de acordo com o tema da aula e o nível de aprendizagem de seus alunos. Assim, apresentam-se abaixo algumas sugestões de atividades/exercícios para aulas de português para estrangeiros:

### **EXERCÍCIO 01**

Nível: A1.

Objetivo: identificar palavras ou expressões que cumpram a função de estabelecer primeiro contato em atos de fala de cumprimentar no contexto indicado, levando o aluno a uma reflexão intercultural.

Enunciado: Quais palavras você usaria para se dirigir a cada pessoa indicada abaixo ao cumprimentá-las nas situações descritas?

- a- antigo amigo ao encontrá-lo inesperadamente na rua.
-

- b- colega de trabalho, que ocupa um cargo superior ao seu, ao chegar para uma reunião.

## EXERCÍCIO 02

Nível: A1/A2

Objetivo: Selecionar adequadamente palavras do quadro para estabelecer primeiro contato na produção de pequenos diálogos. O aluno deve levar em consideração dados do contexto, tais como: a faixa etária dos participantes, o relacionamento existente entre eles, as expressões faciais, o que os participantes estão fazendo...

Enunciado: Crie pequenos diálogos a partir das imagens apresentadas usando palavras escolhidas do quadro abaixo para cumprimentar o enunciatário e que correspondam adequadamente às situações de fala expressas pelas figuras:

tia - tio – senhor – amigo – senhora – amiga - caríssimo - meu irmão – mano(a) –  
senhorita - *brother* - irmão – colega – cara – amigo – galera – caríssimos

Figura 2- Carinho



Fonte: <https://tenor.com/view/snoopy-charlie-brown-gif-8753993>

Figura 3- Bate-papo



Fonte: <http://piadasfantasticas.blogspot.com/2012/04/no-lar-para-idosos.html>

---

---

---

---

---

---

---

---



---

---

---

---

---

---

---

---

Figura 4 – Encontro



Fonte: <https://laparola.com.br/mesa-de-bar>

---



---



---



---



---



---

### EXERCÍCIO 03

Nível: B1.

Objetivos: Identificar o contexto e o assunto da conversa encenada; identificar as palavras que exercem função de vocativo; compreender a adequação ou não do uso dos vocativos no contexto.

Dica para o professor: Ao tratar da adequação do uso do substantivo “garota” como vocativo, o professor poderá abordar a preferência do brasileiro em trazer a Casa para a Rua. Atentando para o fato de haver exagero na encenação em função de seu o tom de humor, o professor poderá informar ao aluno que, na cultura brasileira, é comum aceitar que ocorram conversas pessoais no local de trabalho e que, nesse momento, há uma tendência em usar vocativos que indiquem maior informalidade e proximidade entre os participantes da conversa.

Enunciado: Assista ao vídeo “Não soube?” e responda às questões abaixo:

Figura 5- Não soube?



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=NKmXNe-hdug>



- a- Quem participa da conversa?
- b- Onde se passa a conversa?
- c- Qual o assunto?
- d- Quais são as palavras usadas pelas pessoas para se dirigirem uma à outra?
- e- Em seu país, você usaria palavras mais formais ou mais informais para se referir a uma colega de trabalho em uma situação como a do vídeo?
- f- Agora construa uma pequena história que represente uma situação descontraída em um local de trabalho.

#### EXERCÍCIO 04

Nível: B2

Objetivos: Reconhecer que o uso do vocativo “amor” é motivado em função da situação comunicativa; dar continuidade oral ao texto do cartum, utilizando vocativos que mantenham a harmonia da interação adequados aos atos de fala proferidos ao longo do texto.

Enunciado: Observe, no cartum, a palavra que o marido usa para chamar sua esposa.

Figura 6- Relacionamento



Fonte: <https://www.facebook.com/mulher30/photos/%C3%A0s-vezes-tudo-que-uma-pessoa-precisa-%C3%A9-de-um-pouco-de-comida-/1972315949511275/>

- a- Por que você acha que o marido se dirigiu à esposa como fez?

- b- Quais seriam as palavras equivalentes em português, se houver, mais comumente usadas em seu país para se referir às esposas em situações parecidas com a do cartum acima?
- c- Agora, escolha um colega de turma e continue o diálogo do cartum oralmente. As personagens devem escolher palavras ou expressões para se referirem uma a outra de acordo com a situação apresentada.

## EXERCÍCIO 05

Nível: B1/B2.

Objetivo: Construir, em grupo, um texto oral interativo usando formas de tratamento capazes de manter a interação em harmonia, levando em conta o contexto apresentado na imagem.

Dica para o professor: A depender do nível da turma, o texto poderá ser produzido primeiro de forma escrita e depois encenado ou poderá ser produzido de forma improvisada enquanto encenam.

Enunciado: Construa um diálogo com seus colegas a partir do quadro abaixo, usando palavras ou expressões adequadas ao contexto da imagem e depois encene-o para a turma.

Figura 7- Passeio



Fonte: <https://www.facebook.com/mulher30/photos/a.612803032129247/2730152187060977/?type=3&theater>

## EXERCÍCIO 06

Nível: C1

Objetivo: Reconhecer que, na cultura brasileira, um vocativo formado por insulto pode ser ofensivo ou amigável; reconhecer o “insulto carinhoso” como um uso característico de interações amigáveis informais entre homens brasileiros; produzir textos usando vocativos construídos por “insulto carinhoso” e por insulto ofensivo.

Enunciado: Leia o texto abaixo que trata de diferentes formas de cumprimentos e responda às perguntas:

### **Beijos e abraços**

Luis Fernando Verissimo

Os franceses se beijam, e não apenas quando estão se condecorando. Mas dois franceses só chegam ao ponto de se beijar no fim de um longo processo de desinformalização do seu relacionamento, que começa quando um propõe ao outro que abandone o “Vous”, e eles passem a se tratar por “tu”, geralmente depois de se conhecer por alguns anos. Não sei se existe um prazo certo para o “Vous” dar lugar ao “tu”, mas é um passo importante, e até ele ser dado o cumprimento entre os dois jamais passará de um seco aperto de mão.

Os russos se beijam com qualquer pretexto e dizem que a progressão, lá, não é do aperto de mão para o abraço e o beijo, mas de beijos protocolares para beijos cada vez mais longos e estalados. Na Itália, os homens andam de braços dados na rua, sem que isso indique que são noivos, e o beijo entre amigos também é comum. Os anglo-saxões são mais comedidos e mesmo os americanos, que são ingleses sem barbatana, reagem quando você, esquecendo onde está, ameaça abraçá-los. Ninguém é mais informal que um americano, ninguém mais antifrancês na velocidade com que chega à etapa equivalente ao “tu” sem nenhum ritual intermediário, mas a informalidade não se estende à demonstração física. Até aquele nosso hábito de bater no braço do outro quando se aperta a mão, aquela amostra grátis de abraço, eles estranham.

Já nós somos da terra do abraço, mas também temos nossas hesitações afetivas. O brasileiro é expansivo, mas tem, ao mesmo tempo, um certo pudor dos seus sentimentos. O meio-termo encontrado é o insulto carinhoso.

Não sei se é uma característica exclusivamente brasileira, mas é uma instituição nacional.

- Seu filho da mãe!

- Seu cafajeste!

São dois amigos que se encontram.

- Não. Só me faltava encontrar você. Estragou o meu dia.

- Este lugar já foi mais bem frequentado...

Depois dos insultos, se abraçam com fúria. Os sonoros tapas nas costas, outra instituição brasileira, chegam ao limite entre a cordialidade e a costela partida.

Eles se adoram, mas ninguém se engane. É amor de homem. Quanto maior a amizade, maior a agressão. E você pode ter certeza de que dois brasileiros são íntimos quando põe a mãe no meio. A mãe é o último tabu brasileiro. Você só insulta a mãe do seu melhor amigo.

- Sua mãe continua na zona?
- Aprendendo com a sua.
- Dá cá um abraço! E lá vêm os tapas.

Um estrangeiro despreparado pode levar alguns sustos antes de se acostumar com a nossa selvageria amorosa.

- Crápula!
- Vigarista!
- Farsante!
- *My God!* Eles vão se matar!

Não se matam. Se abraçam, às gargalhadas. Talvez ensaiem alguns socos no braço ou simulem diretos no queixo. Mas são amigos. Depois de algum tempo o estrangeiro se acostuma com cenas como esta. Até acha graça.

- Olha aqueles dois se batendo. Até parece briga. Um está batendo na cara do outro. Devem ser muito amigos. Agora trocam pontapés. É enternecedor. Agora um pega uma pedra no chão e ... Acho que é briga mesmo!

Às vezes é briga mesmo.

Fonte: <https://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,beijos-e-abracos,70002883603>

#### Perguntas:

- a- Luis Fernando Verissimo inicia sua crônica abordando diferentes cumprimentos próprios de algumas culturas até chegar ao comportamento informal comum entre homens brasileiros que se consideram amigos, que é o insulto carinhoso. Quais os exemplos de insultos carinhosos usados no texto como forma de se dirigir diretamente à pessoa com quem se fala?
- b- Em sua opinião, em quais situações comunicativas esses insultos carinhosos apresentados no texto poderiam significar ofensas na cultura brasileira?
- c- Em sua cultura, há alguma forma de insulto usado para expressar amizade? Quais? Em que situações comunicativas elas podem ser usadas?
- d- Escolha dois insultos carinhosos usados no texto acima para se referir a um amigo e produza um texto usando-os em diálogos.

- e- Use os dois insultos escolhidos na questão anterior, agora, em diálogos que os tornem ofensivos na hora de se referir ao outro.

## CONCLUSÃO

Buscando contribuir com o ensino de PLN, a presente pesquisa dedicou-se a observar usos orais informais de vocativos em falas representativas de brasileiros, por ser um elemento linguístico com presença significativa em suas interações comunicativas.

Para tanto, buscou-se, no primeiro capítulo, realizar um levantamento de descrições sobre vocativo em gramáticas de PLM e PLN ao longo do tempo, assim como em teses e dissertações que se dedicaram ao assunto, visando a levantar possíveis lacunas que podem demandar aprofundamento sobre o tema, principalmente ao que se refere ao ensino de PLN.

Percebeu-se que o estudo sobre o vocativo apresentado nas gramáticas é breve e não traz para o aprendiz de PLN dados suficientes para que possa utilizá-lo de maneira mais próxima da interação natural do falante nativo. Afinal, as interações comunicativas corriqueiras no Brasil não se realizam apenas de acordo com a norma linguística padrão, mas também por formas que não são previstas nas gramáticas.

Em seguida, apresentaram-se as contribuições teóricas da Antropologia Social a respeito do conceito de Cultura e de Interculturalismo, da abordagem funcionalista da linguagem, da Teoria dos Atos de Fala e do ensino de PLM e PLN. Tais contribuições colaboram para o entendimento de que o uso de vocativo em um ato de fala (AUSTIN, 1986) é influenciado pela cultura subjetiva (BENNETT, 1998) em que está inserido, ou seja, que crenças, hábitos e valores culturais interferem em sua escolha e em seus usos.

Dessa forma, verificou-se a necessidade de o aluno de PLN ter acesso a dados culturais brasileiros implícitos na construção da linguagem para que seja capaz de fazer uso apropriado de vocativos e, assim, desenvolver sua competência comunicativa. A começar pela informação de que falantes nativos escolhem vocativos capazes de contribuir com a efetivação do ato de fala que proferem, considerando que seus enunciatários compartilham os conhecimentos culturais necessários para o entendimento de seus usos. Quando esse compartilhamento não ocorre, pode haver dificuldade de compreensão ou até mesmo provocar um mal entendido.

Chamar o enunciatário de “meu irmão”, por exemplo, pode parecer um grande engano para aquele que não possui o conhecimento de que a cultura brasileira é multiativa (LEWIS, 2003) – que costuma utilizar a capacidade de persuasão em suas interações

comunicativas, que são mais estreitas e emocionais – e que deposita na família grande grau de confiança (ALMEIDA, 2015).

Munido de tais dados, o enunciatário tem condição de realizar inferências que o levem a perceber ou a se aproximar da percepção de que o ato de chamá-lo dessa forma pode indicar uma tentativa de aproximação, podendo querer dizer, de maneira indireta: “Tenho consideração e afeto por você” ou “Sei que posso contar com você como posso contar com um irmão” ou ainda “Nossa parceria continua firme”.

A fim de melhor compreender os usos de vocativos que abrangessem diferentes situações comunicativas em conversações orais informais na fala do brasileiro, buscou-se um material que representasse com bastante propriedade a fala cotidiana da cultura brasileira. Optou-se por adotar como *corpus* as conversações obtidas a partir de oito vídeos do canal “Porta dos Fundos”. Foram escolhidos tais vídeos porque a linguagem utilizada, embora seja mais representativa da fala do Estado do Rio de Janeiro, possui ampla aceitação em todo o Brasil, sendo representativa de sua cultura.

A partir dos dados levantados, pretendeu-se buscar, sempre que possível, generalizações nas descrições do uso de vocativos que pudessem ser úteis para o ensino de PLN, pois considera-se que cada região opta por palavras que lhe sejam mais significativas para ocuparem essa função. É, por exemplo, o que ocorre com vocativos que se prestam a representar proximidade por grau de parentesco, que no Rio de Janeiro é comum serem expressos por “Meu irmão”; em São Paulo por “Mano” e na Bahia por “Painho”.

Com base nas análises realizadas do *corpus*, pôde-se verificar a ocorrência significativa do vocativo em falas representativas de interações interpessoais orais do brasileiro, visto que em um total de 21 minutos e 50 segundos de cenas dialógicas foram encontrados 119 vocativos. Essa expressiva incidência aponta para o reconhecimento de que o falante faz uso de vocativos em suas interações por reconhecer, ainda que intuitivamente, sua contribuição para o sucesso da comunicação.

Mesmo em interações comunicativas realizadas entre apenas duas pessoas, nas quais o vocativo poderia ser de baixa incidência ou até mesmo não ser utilizado – pois, havendo apenas dois enunciatários, torna-se óbvio com quem se fala – houve ocorrência significativa, o que indica que sua função não se restringe apenas a chamar, nomear ou indicar com quem se fala.

Ao separar os vocativos encontrados no *corpus* pelos conceitos de Casa e de Rua da cultura brasileira propostos por DaMatta (1986), foi possível perceber que se mostraram

capazes de indicar ao enunciatário em que espaço simbólico o enunciador pretende estabelecer a relação comunicativa.

O reconhecimento da intenção do enunciador possibilita ao enunciatário ajustar sua forma de interação, adequando suas escolhas linguísticas para aceitar ou recusar o espaço simbólico requerido por aquele.

Quando o enunciatário acolhe a proposta do enunciador de manutenção da interação no espaço simbólico Casa, por exemplo, tende também a usar vocativos compatíveis com este universo. Contudo, caso não concorde com o propósito de ambientação do enunciador, pode, de maneira sutil, passar a usar vocativos que apontem para o espaço simbólico no qual pretende manter a relação (no caso, a Rua), indicar diretamente o tratamento que deseja receber ou repudiar claramente o tratamento recebido, como se pode observar na conversação do vídeo “Reagindo ao assalto”:

Assaltante – (R6) Caralho! Tá maluco, **meu irmão?** Porra! Tu tem...

Homem – "Meu irmão" não, porque eu não tenho irmão vagabundo. Não tenho irmão bandido. Tá certo?

Notou-se ainda que, em situações comunicativas em que esses espaços simbólicos se mesclam, também se mesclam os usos dos vocativos, acompanhando o espaço em questão.

Outra observação foi de que a preferência do brasileiro pelo espaço simbólico Casa apontada por DaMatta (1986) é perceptível nos usos de vocativos, que acabam sendo levados à Rua como estratégia de estabelecimento de interações mais amistosas.

Verificaram-se os elementos linguísticos em função de vocativo em atos de fala da Casa e também da Rua, constando-se que os da Casa foram de: primeiro nome, grau de parentesco, afetividade, amizade, apelido, diminutivo, compadrio, substantivos “cara” e “gente”, havendo ainda uma ocorrência de interjeição e uma de insulto amigável. Já os vocativos que figuraram no espaço Rua foram: de igualdade hierárquica dos enunciatários (primeiro nome, cara, gente, companheiro); de superioridade hierárquica do enunciatário (chefe, senhor); de inferioridade hierárquica do enunciatário (insulto ofensivo) e generalizante (próximo).

Foram reconhecidos vocativos que estiveram presentes nos dois espaços (de primeiro nome, cara, gente, amigo e meu irmão), o que aponta para uma mistura dos espaços na tentativa de trazer a informalidade da Casa para Rua ou para um assentamento desses elementos como comuns aos dois espaços simbólicos.



Apesar de não terem sido encontrados no *corpus*, é comum encontrar usos de aumentativos para expressar depreciação, como indicam Cunha & Cintra (1985) e Bechara (2009), mas também expressando afetividade e apreciação em vocativos (como mulherão, paizão, queridona, bonitão...), embora essas possibilidades não estejam necessariamente descritas nas gramáticas.

O vocativo se revelou um elemento linguístico multifuncional, capaz de exercer diferentes outras funções além de chamar, indicar com quem se fala, declarar a ideia do enunciatário, nomear ou conferir tratamento, como postulam as gramáticas tradicionais. Foi possível perceber que o vocativo cumpre também as funções de aproximar, de trazer o enunciatário à razão do enunciador, de provocar, de expressar emoção, de estabelecer primeiro contato, de estabelecer nível de hierarquia, de estabelecer nível de afetividade, de manter harmonia da interação, apelar ao “outro mundo” e de generalizar o enunciatário.

Ao exercer uma ou mais de suas possíveis funções, o vocativo se apresenta como um recurso linguístico capaz de colaborar com os atos de fala diretos e indiretos nos quais está inserido, indicando que a escolha em usá-lo não é aleatória, é intencional, embora possa ocorrer sem que haja consciência do falante.

No entanto, quando figura isolado, sem que haja qualquer relação semântica com oração adjacente, o vocativo constitui-se um ato de fala, conforme foram vistos em cumprimentos e em chamamentos.

No que se refere a classes de palavras, foram encontrados no *corpus* substantivos e pronomes, como postulam as gramáticas normativas e descritivas observadas nesta pesquisa. Mas também foi encontrada uma ocorrência de interjeição se prestando a exercer sozinha a função de vocativo – que é recorrentemente lembrada pelos estudiosos apenas como precedente de vocativos – em:

(G1) **Ô, ô, ô, ô**, vai ter revanche isso aí, hein!;

Lembrando Azeredo (2012, p. 76), que afirma haver possibilidade de o vocativo cristalizar-se em interjeição, é importante ressaltar a oscilação da função de “cara”, que ora comporta-se como um vocativo (quando há um enunciatário físico) estabelecendo igualdade de hierarquia, ora como uma interjeição sem função vocativa, quando não há um enunciatário físico (conforme início da análise da subseção 4.1.1), e ora acumulando essas duas funções quando se dirige diretamente a um enunciatário de modo a expressar uma emoção (espanto ou surpresa). Essa última situação parece pertencer a um estágio

intermediário de um caminho do vocativo rumo à cristalização como uma interjeição, embora não se possa afirmar sua progressão futura.

Dessa forma, os vocativos podem carregar força expressiva de admiração ou reclamação, como se pôde verificar nos exemplos:

(2B) *Como é que acabou de começar, cara?!*

(8V) *Caralho, Jorginho, nem sabia que tu trabalhava com essas porras. Tu é técnico de futebol, é?*

e podem flutuar entre vocativo e interjeição, como em:

(1P) *Eita! Cara, que isso?*

(17P) *Entendi. Cara, eu vou ter que ir no banheiro mesmo.*

Foi possível, por fim, ao observar as diferentes posições que os vocativos ocuparam nos atos de fala nos quais estavam inseridos ou quando constituindo o próprio ato de fala, apontar a preferência de seu uso em posição final.

Não se reconheceu qualquer tendência de força expressiva negativa ou positiva em relação à posição que o vocativo ocupa no ato de fala, visto que houve equilíbrio em seus usos.

Elaboraram-se sugestões de estratégias pedagógicas a respeito de usos de vocativo aplicáveis ao ensino de PLNМ com vistas ao desenvolvimento da competência comunicativa e intercultural do aluno. Para tal realização, assumiu-se como perspectiva teórico-metodológica a abordagem comunicativa de ensino de língua. Foram selecionadas as funções de estabelecer primeiro contato, manter a harmonia da interação e de provocar de forma amigável, exercidas por vocativos inseridos em atos de fala de chamar e cumprimentar.

A intenção do capítulo foi contribuir com professores de PLNМ para que possam inseri-las em suas práticas pedagógicas ou para que lhes sirvam de base para elaborar outras propostas de atividades, de acordo com o tema da aula e o nível de aprendizagem de seus alunos.

Esta tese pretendeu fornecer descrições a respeito do vocativo que contribuam com o ensino de PLNМ e espera-se que possa também servir de inspiração para novas pesquisas a seu respeito, visto que ainda há muito o que se investigar acerca de seu funcionamento em língua portuguesa do Brasil e que sua descrição não se esgota aqui.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A.C. *A cabeça do brasileiro*. Rio de Janeiro: Record, 2015.

ALMEIDA FILHO, J. C. P. Ensino de português língua estrangeira/EPL: a emergência de uma especialidade no Brasil. *In*: LOBO, T.; CARNEIRO, Z.; SOLEDADE, J.; ALMEIDA, A.; RIBEIRO, S. (org.). *Rosae: Linguística histórica, história das línguas e outras histórias* [online]. Salvador: EDUFBA, 2012. p. 723-728. ISBN 978-85-232-1230-8.

ALMEIDA FILHO, J. C. P. *Dimensões comunicativas no ensino de línguas*. 3. ed. Campinas. Pontes Editores, 2002.

ALMEIDA FILHO, J. C. P.; LOMBELLO, L. Ç. (org.). *O ensino de português para estrangeiros: pressupostos para o planejamento de cursos e elaboração de materiais*. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 1997.

ALMEIDA, N. M. *Gramática latina: curso único e completo*. 29. ed. São Paulo: Saraiva, 2000.

AUSTIN, J. L. *How to do things with words*. Oxford, England: Oxford University Press, 1962.

AZEREDO, J. C. *Gramática houaiss da língua portuguesa*. 2. ed. São Paulo: Publifolha, 2012.

BARBOSA, J. S. *Grammatica philosophica da lingua portugueza ou principios de grammatica geral applicados à nossa linguagem*. Lisboa: Academia Real das Sciencias, 1822. v. XIV, 466 p.

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2009.

BENNETT, M. J. Intercultural communication: a current perspective. *In: Basic concepts of intercultural communication*. Yarmouth: Intercultural Press, 1998. p.1-34.

BENNETT, M. J. *Interculturalidade. Você sabe o que é?* (2011). Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI250960-15228,00-INTERCULTURALIDADE+VOCE+SABE+O+QUE+E.html>. Acesso em: 24 fev. 2019.

CAPELLA, D. C. *Um estudo descritivo do vocativo em linguagem oral para Português L2*. 2009. 65 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

CAVALCANTE, M. C. B. *Glossário ceale*. Disponível em: <http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/situacao-comunicativa>. ISBN: 978-85-8007-079-8. Acesso em: 26 mar. 2019.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A.; DA SILVA, R.. *Metodologia científica*. 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

CONSELHO DA EUROPA. *Quadro comum europeu de referência para as línguas: aprendizagem, ensino, avaliação*. Edição portuguesa. Porto: Edições Asa, 2001. Disponível em: [http://area.dge.mec.pt/gramatica/Quadro\\_Europeu\\_total.pdf](http://area.dge.mec.pt/gramatica/Quadro_Europeu_total.pdf). Acesso em: 26 fev. 2020.

CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DAMATTA, R. *O que faz o Brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

DAMATTA, R. *A casa e a rua: espaço, cidadania mulher e morte no Brasil*. 5. ed. Rio de Janeiro, Rocco, 1991.

DAMATTA, R. *Conta de mentiroso: sete ensaios de antropologia brasileira*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

EXÉRCITO BRASILEIRO. *Você que completa 18 anos até 31 de dezembro, aliste-se na Junta de Serviço Militar mais próxima*. 21 de março de 2014. Facebook: EXÉRCITO BRASILEIRO. Disponível em: <https://pt-br.facebook.com/exercito/photos/você-que-completa-18-anos-até-31-de-dezembro-aliste-se-na-junta-de-serviço-milit/844749535551976/>. Acesso em: 29 set. 2019.

FLANZER, V. Clicabrasil: uma proposta para o ensino de português como língua estrangeira (PLE) e cultura brasileira. In: RIBEIRO, A. A. (org.). *Ensino de Português do Brasil para Estrangeiros: internacionalização, contextos e práticas*. Rio de Janeiro: Epublik, 2016.

FRIES, S. *Cultural, multicultural, cross-cultural, intercultural: A moderator's proposal* (2006). Disponível em: [https://www.tesol-france.org/uploaded\\_files/files/susan-fries.pdf](https://www.tesol-france.org/uploaded_files/files/susan-fries.pdf). Acesso: 18 out. 2018.

GRICE, H. Paul. Lógica e conversação. In: DASCAL, Macedo (org.). *Pragmática: problemas, críticas, perspectivas da linguística - biografia*. Tradução de João Vanderlei Geraldi. Campinas: Unicampi, 1982. (Coleção Fundamentos Metodológicos da Linguística; 4).

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades, *Revista de Administração de Empresas*, v. 35, n. 2, p. 57–63, mar./abr. 1995a. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rae/v35n2/a08v35n2.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2019.

GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa – tipos fundamentais. *Revista de Administração de Empresas*, v. 35, n. 3, p. 20-29, maio/jun. 1995b.

HUTCHINSON, A.P e LLOYD, J. *Portuguese: an essential grammar*. London: Routledge, 1996.

KRAMSCH, C. *Culture in foreign language teaching*. *Bakhtiniana, Rev. Estud. Discurso* [online], v.12, n.3, p.134-152, 2017.

KURY, A. G. *Gramática fundamental da língua portuguesa*. São Paulo: Livros Irradiantes, 1972.

- LAGO, M. M. C. *Aspectos da enunciação em letras de sambas e marchas da década de trinta*. 1994 152 f. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.
- LARAIA, R. B. *Cultura: um contexto antropológico*. 18. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 2005.
- LEWIS, R.D. *When cultures collide*. London: Nicholas Breakey Publishing, 2003.
- LIMA, R. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1974.
- MACAMBIRA, J. R. *A estrutura morfo-sintática do Português: aplicação do estruturalismo linguístico*. 5. ed. São Paulo: Pioneira, 1987.
- MACIEL, M. A. *Grammatica descriptiva baseada nas doutrinas modernas*. 3. ed. H. Garnier Livreiro – Editor: Rio de Janeiro, 1902.
- MARCUSHI, L. A. S. *Análise da conversação*. São Paulo: Ática; 1986.
- MARTINS, N. S. *Introdução à estilística: a expressividade da língua portuguesa*. 4. ed. rev. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, 2008.
- MELO, G. C. *Novo manual de análise sintática: racional e simplificada* Rio de Janeiro: Acadêmica, 1971.
- MEYER, R. M. B. Aspectos semântico-discursivos do português como língua estrangeira. In: REUNIÃO ANUAL DA SBPC, 1998, Natal. *Anais da 50 Reunião Anual da SBPC*, Natal: ABRALIN, 1998.
- MEYER, R. M. B. Estudos em PL2E no Brasil: Trajetórias e tendências. In: RIBEIRO, A. A. (org.). *Ensino de português do Brasil para estrangeiros: internacionalização, contextos e práticas*. Rio de Janeiro: Epublik, 2016.
- MINAYO, M. C. S. (org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- MOITA LOPES, L. P. Pesquisa interpretativista em lingüística aplicada: a linguagem como condição e solução. *D.E.L.T.A.*, v. 10, n. 2, p. 329-338, 1994.
- MORAES, A. J. M. *Grammatica da lingua portugueza ensinada por meios de quadros analíticos*. Methodo facilimo para se aprender a lingua. Typographia Nacional: Rio e Janeiro, 1869.
- MOREIRA, J. C. *O vocativo no português brasileiro nos séculos XIX e XX: um estudo de mudança lingüística*. 2008 110 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

- MOREIRA, J. C. *O vocativo e a interface sintaxe-pragmática no português brasileiro*. 2013 155 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.
- NASCIMENTO, A. F. *Análise prosódica do vocativo na fala de crianças: uma abordagem fonética*. 2000 127 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2000.
- NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: UNESP, 2000.
- NEVES, M. H. M. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- NEVES, M. H. M. Uma visão geral da gramática funcional. *Alfa*, São Paulo, v. 38, p. 109-127, 1994. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3959>. Acesso em: 31 jan. 2019.
- NEVES, M. H. M. Linguística funcional: princípios, temas, objetos e conexões. *Revista eletrônica Guavira Letras*, n. 13, 2011. Disponível em: <http://marcacini.com.br/seer/index.php/guavira/article/view/181/158>. Acesso em: 03 mar. 2019.
- PARANHOS, M. L.; DAMAZIO, V.; MEYER, R. M. *Welcome to PUC-Rio!:* um estudo sobre alunos internacionais e interação cultural sob a perspectiva do Design . Rio de Janeiro, 2011. 131p. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Artes & Design, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.
- PERINI, M. A. *Sofrendo a gramática: ensaios sobre a linguagem*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1997.
- PERINI, M. A. *Modern portuguese: a reference grammar*. Yale University Press, 2002.
- PERINI, M. A. *Gramática descritiva do português*. 4. ed. Ática São Paulo. 2005.
- PETERSON, B. (2004). *Cultural intelligence: A guide to working with people from other cultures*. Yarmouth, USA, London, UK: Intercultural Press.
- PEREIRA, E. C. *Grammatica expositiva*. São Paulo: Weiszflog Irmãos, 1907. 364p. Exemplar nº 0641.
- PRETI, D. A oralidade na escrita: o diálogo de ficção. In: PRETI, Dino. *Estudos de língua oral e escrita*. Rio de Janeiro. Lucerna, 2004. p. 117-215.
- POSSENTI, S. *Os humores da língua: análises linguísticas de piadas*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2002.
- PORTA DOS FUNDOS. Disponível em: <http://www.portadosfundos.com.br/sobre/>. Acesso em: 28 mar. 2019.
- REBELLO, A. *Interjeição: um fator de identidade cultural*. Jundiaí: Paco Editorial, 2016.

- RIBEIRO, João. *Grammatica portugueza: curso superior*. 22. edição inteiramente refundida. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1933. 499 p. (contém Notas Finaes).
- RIBEIRO, Júlio. *Grammatica portugueza*. 2. ed. refundida e muito augmentada. São Paulo: Teixeira & Irmão, Editores, 1885.
- RODRIGUES, C. R. “*Seu insensível!*”, “*Nossa, meu anjo...*”: descrição de possessivos sem valor de posse, em estruturas vocativas, não previstos em manuais de ensino de PL2E. 2013 145 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.
- SANTOS, S. J. B. *Integração do vocativo numa sintaxe de base enunciativa*. 01/03/2004 105 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2004.
- SEARLE, John R. *Expressão e significado: estudos da teoria dos atos de fala*. Tradução de Ana Cecília G. A. de Camargo e Ana Luiza Marcondes Garcia. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- SONNENHAUSER, B.; HANNA, P. N. A. Introducion: Vocative! In: SONNENHAUSER, B.; HANNA, P. N. A (ed.). *Vocative! Addressing between system and performance* (= Trends in Linguistics. Studies and Monographs 261). Berlin: De Gruyter Mouton, 2013. p. 1-23.
- TEIXEIRA, E. F. *O vocativo “Nem” no imaginário linguístico brasileiro*. 2013 96 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.
- WHITLAM, J. *Modern brazilian portuguese grammar: a practical guide*. New York: Routledge, 2011.
- YAMAMURA, C. B. *O discurso irônico no Romance d’A pedra do reino e o príncipe do sangue do vai-e-volta*. 2014. 118 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Cruzeiro do Sul, São Paulo, 2014.

## ANEXOS

Transcrição do *corpus*

Os diálogos transcritos são oriundos dos episódios do canal Porta dos Fundos, disponível em <https://www.youtube.com/portadosfundos>, e estão apresentados conforme a ordem de análise.

ANEXO A – Plantas de apartamento                      1'56''                      19.01.2019

Caio – *Eita! Cara, que isso? (Em voz bem baixa)*

**Ô, Rita! Ritaa!**

Rita – **Amor**, eu tô aqui. Tô atrás da jaqueira.

Caio – *Jaqueira?*

Rita – *Pega o facão aí na porta. Você vai ver.*

Caio – *Ai, meu Deus! (Em voz bem baixa)*

**Ô, Ritaa!** *Eu tô perdido aqui! Que porra é essa, Rita?*

**Ô, meu amor!** *O que que aconteceu aqui na nossa casa, amor?*

Rita – *Oi, amor! Que saudade!*

Caio – *Saudade também, meu amor. Mas o que que aconteceu com a nossa casa? Isso aqui tá parecendo uma floresta.*

Rita – *Ah! Tá na moda ter planta em apartamento, amor!*

Caio – *Tá bom, Rita. Uma planta, duas plantas, é até bonito. Mas olha só, isso aqui é árvore! Isso aqui virou uma selva, amor!*

Rita – *Você acha que eu exagerei?*

Caio – *Muito!*

Rita – *É, realmente, eu não vou no banheiro há algumas semanas por causa dos macacos.*

Caio – *Macaco?*

Rita – *É. Eu trouxe o primeiro para alimentar cobra.*

Caio – *Caralho! Tem cobra aqui agora?*

Rita – *Sim. Foi o jeito de expulsar a onça.*

Caio – *Tu expulsou a onça pelo menos?*

Rita – *Então, não sei... Eu nunca mais vi.*

Caio – *Caralho, Rita, vamos embora daqui agora!*

Rita – *Não vai dar, amor. Não vai dar! A "Vogue Casa" está vindo aqui fotografar, entendeu?*



Caio – *Ai, meu Deus! Você tá de sacanagem, não é, meu amor? Tô precisando ir no banheiro aqui.*

Rita – *Ué, tenta. Ali tem a Reserva dos Caiapós...*

Caio – *Oi?*

Rita – *Os índios que estão reivindicando ali a área do corredor. Entendeu? Negócio chiquérrimo!*

Caio – *Amor, você não está entendendo. Eu estou muito apertado. Porra!*

Rita – *Então vai! Vai, Caio! Você atravessa ali, vai ter a Letícia Sabatella e você vira à direita!*

Caio – *Letícia Sabatella?*

Rita – *Sim. Ela tá ali pra defender os índios da galera do agronegócio.*

Caio – *Agronegócio, amor? Pô, isso aqui é um apartamento.*

Rita – *Toda casa que se preze tem briga de índio com madeira.*

Caio – *Entendi. Cara, eu vou ter que ir no banheiro mesmo.*

Rita – *Tá bom. Boa sorte!*

Caio – *Obrigado.*

Rita – *E não corta os meus cipós, hein. Eles foram caríssimos.*

Caio – *Caralho!*

Casal observa a casa destruída.

Caio – *Caralho...*

Rita – *Ai! Meu Deus do Céu! Tá feliz? Era isso que você queria?*

Caio – *Pô, também não precisava queimar essa porra também, né, amor?*

Rita – *Ué, foi você que ligou pra bancada ruralista!*

Caio – *Ih... Eles deixaram uma vaca aí?*

Rita – *Acho que sim, né?*

ANEXO B – Vascão

1'55''

25.04.2019

Dois amigos se encontram na rua.

Jorginho – *Ih!*

Maurício – *Ih, caralho!*

Jorginho – *Tá de sacanagem!*

Aperto de mão seguido de abraços enquanto se falam.

Maurício – ***Jorginho Catuaba!***

Jorginho – ***Maurício!***

Maurício – *Como é que tu está, meu irmão?*

Jorginho – *Estou bem! E você, meu brother?*

Maurício – *Fazendo o quê aqui, meu irmão?*

Jorginho – *Eu vim de férias! Rio de Janeiro, aí, dez dias de férias.*

Maurício – *Ô, que maravilha, hein? Vai fazer o que aí?*

Jorginho – *Vou ser técnico do Vasco, cara.*

Maurício – *Va... Vasco, tu diz o quê? O time do Vasco? Vasco?*

Jorginho – *Time do Vasco! Vascão, "Vasco da Gama, sua fama assim se fez..."*

*Fazer essas coisas bem turísticas, mesmo, entendeu? Já fiz o Pão de Açúcar, Corcovado, agora vou assumir o comando, aí, pra ver como é que é.*

Maurício – *Mas pode fazer isso, mano?*

Jorginho – *Então, eu estava em dúvida entre o Vasco e o Botafogo. Mas, como minha bisa é portuguesa, eu falei: "Caramba..."*

Maurício – *Dona Laurinha.*

Jorginho – *Dona Laurinha. Já estou em casa já. Aí eu fui e peguei o Vasco, entendeu?*

Maurício – *Caralho, Jorginho, nem sabia que tu trabalhava com essas porras. Tu é técnico de futebol, é?*

Jorginho – *Não, porra! Não precisa não, caralho! Pré-requisito: ser um ser humano, primeira coisa. Segunda: ter já assistido um jogo de futebol na minha vida. Eu assisti, já, já assisti. E o terceiro: No terceiro jogo você pede pra sair. Você afasta, porque está tendo um rodízio muito forte lá. Que é o que eu vou fazer.*

Maurício – *Caralho, estava sabendo dessa porra, não...*

Jorginho – *Aliás, eu estou indo pra São Januário agora. Falam que é lindo, irmão!*

Maurício – *Ô, Jorginho, vem cá. Tu sabe a escalação do Vasco, pelo menos, pra ser técnico do time?*

Jorginho – *Você é vascaíno. Tu conhece o time do Vasco, por acaso?*

Pequena pausa.

Maurício – *Porra, vai lá, irmão. Boa sorte aí pra tu. (Aperto de mãos)*

Jorginho – *Obrigado. Aliás, estou para buscar agora o empate nesse jogo fora, agora.*

Maurício – *Um pontinho a gente garante.*

Jorginho – *Pontinho, pontinho.*

Maurício – *É isso aí, meu compadre.*

Jorginho – *Ó, fica triste, não, que final do mês eu estou aí de novo, no Rio de Janeiro, porra.*

Maurício – *Ô, que maravilha. Vem a que, a trabalho?*

Jorginho – *Não, turismo. Secretário do Crivella. (Riso)*

...

Jorginho fazendo coletiva de imprensa.

Jorginho – *E o Rio de Janeiro continua lindo! Rio de Janeiro, Fevereiro e Março, já me falaram que é alô, alô Realengo, aquele abraço!*

*É caipirinha no abacaxi, porra! Tá liberado!*

*Vasco da Gama, assim se fazes, nunca mais serás... Rebaixei todo mundo!*

*Me perdoa, que às vezes por conta da alegria, acabo me excedendo.*

*A minha... A minha intenção como técnico é fazer o quê?*

*Avança pro gol, caralho! É pra chutar!*

*Se for gol, é gol, se não for gol, a porrada estanca!*

*Comigo não tem essa, porra! Criado em Minas Gerais, interior!*

*Alô, Tangamandapio! Aquele abraço!*

ANEXO C – Reagindo ao assalto

4'31''

31.01.2019

Casal conversando em casa, na cama. Chega assaltante.

Homem – *Mas, **amor**, você quer ir pra Grécia de novo?*

Mulher – *Eu quero.*

Homem – *Nem sei se tem mais 1ª classe pra lá. A gente só vai...*

Mulher – *Mas eu gosto de lá.*

Assaltante – *Perdeu! Caralho! Perdeu! Porra, perdeu! Sem gracinha! Perdeu, perdeu!  
Sem gracinha!*

Mulher – *Socorro!*

Assaltante – *Para de gritar, **filha da puta!***

Homem – *Olha só, olha só... Aqui é uma casa de família. Tá certo?*

Assaltante – *Foda-se! Eu vou estourar tua cara, **ô, arrombado!*** (Falando com o homem)

*Pega logo a porra do dólar, euro, o dinheiro... A caralha dos relógios, a porra toda!* (Falando com a mulher)

Homem – *Olha só, **Companheiro**, não é assim que a banda toca agora, tá bem?*

Assaltante – *Foda-se! Não é assim que a banda toca é o caralho! Você passa relógio, você passa o que tiver! Sem gracinha!*

Homem – *O cidadão não tem lido o jornal, não tem visto televisão, internet, não sabe o que está acontecendo no país, não?*

Assaltante – *Que jornal, ô caralho? Tu tá de gracinha comigo, porra!*

Homem – *Acontece que eu tenho uma arma aqui em casa, e aí? Como é que a gente fica?*

Assaltante faz silêncio e, devagar, retira sua touca ninja.

Homem – *Ué, o que foi? Ficou sem palavras? O que aconteceu aí, **ô, Jesus Luz da periferia?** Acabou a valentia toda, me ameaçando? O que aconteceu? Botou o galhinho dentro? Pois é, tem uma arma aqui em casa. E aí?*

Assaltante – *Caralho! Tá maluco, **meu irmão?** Porra! Tu tem...*

Homem – *"Meu irmão" não, porque eu não tenho irmão vagabundo. Não tenho irmão bandido. Tá certo?*

***Ô, Lígia!** Traz a arma pra mim aí, vai!* (Dirigindo-se à mulher)

Mulher – *Onde é que tá a arma?*

Homem – *Tá no cofre!*

Assaltante – *Tem cofre também nessa porra? Tu tem arma e tem cofre?*

Mulher – *Qual cofre?*

Homem – *Do closet!*

Mulher – *Tá, pera aí! Qual é a senha?*

Homem – *Trinta e nove...*

Mulher – *Trinta e nove!*

Homem – *Quarenta e cinco...*

Mulher – *Quarenta e cinco!*

Homem – *Seis.*

Mulher – *Três.*

Homem – *Não, **Lígia**. Seis! Não é três, não. Meia dúzia. Seis! Entendeu?*

Mulher – *Tá! Meia, meia.*

Homem – *Isso! Trinta e nove de novo...*

Mulher – *Trinta e nove de novo! Abriu!*

Homem – *Boa! Traz aqui pra mim, vai.*

Mulher – *As balas estão onde?*

Homem – *As balas tão... Pera aí. As balas estão numa caixinha de papelão dentro da primeira gaveta do armário branco.*

Mulher – *O armário do quarto ou do escritório?*

Homem – *Um dos dois, **Lígia**. Pelo amor de Deus!*

Mulher – ***Amor**, não tô achando!*

Homem – *Ai, **Lígia**, a vergonha que eu tô passando aqui na frente do ladrão! Vai, se não tiver na primeira gaveta, tá na segunda. A Clécia pode ter mudado de lugar na hora de limpar!*

(Dirigindo-se ao ladrão) – *Mulher é foda. Às vezes elas mexem no negócio. Tu deixa tua baguncinha organizada, aí vai, troca... Sabe, né?*

Mulher – *Achei, **amor**!*

Homem – *Boa, **meu amor**! Traz aqui, vai.*

(Dirigindo-se ao ladrão) – *Escada aqui...*

Mulher – *Mas coloca as balas aqui, ó, que eu não sei mexer nesse troço.*

Homem – *Tá, pode deixar.*

Assaltante – *Ô, caralho! Ô, caralho! Ô!*

Homem – *Só um segundo que eu preciso ver como é que destrava isso. Porque eu ainda não tô muito habituado a...*

Assaltante – *Um minutinho porra nenhuma, rapaz! Guarda essa arma, caralho!*

Filha do casal entra no quarto.

Filha – *Ai!*

Mulher – *Júlia, cuidado!*

Homem – *Ô, Lígia, francamente... Você deixa a criança segurar um liquidificador? E descalça ainda por cima?*

Mulher – *Vem cá!*

Homem – *Por isso que eu não deixo as coisas pra você tomar conta. Tá vendo como é que é? Irresponsabilidade! Alguém sabe como é que destrava isso aqui? Será que ele sabe?*

...

Narração de instruções:

*Este foi um vídeo de humor, mas arma é coisa séria. Por isso o Porta dos Fundos traz recomendações e avisos importantes para utilização deste instrumento de defesa:*

*Antes de ligar a arma na tomada, certifique-se de que a tensão elétrica é compatível;*

*verifique se o seletor de velocidade da arma está desligado antes de inseri-la na tomada;*

*não deixe a arma ligada enquanto estiver ausente;*

*nunca use a arma com as mãos molhadas ou pés descalços;*

*esta arma foi projetada e recomendada apenas para uso doméstico;*

*uso comercial, profissional, poderá prejudicar sua segurança pessoal e acarretar em perda de garantia;*

*não encha a arma com líquidos quentes ou alimentos em temperatura superior a 80 graus;*

*mantenha as mãos longe do orifício da arma;*

*a tampa da arma deverá permanecer fechada durante o funcionamento da mesma;*

*não introduza utensílios como facas, colheres, garfos etc. na arma;*

*a arma se destina somente à preparação de bebidas e alimentícios.*

ANEXO D – Virgem

2'59''

18.02.2019

Família (pai, mãe e filho pequeno) no restaurante.

Pai – *E a Lúgia, meu amor? Você tem falado com ela?*

Mãe – *Sumiu. Deve estar ocupada com a reforma do apartamento dela. Até vou ligar pra ela mais tarde.*

Pai – *É.*

Filho – *Mamãe!*

Mãe – *Oi, filho.*

Filho – *O que que é virgem?*

Mãe – *Filho!*

Pai – *Fala, fala.*

Mãe – *Virgem?*

Filho – *É!*

Mãe – *Virgem é... um... signo!*

Filho – *Signo?*

Pai – *Signo, Marta?*

Mãe – *Ué, não é?*

Pai – *Porra, acho que o garoto tá perguntando outra coisa. Né, filho?*

Mãe – *Virgem é... É um tipo de pessoa... pessoa pura também.*

Filho – *Como assim?*

Mãe – *Sabe... Sabe Papai do Céu?*

Filho – *Sei.*

Mãe – *Então, a mãe do Papai do Céu. Ou é a mulher do Papai do Céu? Nunca sei essa merda.*

Pai – *Não tô acreditando nisso, Marta!*

Mãe – *Ué! O quê que você quer que eu fale, Júlio?*

Pai – *Quero que você seja coerente com o garoto pelo menos uma vez na vida, né.*

Mãe – *Eu não tô sendo coerente?*

Pai – *Porra! O garoto pergunta o que que é virgem e você vem falar de porra de signo, de religião, Marta? Cadê a coerência disso?*

Mãe – *Você reparou como você tá sempre me criticando?*

Pai – *Porque você me dá motivo, né, Marta? Deve ser porque eu sou de áries.*

Mãe – *Por que você não pega essa sua inteligência, esse brilhantismo de áries, e explica*

*pro seu filho o que é virgem, **Júlio**?*

Pai – **Meu filho...** *Quando um menino e uma menina vão namorar pela primeira vez, se beijando, o piupiu do menino fica duro.*

Filho – *Pra quê?*

Mãe – *Pra quê, **papai**? Pra quê?*

Pai – *Pra ele entrar dentro da pepeca da menina...*

Filho – *O papai falou pepeca!*

Mãe – *Você é patético, **Júlio**!*

Pai – *Melhor ser patético do que burra.*

Mãe – *Burra?*

Pai – *É, burra! Desonestidade intelectual também é um tipo de burrice, **Marta**!*

Mãe – *Ah! Desonesta? Eu? Ou você? Que passa nota fria pra conseguir desconto no imposto de renda? Nota fria? O quê que é mais desonesto?*

Pai – *Passar nota fria ou dizer que vai casar virgem e já chegar toda arregaçada, desbeijada lá no altar?*

Mãe – *Ai, meu Deus! Nossa, que pecado! Tomara que esse fogo do inferno também sirva pra queimar essas verrugas que volta e meia aparecem na piroca do inteligentão do HPV! Essa fazenda de cogumelo que você cultivava no meio das pernas.*

Pai – *HPV? Tá agora aí querendo mudar de assunto porque você não sabe dizer pra criança o que é ser virgem. \_*

Mãe – *Eu aposto que o garoto viu essa porra nos vídeos que você tem no seu celular! Era de homem com homem, **meu filho**? Porque se depender do ânimo do papai aqui, desse brocha, não tinha mulher nessa porra desse vídeo!*

Pai – *Ele deve ter visto no teu grupo lá com as tuas amigas piranhas lá. Aliás piranha, não, porque elas não têm competência pra isso! Aquele bando de gorda, hipopótoma, não tem a porra de um peru caridoso pra comer aquela xereca gordurosa.*

Mãe – *Sua mãe também tá no grupo!*

*Vem cá, **Rafinha**, me diz uma coisa: onde é que você viu esse negócio de virgem pra perguntar? Foi no celular do putanheiro do seu pai?*

Pai – *Ah, aposto que foi nas fotos de rola da tua mãe, não foi? Fala aí. Foto de rola?*

Mãe – *Olha a baixaria, **Júlio**!*

Filho – *Foi no azeite.*



Entra o garçom.

Garçom – *Boa noite, gente. Já escolheram o pedido?*

Pai – *Eu queria uma grande, meia muçarela, meia calabresa, por favor.*

Garçom – *Meia calabresa, meia muçarela. Azeite?*

Filho – *Eca...*

...

Filho – ***Mamãe!***

Mãe – *Oi.*

Filho – *O que que é Porta dos Fundos?*

Mãe – *Quando duas pessoas se amam muito, elas geralmente entram pela porta da frente. E aí elas buscam inovar entrando pela porta dos fundos, meu filho.*

Filho – *Ah, já descobri. É um canal aqui do YouTube.*

...

Filho – ***Mamãe!***

Mãe – *Oi.*

Filho – *O quê que é ativar o sininho?*

No escritório, chefe e funcionário conversam.

Rogério – *Opa! Dá licença. Tudo bem, chefe?*

Chefe – *Opa!*

Rogério – *Eu já tô de saída agora, queria saber se você quer mais alguma coisa.*

Chefe – *Senta aí, Rogério.*

Rogério – *Eita!*

Chefe – *Então, Rogério, eu sei que é o seu primeiro dia aqui na empresa, mas eu não gostaria que você me chamasse de "você" na empresa, sabe? Acho que é um pouco informal demais... a gente tem uma hierarquia aqui dentro. Então acho melhor a gente mudar isso.*

Rogério – *Desculpa. Vou voltar. É, eu gostaria de saber se o senhor quer mais alguma coisa...*

Chefe – *"Senhor", Rogério? Tá vendo algum senhor aqui? Não. Senhor pra mim tá lá no Céu, pô.*

Rogério – *Com certeza. Gostaria de saber se tu precisas...*

Chefe – *Tu? Não, né?*

Rogério – *Ih, caramba!*

Chefe – *Isso aqui virou baile funk agora? Favela? Presídio? Pra chamar de tu?*

Rogério – *Não.*

Chefe – *É Charqueadas, Rio Grande do Sul, agora? Tu? Tu vais. Tu... Não. Tu, não quero tu, não.*

Rogério – *Perdão, eu não sei como me referir a... Como posso falar? A pessoa que está na minha frente.*

Chefe – *Eu gosto de... segunda pessoa do plural.*

Rogério – *Segunda pessoa do plural! Vós.*

Chefe – *Isso!*

Rogério – *Vamos nessa.*

Chefe – *Pode perguntar, vai.*

Rogério – *Gostaria de saber se vós precisaríades...*

Chefe – *Não.*

Rogério – *Precisiárdes?*

Chefe – *Não.*

Rogério – *Precisardieres?*

Chefe – *Não!*

Rogério – *Caramba, Jeová, me ajuda aqui... Gostaria de saber se vós precírdises...*

Chefe – *Não.*

Rogério – *Preciserdies.*

Chefe – *Não.*

Rogério – *Preciderdines.*

Rogério – *Precisendes.*

Chefe – *Não.*

Rogério – *Precidirnes.*

Chefe – *Não.*

Rogério – *Precisarme.*

Chefe – *Não.*

Rogério – *Precirnas.*

Chefe – *Não.*

Rogério – *Precisardieis. Precér...*

Chefe – *Não.*

Rogério – *Gostaria de saber se vós precisardes.*

Chefe – *Engraçado, é que aqui no seu LinkedIn tá dizendo que você tem português fluente.*

Rogério – *Eu sei, senhor, mas é que as pessoas mentem no currículo, né?*

(Funcionário está trabalhando e chega o chefe.)

Chefe – **Rogério?**

Rogério – *Oi! (susto) Oi, chefe.*

Chefe – *Você me mandaria aquele relatório até o fim da tarde?*

Rogério – *Mandaria. Mandaria.*

Chefe – *O quê?*

Rogério – *O relatório.*

Chefe – *Manda...*

Rogério – *Mandar-lo-ia.*

Chefe – *Pra quem?*

Rogério – *Ai... Vós.*

*Vós mandar-lo-ia. Manda...Mandar-vos-lo-ia.*

Chefe – *Muito bem.*

Rogério – *Mandar-vos-lo-ia?!*

Homem 1 – *E depois me dá teu telefone pra eu te achar. Você tem aí o telefone?*

Homem 2 – *Amigo!* (Falando com Homem 1)

*Desculpa.* (Falando com a mulher)

Homem 1 – *Opa, tava ali desenrolando.*

Homem 2 – *Sabe que horas acaba esse bloco aqui?*

Homem 1 – *Ih, porra, só amanhã, pô. Acabou de começar. Tá maluco?*

Homem 2 – *Como é que acabou de começar, cara?!*

Homem 1 – *Hein?*

Homem 2 – *Como é que acabou... Isso aqui não é o “Amigos da Onça”?*

Homem 1 – *Não, esse aqui é o “Ki Coisa Linda”.*

Homem 2 – *Como assim, cara?!*

Homem 1 – *É o bloco “Ki Coisa Linda”, porra!*

Homem 2 – *Mas... eu tava no Amigos da Onça.*

Homem 1 – *Não.*

Homem 2 – *Onde é que vai parar isso aqui?*

Homem 1 – *Isso aqui a gente vai até o centro de Vitória e vai contornar ali pra pegar em direção à Vila Velha.*

Homem 2 – *Vitória o quê, você quer dizer?! Vitória, Espírito Santo?*

Homem 1 – *É, porra! Tu achou que tu tava onde?*

Homem 2 – *No Rio, cara! Achei que eu tava na Lapa.*

Homem 1 – *Lá não tem carnaval, na Lapa, desde março. Tá maluco?*

Homem 2 – *Como assim desde março, cara?! A gente tá em que mês?*

Homem 1 – *É maio. Ele tá doido. Tá bêbado. Vamos embora.*

Homem 2 – *A gente tá em maio já, cara?!*

Homem 1 – *Ué, claro que tamos em maio.*

Homem 2 – *Ué, mas é porque eu saí, eu estava em fevereiro. Não sabia nem que tinha bloco em maio, cara!*

Homem 1 – *É que o negócio é o seguinte... Claro que tem. Tem bloco sempre, porque tem o pré-carnaval, tem o carnaval, tem o pós-carnaval, tem o ressaca, tem o pós-ressaca e tem o bloco de Dia das Mães, que já mete um "Mamãe eu Quero" aqui.*

Homem 2 – *Eu tenho que voltar. Não sabia nem que tinha esse carnaval.*

Homem 1 – *Não volta, não. Fica. Por que...*

Homem 2 – *Eu trabalho, cara!*

Homem 1 – *Ih, já era o trabalho. Trabalho aqui é o que não falta. Tá vendo ele ali?*

Homem 2 – *Hum?*

Homem 1 – *Aquele lá trabalhou 20 anos na Petrobras. Emprego fixo, remunerado legal, INSS, 13°. Entrou no Bloco “Tô de Boa”, em São Paulo, tá aqui agora. Nunca mais voltou.*

Homem 2 – *Tadinho, cara! Olha o cara...*

Homem 1 – *Tadinho nada! Casou com a Fátima. Cadê ela? Lá no Galo da Madrugada em Recife. Porra, abriram um comércio de sacolé, tão tirando dez pau por mês...*

Homem 2 – *Ah, é?*

Homem 1 – *Só aqui na base do bloco. Tiveram dois filhos lindo, um em Tiradentes, outro em Ouro Preto. Dois carnaval consecutivo, porra.*

Homem 2 – *Tô sabendo, mas é que eu tenho que voltar pro Rio, cara!*

Homem 1 – *Olha ela linda aqui, hein!*

Homem 2 – *Eu não avisei ninguém que ia tá aqui. Pessoal deve tá preocupado, cara.*

Homem 1 – *Traz o pessoal, porra. Faz o seguinte, vamos fazer o seguinte: vamos com a gente aqui, a gente vai emendar aqui, você vai 10km com a gente, a gente vai*

*cruzar com o Boi Tolo. Aí tu pula pro Boi Tolo...*

Homem 2 – *Ah, o Boi Tolo tá voltando pro Rio?*

Homem 1 – *Eles tão fazendo como quem volta, eles vão pegar a BR-101, aí eles vão voltando e vão passar em Macaé. Lá tu faz um overnight, pula pro “Bloco do*

*Pecado”...*

Homem 2 – *Hum...*

Homem 1 – *Aí o Bloco do Pecado vai em direção, pegar Niterói - Manilha, vai chegar Rio de Janeiro, tu vai ver um monte de gente de branco junto na rua, assim.*

Homem 2 – *Que bloco é esse?*

Homem 1 – *Não, isso não é bloco. É a Marcha pra Jesus, porque é Rio de Janeiro, não tem mais bloco. Vamos embora, minha gente, que é “Mamãe eu Quero”. A mamãe quer!*

Homem 1 – *Ah, vou ficar aqui mesmo. Foda-se.*

Todos – *“Mamãe, eu quero mamar  
dá a chupeta, dá a chupeta...”*

Homem 2 – *Opa! **Amigo**, todo bem?*

Homem 3 – *Hola, tudo bien?*

Homem 2 – *Desculpa, eu tô meio perdido, onde é que a gente tá?*

Homem 3 – *Este vá a Acapulco, **hermano!***

Homem 2 – *Acapulco o quê? No México?*

Homem 3 – *É lo Bloco de los Muertos. Ándale! Ai, ai, ai!*

Todos – *“La cucaracha, la cucaracha...”*

Ambiente de escritório muito informal.

Chefe – **Ô, ô, ô, ô**, vai ter revanche isso aí, hein! Ah, **seus merda!** Pingue-pongue tem que ter três rodadas pra esquentar. (Dirigindo-se a funcionários que não aparecem na cena)

Fala aí, **Jorge!** Tá ocupado? (Dirigindo-se ao funcionário que está trabalhando)

Jorge – Opa, **chefe!** Na verdade, tô. Eu... Eu até ia pedir, por gentileza, pedir um pouco de silêncio. Esses cachorros latindo, todo mundo falando...

Chefe – Então, **Jorge**, eu tô precisando conversar com você.

Jorge – Mas tem que ser agora? É mais por conta desse trabalho que eu tô terminando hoje. Vai tá na sua mesa mais tarde...

Chefe – Tá vendo? É por isso que a gente tem que conversar.

Jorge – Sobre as planilhas?

Chefe – Por causa de você, **Jorge!** Olha pra você, **cara!** Porra, a gente trabalha no Google, **cara!** Isso aqui é uma empresa colaborativa, moderna, sustentável, pet friendly...

Jorge – O quê que tem?

Chefe – **Ô, Miro!** Qual é, **Miro?** Porra, ca... Eu tô na próxima aí, quem errar vira um chope.

Miro – Manda aí, manda a bola aí.

Chefe – Valeu? (Falando com Miro)

E aí que você não tá se enquadrando. Nós estamos muito decepcionados com seu desempenho nessa empresa. (Falando com Jorge)

Jorge – Não, não. Desculpa, peço licença, meu desempenho, não! A semana inteira entregando tudo que o senhor pediu certinho. Cada planilhazinha tava na sua...

Chefe – Planilha, **Jorge!** Pois é... Planilha? Eu tô falando de planilha? Tá vendo como você não tem foco nas coisas? Tô falando do FIFA 18, do campeonato de Fortnite no nono andar, **cara!** Tô falando da sinuquinha ali na copa. **Jorge**, você não tem nem nota lá no videokê da cantina, **cara!**

Jorge – Porque o senhor me contratou pra trabalhar, né?

Chefe – Sim, pra trabalhar, mas isso aqui é o Google, porra! **Cara**, isso aqui já vai tudo no robô, tudo automático. Os robôs que fazem o trabalho pesado... **Jorge**, nosso trabalho aqui é muito mais do que isso, **cara!** Nosso trabalho aqui é sentar e fazer...

Jorge – *Planilha?*

Chefe – *O mundo melhor!*

Jorge – *Desculpa, **chefe**. Como é que faz isso? Eu nem sei se...*

Chefe – *Basicamente, jogando com a gente e usando roupa de brechó.*

Jorge – *É que não tem a ver, a roupa de brechó e essas coisas não tem a ver comigo.*

Chefe – *Por isso que você tá sendo demitido agora.*

Jorge – *O quê?!*

Chefe – *Demitido.*

Jorge – ***Chefe**, não, por favor!*

Chefe – *Eu mesmo podia fazer a tua papelada de demissão, mas eu tô super pegado com o vôlei aqui da galera essa semana, tem também o chuveirão lá no terraço, concurso de Batatinha Frita 1, 2, 3, não vai dar. A Tati faz pra você.*

*Tati! Faz a papelada do Jorge aqui de demissão.* (Falando com a funcionária)

Miro – *A Tati tá no pique-esconde agora.*

Chefe – *A Tati, quando se esconde, é foda.*

Jorge – ***Chefe**, por favor...*

Chefe – *Faz você mesmo. Pode ser, **Jorge**?*

Funcionária – *Tá contigo!*

Chefe – *Tá com ele não, porque ele tá fora da brincadeira.* (Falando com um funcionário que coloca a mão em Jorge)

*Ó, sou eu agora, hein. Vocês tão muito fominha.* (Falando com um grupo de funcionários que joga em outra parte da sala)

...

Entra Jorge em uma sala em que o chefe joga com um funcionário.

Chefe – *L, X, A, tá vendo? Isso aqui, ele dá o passe ali.*

Jorge – *Opa.*

Chefe – *Oi.*

Jorge – *Licença.*

Chefe – *Veio pra vaga do marketing?*

Jorge – *Isso. De marketing.*

Chefe – *Tá certo... Eu te conheço de algum lugar, não?*

Jorge – *Acho que não, é que eu tenho um semblante comum, que chama.*

Chefe – *Ah, tá.*

*Você trouxe seu currículo?*



Jorge – *Não, não trouxe.*

Chefe – *Não trouxe?*

Jorge – *Não, mas eu trouxe... é ... bastão de tecido.*

Chefe – *Cadê?*

Jorge – *Tá aqui. Só um segundo... Saiu! Eu faço isso. (Risos)*

Chefe – *Tá contratado.*

Jorge – *Obrigado. Sério?*

Chefe – *Tá. Vai aqui, ó, ó, ó ... ó! (Falando com o outro jogador)*

ANEXO H – Enzo

2'17''

09.02.2019

Funcionário – *Oi, **querida**, tudo bem? Não esquece de reboninar a fita, não, tá? Tchau.*

(Funcionário do cartório fala ao telefone)

*É... **Próximo**. (Dirigindo-se aos clientes)*

Cliente 1 – *Opa! Sou eu, desculpa. Com licença. Boa tarde!*

Funcionário – *Boa tarde.*

Cliente 1 – *Tudo bem? Eu vim registrar meu filho, por favor.*

Funcionário – *É ... Qual é o nome do pai?*

Cliente 1 – *Ué... Não assiste televisão, então. Edson Celulari.*

Funcionário – *E, e o nome da criança?*

Cliente 1 – *É ... Eu vou colocar...*

Surge um homem do futuro.

Homem do futuro – *Pare, **Edson Celulari!***

Cliente 1 – *Que que é isso? Quem é você? Desculpa.*

Homem do futuro – *Não ouse fazer isso!*

Cliente 1 – *Isso o quê? Perdão.*

Homem do futuro – *Registrar o Enzo Zero.*

Cliente 1 – *Mas eu não vou registrar meu filho? Como assim?*

Homem do futuro – *O primeiro Enzo. A origem do cataclismo.*

Cliente 1 – *Sim. Desculpa, **querido**. Esse é o nome que eu escolhi com a Cláudia, e eu tô aqui...*

Homem do futuro – *Você não sabe a merda que vai dar se você der o nome do seu filho de Enzo!*

Cliente 1 – *Tá, ok. Então você me explique, por favor, porque eu não tô entendendo. Aliás, quem é você?*

Homem do futuro – *Eu sou o Enzo 474.592.119 e vim do futuro.*

Cliente 1 – *Ê, caramba!*

Homem do futuro – *Daqui a 30 anos todo mundo vai amar esse nome que você escolheu.*

*E em 50 anos 1/3 da população vai ser chamada de Enzo. Em 100 anos todos nós seremos Enzo. A humanidade vai perder a sua identidade.*

*Exércitos de Enzo vão tomar a rua. Milhões de Enzos vão morrer! Em uma guerra em que Enzo mata Enzo. E a humanidade vai ser extinta!*

Cliente 1 – *Calma, calma. Pera aí! E se colocar Bento? Muda alguma coisa?*

Homem do futuro – *Porra, se botar Bento o final é igual.*

Cliente 1 – *Gente!*

Homem do futuro – *Não vai dar certo, não.*

Cliente 1 – *Eu não sei... Benício! A Cláudia adora Benício! De repente, Benício...*

Homem do futuro – *O que tu acha de Wallace? Wallace é bacana.*

Funcionário – *Com "u", ó: Uólace!*

Cliente 1 – *Uólace?*

Homem do futuro – *Uólace com "u" vai ficar show de bola, pô!*

Cliente 1 – ***Gente***, olha... *De verdade, desculpa, eu entendo. Mas é porque é um nome escolhido com muito carinho. Po... não, dá licença. Pode registrar como Enzo!*

Homem do futuro – *Não. Não!*

Cliente 1 – *"Não" porra nenhuma! Não atrapalha, não! Respeita a minha história.*

*Por favor! É "Quatro por Quatro", "Fera Ferida", caramba! É quanta coisa que a...*

Funcionário – *Olha... Esse garoto aqui vai ser valente, hein!*

Cliente 1 – *Opa, obrigado, querido.*

Cliente 2 – *Valente!*

***Amor***, *o que você acha...* (Mulher falando com seu marido)

Surge uma mulher do futuro.

Mulher do futuro – *Valentina é o caralho!*

...

Em uma festa ao ar livre.

Mulher – ***Enzo!***

Todos os participantes homens da festa olham para atender ao chamado.

Mulher – *Não! O outro! Enzo 9.734.801.*

Enzo – *Ah, aqui. Tudo bem? Bom Enzo pra você.*